



CUSTO DE VIDA

Despesas com moradia desafiam o orçamento doméstico mensal

Primeira matéria de série especial mostra como os paraibanos administram os gastos com habitação. **Página 17**

Foto: Julio Cezar Peres



Campina Grande vive clima de preparativos para o São João

Tradicional festa da cidade começou a ganhar cenários e decoração para receber o público, a partir do dia 3 de junho, no Parque do Povo (foto), no Parque Evaldo Cruz e no túnel que liga os dois espaços. Ao todo, 15 palcos serão montados nos locais, incluindo também a Vila do Artesão e os distritos de Galante e São José da Mata.

Página 8

■ “Mesmo sem qualquer registro no calendário, as celebrações do 13 de maio de 1888 continuam sendo as mais celebradas da história dos brasileiros”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

Projeto promove a cultura de paz em escolas pessoenses por meio da arte

Iniciativa busca incentivar formas de convivência baseadas no respeito, no diálogo, na resolução de conflitos e na empatia.

Página 3

Códigos ajudam a salvar mulheres de situações de perigo e violência

Popularização dos sinais de socorro, criados para comunicar ocasiões de risco, amplia o alcance entre as vítimas.

Página 7

Editais somam mais de mil vagas nas prefeituras de CG e Sobrado

Oportunidades para cargos de níveis médio, técnico e superior têm salários que variam de R\$ 1,6 mil a R\$ 9,6 mil.

Página 16

Mergulhador veterano relata experiências em naufrágios na PB

Aos 80 anos, o engenheiro George Cunha conta histórias de aventuras e descobertas no fundo do mar.

Página 25

■ “Pessoas, milhares, dizem que estão perplexas como o mundo tomou outro rumo. Ledo engano. Isso sempre existiu”.

Kubitschek Pinheiro

Página 10

Palmeiras-imperiais atravessam décadas como símbolo do paisagismo

Cerca de 2.200 unidades da espécie estão espalhadas em áreas públicas da capital paraibana desde os anos 1920.

Página 5

Foto: Evandro Pereira



■ “As terras raras hoje fazem parte da geopolítica mundial. O Brasil busca aumentar sua produção e reduzir a dependência de outros países”.

Claudio Furtado

Página 19

Ancelotti anuncia, amanhã, os nomes convocados para a Copa do Mundo

Lista da Seleção Brasileira com os 26 atletas que disputarão o Mundial nos EUA, México e Canadá, de 11 de junho a 19 de julho, será divulgada durante um evento para imprensa, patrocinadores e convidados, no Museu do Amanhã, no Centro do Rio de Janeiro, às 17h. A principal expectativa é sobre a convocação de Neymar.

Página 21



Ilustração: Tonio

Editorial

Simbologia do Satã 2

Estimativas das Nações Unidas dão conta de que mais de 120 milhões de pessoas em todo o mundo sobrevivem fora de seus países de origem devido a perseguição, conflitos, violência, violações dos direitos humanos e eventos que perturbam gravemente a ordem pública. Muitos refugiados recebem ajuda de governos ou instituições humanitárias. A maioria, porém, sofre com desemprego e precárias condições de vida.

O *Relatório Global sobre Crises Alimentares de 2026*, das Nações Unidas, revelou que a insegurança alimentar aguda dobrou na última década, permanecendo altamente concentrada, com apenas 10 países abrigando dois terços de todas as pessoas afetadas. Ressalte-se que, somente no ano passado, mais de 35 milhões de crianças foram vítimas de desnutrição aguda, incluindo quase 10 milhões em quadro considerado severo.

No que diz respeito à crise climática global, o relatório *Estado do Clima Global 2025*, divulgado em março pela Organização Meteorológica Mundial (OMM), agência das Nações Unidas, constatou que o desequilíbrio energético da Terra atingiu o maior nível desde o início dos registros, em 1960. Significa, na prática, de acordo com o documento, que o planeta não apenas continua acumulando calor, como também está acelerando esse processo.

O genocídio e a destruição da infraestrutura física praticados por Israel na Faixa de Gaza contra o povo palestino continuam. Milhares de mortos e feridos e milhões de desabrigados protagonizam essa que é considerada uma das maiores tragédias humanitárias do planeta. O quadro piora ainda mais com as agressões de Israel ao Líbano, sob a alegação de que está combatendo o Hamas, e o “cerco” dos Estados Unidos da América ao Irã.

Enquanto milhares de pessoas morrem, são traumatizadas ou desterradas em várias regiões da Terra, o que fazem, por exemplo, as três maiores potências econômicas e militares do planeta, no caso, EUA, China e Rússia? Digladiam-se, de variadas formas — por enquanto, menos o confronto militar direto —, com o objetivo de garantir as bases materiais do desenvolvimento e a ampliação de seus interesses ideológicos e comerciais.

As incertezas geopolíticas estariam mais associadas às ações empreendidas pelo presidente dos EUA, Donald Trump, no sentido de deter o avanço da China, de maneira a restaurar o pleno domínio militar e comercial ianque, como está acontecendo na América Latina. Já a Rússia, o que faz, além de infernizar a vida do povo ucraniano? Em outras palavras, anuncia que o míssil Satã 2 está pronto para explodir em qualquer lugar do planeta.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

“Dia do Fico” paraibano

A notícia caiu como uma bomba no Estado. No dia 5 de maio de 1978, o ministro José Américo de Almeida, em entrevista concedida a um jornal do Sul do país, manifestou o desejo de deixar a Paraíba. Ele anunciou o propósito de vender sua mansão no Cabo Branco e fixar residência em Petrópolis, no Rio de Janeiro.

A decisão teria sido tomada em razão de declarações de aliados políticos de Milton Cabral e Antônio Mariz, que haviam sido preteridos na escolha para o governo estadual. Acusavam o ministro de ter trabalhado nos bastidores em favor da indicação de Tarcísio Burity, prejudicando as candidaturas dos outros dois nomes.

Ao declarar sua mágoa com as acusações, José Américo expressou-se de forma contundente:

“Nesta altura da vida, preciso, acima de tudo, de paz de espírito. Por isso abandonei a política, que é, por natureza, trepidante. O pior dos desgostos emocionais é a indignação, e nada nos fere mais que a injustiça. Tenho feito tudo para alhear-me da vida partidária, que nada tem a oferecer-me. Esperava levar aqui uma vida tranquila, lendo e escrevendo. Infelizmente, porém, por mais que eu vivesse retirado da política, sem nenhuma ambição, lancem-me a culpa de atos que sou incapaz de praticar. Na idade extrema em que estou, preciso resguardar-me de emoções, e a pior delas é a indignação”.

Como era de se esperar, o desabafo público causou comoção entre os paraibanos, que o consideravam a maior referência política e intelectual do estado. As reações para dissuadi-lo foram imediatas. Parlamentares de diversos partidos formularam apelos para que o ministro reconsiderasse a decisão, tomada em um impulso emocional de desencanto.

Na Assembleia Legislativa, o presidente da casa, deputado Nominando Diniz, liderou o movimento afirmando:

“José Américo, que é nosso orgulho, não pode deixar a terra que o viu nascer e que ele serviu com tanto amor e devotamento. Meu apelo traduz os anseios de toda a Paraíba”.

Até mesmo o deputado Manoel Gaudêncio, um dos mais destacados aliados de Antônio Mariz, declarou: “Em consequên-

cia de um mal-entendido, não se pode admitir que José Américo deixe a Paraíba”.

Seguiram-se manifestações de apoio de diversos parlamentares, entre eles Antônio Montenegro, Soares Madrugá, Francisco Soares, Frei Marcelino, Rui Gouveia e Edme Tavares.

O presidente da Academia Paraibana de Letras, Aurélio de Albuquerque, organizou uma comitiva de acadêmicos para visitar a residência do ministro no Cabo Branco. O grupo era composto por figuras ilustres como: ministro João Lyra Filho, desembargador Mário Moacir Porto, escritor Juarez da Gama Batista, poeta Celso Novaes, professor Afonso Pereira, Lauro Xavier e Eugênio de Carvalho.

Ao final do encontro, Aurélio de Albuquerque teria perguntado:

— Ministro, o senhor não poderia dar uma declaração tal como o ‘Dia do Fico’?

Ao que José Américo, com seu conhecido engenho verbal, respondeu:

— Fico não; ficaram-me.

Sensibilizado pelo apelo coletivo, José Américo decidiu permanecer em sua casa no Cabo Branco, local onde hoje funciona a Fundação Casa de José Américo. E assim, para o alívio do estado, ele permaneceu em solo paraibano até o fim de seus dias.

“

Ele anunciou o propósito de vender sua mansão no Cabo Branco e fixar residência em Petrópolis, no Rio de Janeiro

Foto Legenda

Evandro Pereira



Vestígios da história

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

O 13 de maio

Mesmo sem qualquer registro no calendário do dia a dia, extinto o feriado no alvoreço de 1930, as celebrações do 13 de maio de 1888 continuam sendo as mais celebradas de toda a história cívica dos brasileiros. “Durante um mês inteiro, os comícios patrióticos, as passeatas, as marchas, as sessões magnas, os espetáculos de gala, os bailes e os concertos se multiplicando pelas cidades sob o contínuo repicar de sinos e o crepitar de girândolas intermináveis”. É assim que um negrinho de 11 anos, nascido antes do Ponto de Cem Réis, cinquenta anos depois, consegue descrever os dias apoteóticos de toda a nação, tanto de libertos como de libertários, que se seguiram dia após dia ao 13 de maio, hoje data fora dos calendários ou de qualquer registro na era das comunicações. Eis José Maria dos Santos.

Sabe-se que o contingente negro na Guerra do Paraguai foi o de maior peso. E foi a eles, aos negros, pouco antes de começar a travessia do Rio Paraná, que o general Osório, ao passar em revista o seu exército, repetiu os termos de uma breve ordem do dia que assim se resumia: “Soldados! É difícil a missão de comandar homens livres: basta mostrar-lhes o caminho do dever: o nosso caminho está ali em frente”.

Aquela bem acolhida e feliz expressão “homens livres” teve sobre a tropa o efeito de uma eletrização inesperada e irresistível. “Os homens, sem distinção de cor e de raças, abraçavam-se a rir e a chorar como crianças, prorrompendo logo em estrondosas aclamações ao seu grande chefe” — são suas palavras ainda impressas num livro de papel encardido pelo tempo, *Os Republicanos Paulistas e a Abolição*, livro que José Maria escreve sob o ângulo da luta abolicionista em São Paulo fervorosamente iluminada e fermentada pela poesia social de Luiz Gonzaga da Gama, nascido escravo, a que aderem as lideranças não só intelectuais como políticas de então, destacando-se o fazendeiro Antônio Bento a garantir abrigo e trabalho remunerado aos escravos que conseguiam escapar fugidos com o apoio da campanha dos seus *caifazes*.

Foi lendo uma antologia brasileira de contos de 1957, organizada sob o critério re-

“

Foi lendo uma antologia brasileira de contos de 1957, organizada por Graciliano Ramos, que nos surpreendemos com o nome de José Maria dos Santos a representar a Paraíba

gional por Graciliano Ramos, que nos surpreendemos com o nome de José Maria dos Santos a representar a Paraíba. Nem José Américo, nem José Lins do Rego, José Vieira ou Allyrio e sem qualquer nota biográfica comum às seletas. Até que surgiu, em 1960, seu último livro, *Bernardino de Campos e o Partido Republicano Paulista* com uma nota de orelha que, além de sua origem, já fazia denotar a importância e o tipo de espírito do autor. Tratei de ver quem era.

Com a pesquisa inicial há tempo levantada por Eduardo Martins, consegui compor um perfil que fizesse parte da série reunida por A União editora — *Os Paraibanos do Século* — sob o formato de plaqueta. Decorridos vinte e cinco anos, formada uma nova geração de leitores, julguei que o interesse pela obra desse grande paraibano não esteja esgotado. A Política Geral do Brasil, considerada obra de referência, vem sendo reeditada e reimpressa em Belo Horizonte. Já *O Partido Republicano Paulista e a Abolição*, da antiga Livraria Martins Editora, S. P, 1942, é que estará a exigir interesse dos nossos órgãos culturais em trazê-lo de volta, por amor aos nossos valores, sobretudo numa fase em que, da brochurazinha maltratada de 1928 passamos a um centro editorial em condições de competir com qualquer mercado.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA-PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO

Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Veiga
GERENTE-EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

ATRAVÉS DA ARTE

Projeto discute sobre a cultura de paz em escolas

Atividade é voltada para crianças e adolescentes em comunidades vulneráveis

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

O projeto Germinando Paz e Artes tem promovido a discussão sobre a cultura de paz para comunidades socialmente vulneráveis e escolas públicas de João Pessoa por meio da arte, da educação e da convivência coletiva. A iniciativa surgiu a partir do Projeto Universidade em Ação (PUA), que faz parte da atividade de extensão e pesquisa vinculada ao curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em 2015, com a proposta de transformar reflexões acadêmicas em ações práticas voltadas para a realidade social de crianças, adolescentes e famílias da capital paraibana.

Atualmente, o projeto atua como um braço do Embaixadores do Riso, iniciativa da organização Palhaços Sem Fronteiras, conhecida internacionalmente por desenvolver ações humanitárias

por meio da arte do riso e da linguagem circense em territórios marcados por vulnerabilidade social, conflitos e exclusão. Em João Pessoa, o trabalho tem buscado fortalecer vínculos comunitários e incentivar formas de convivência baseadas no respeito, no diálogo, na resolução de conflitos e na empatia.

“Existem correntes no pensamento sobre relações internacionais que interpreta que mundo não tem que ser só visto por meio de fronteiras, mas, sim de comunidades. Uma insegurança em um lugar na verdade não é uma insegurança só dali. Ela é uma insegurança internacional. Já que todos nós fazemos parte de uma mesma comunidade que é o mundo. Mas que depende das fronteiras. Então isso justifica, vamos dizer, uma ação local ser também uma ação internacional.”, explica Luiz Eduardo Santos, um dos monitores do projeto.

A proposta do Germinando Paz e Artes parte do entendimento de que a construção da paz não acontece apenas em grandes acordos internacionais, mas também nas relações cotidianas entre as pessoas. Se o escritor russo Liev Tolstói defendia que, para ser universal na literatura, era necessário falar primeiro da aldeia onde se vivia, o projeto Germinando Paz e Artes inspira-se na ideia do autor de *Guerra e Paz* para construir uma espécie de caminho no qual as transformações internacionais passam pela intervenção local.

Por isso, o projeto aposta em ações nas comunidades onde ele está inserido, desenvolvendo atividades diretamente dentro das comunidades e das escolas públicas, como forma de estimular mudanças sociais, a partir dos próprios indivíduos. A ideia é que a cultura de paz seja construída de baixo para cima, começando nas experiências pessoais e coletivas, até alcançar impactos mais amplos na sociedade.

Maria Fernanda Cavalcanti também é uma das professoras do projeto e integra as intervenções nas escolas e comunidades. Formada em Relações Internacionais na UEPB, ela compreende que esse fomento da cultura de paz localizada, como impulso para uma mudança cultural que possa modificar no futuro a construção de relações interpessoais e, a partir disso, as internacionais.

“Os estudos de paz são uma espécie de subcampo das Relações Internacionais. Que é o subcampo de segurança nacional. A gente está muito ligado a isso. É uma compreensão que a gente precisa primeiro pensar o local. Porque na verdade é tudo uma estrutura. Então se há violências aqui em João Pessoa é porque há uma violência estrutural no mundo todo. Então a gente precisa meio que ir apagando esses focos de violência.

gem artística tem sido utilizada como ferramenta de aproximação social, principalmente entre crianças e jovens que convivem diariamente com contextos de violência, desigualdade e ausência de oportunidades. Os organizadores destacam que o trabalho busca mostrar que a paz não deve ser entendida apenas como ausência de guerra ou conflito, mas como a construção permanente de relações mais humanas, justas e inclusivas. A atuação em João Pessoa também objetiva intensificar o papel da universidade pública como agente de transformação social, aproximando conhecimento acadêmico e ações comunitárias.

mas locais. Por isso, a paz tem que ser gerada, costurada entre todos os níveis. Um papel por si só não gera a paz. Trabalhamos, a partir dessa perspectiva, com a arte como forma da construção da paz. Já tivemos a presença do cantor e compositor Escurinho e da musicista Dona Roxa em atividades, e a minha é ideia é levar vários artistas de diversas artes, para que os jovens possam ter mais referências”, analisou.

Além das oficinas, o projeto promove rodas de conversa, apresentações artísticas e atividades educativas que estimulam o diálogo sobre direitos humanos, diversidade, solidariedade e cidadania. A linguagem artística tem sido utilizada como ferramenta de aproximação social, principalmente entre crianças e jovens que convivem diariamente com contextos de violência, desigualdade e ausência de oportunidades. Os organizadores destacam que o trabalho busca mostrar que a paz não deve ser entendida apenas como ausência de guerra ou conflito, mas como a construção permanente de relações mais humanas, justas e inclusivas. A atuação em João Pessoa também objetiva intensificar o papel da universidade pública como agente de transformação social, aproximando conhecimento acadêmico e ações comunitárias.

Ações incentivam a criatividade dos estudantes

Já foram várias as unidades educacionais públicas que receberam atividades do projeto, em João Pessoa, em bairros como Ilha do Bispo, Varadouro, Cristo, Bairro das Indústrias, Castelo Branco, entre outros.

Dentro das escolas, uma das principais atividades realizadas são as oficinas de circo, que utilizam elementos como malabares, palhaçaria, expressão corporal e jogos cooperativo, lúdicos, para trabalhar questões ligadas à convivência, autoestima e resolução pacífica de conflitos. As atividades também incentivam a criatividade, o trabalho em grupo e o fortalecimento emocional dos estudantes, criando ambientes mais acolhedores dentro do espaço escolar.

Professor da graduação e da pós-graduação em Relações Internacionais na UEPB, Paulo Kulhman é um dos coordenadores do projeto e atua como palhaço nas atividades no Germinando Paz e Artes. Ele participa das aulas e acredita que é importante levar outras referências artísticas para dentro desse encontro com a juventude, para que novas referências sejam criadas na vida dos estudantes e dos moradores de comunidades.

“Os acordos de paz, após as guerras, costumam ser entre autoridades, e isso não proporciona a paz, se não for resolvido de uma maneira definitiva os proble-



Foto: Carlos Rodrigo

Nas escolas, uma das principais atividades são as oficinas de circo que utilizam malabares, palhaçaria e expressão corporal

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

O charme do reacionário e o fracasso da pauta

Há algo de profundamente errado quando um veículo de imprensa, em tese comprometido com a informação de qualidade, decide dar palanque a um personagem como Juliano Cazarré. Não se trata de cerceamento da liberdade de expressão, mas de uma escolha editorial tão preguiçosa quanto perigosa: a de tratar como opinião legítima aquilo que é apenas repetição de mentiras e falácias mastigadas pela bolsa misógina da internet.

Cazarré, que se apresenta como uma espécie de guru tupiniquim da masculinidade *redpill*, trouxe para a entrevista o cardápio completo do que há de pior no movimento masculinista contemporâneo. Começou com a pérola: “mulheres também matam homens”. E aí já se revela a primeira artimanha retórica: o famoso *whataboutism*. Sim, mulheres matam homens. Em números tão ínfimos perto dos feminicídios que a comparação é, por si só, uma piada de mau gosto. Mas o problema não é apenas estatístico é conceitual.

Quando uma mulher mata um homem, na esmagadora maioria das vezes, é depois de anos de violência doméstica, ameaças, tentativas de se proteger e de proteger os filhos. É a legítima defesa no limite do suportável. Quando um homem mata uma mulher, a motivação costuma ser o sentimento de posse, a recusa à separação, o “se não é minha, não é de ninguém”. São naturezas distintas. Colocá-las no mesmo balaio é ignorar que vivemos numa sociedade onde 70% das vítimas de homicídio são homens, sim fato, mas onde 90% dos autores também são homens. Os homens matam homens. As mulheres matam, quando matam, por sobrevivência.

A fala de Cazarré não é apenas leviana: é uma *fake news* emocional. Ela aproveita-se de um dado verdadeiro (mulheres matam) para construir uma mentira gigantesca (a violência feminina contra homens é equivalente à masculina contra mulheres). E o jornalismo que o

entrevista, em vez de desmontar essa armadura de falácias, muitas vezes, limita-se a registrar a “polêmica” como se fosse um debate de torcidas organizadas.

O movimento *redpill* e seus derivados masculinistas vivem de uma nostalgia frágil: a de um tempo em que o homem era o centro do mundo. Mas, como não podem mais dizer isso abertamente, recorrem ao vitimismo. “Homem também sofre”. Sofre, sim. E muito. Mas quem mais sofre com o machismo são as mulheres e também os próprios homens, engolidos pela exigência de serem provedores invulneráveis. A diferença é que os *redpills* não querem desmontar o machismo querem ser os novos donos dele.

O fracasso do jornalismo, nesse caso, é triplo: primeiro, ao dar espaço para um discurso recheado de distorções factuais, sem o devido contraponto rigoroso; segundo, ao tratar a misoginia como apenas mais uma “visão de mundo” no grande supermercado das ideias; terceiro, ao deixar de proteger sua própria audiência mais vulnerável, adolescentes e jovens adultos que, sem referencial crítico, podem acreditar que o problema da violência de gênero é “ambos os lados”.

Dar voz ao negacionismo da violência contra a mulher não é pluralismo. É negligência. É tão irresponsável quanto dar palco a quem diz que a Terra é plana. Só que, no caso da violência de gênero, o preço não é uma nota de rodapé num livro de geografia. É a vida de mulheres reais, que todos os dias morrem nas mãos de homens que pensam exatamente como Cazarré ensina.

E enquanto isso, o jornalista que o entrevistava sorri educadamente, como se o debate fosse apenas mais um capítulo do eterno “homem vs. mulher”. Não é. É sobre poder. É sobre morte. É sobre quem tem o privilégio de reclamar sem jamais ter sido caçado com uma faca no peito só por dizer “não”.

Que venham os próximos entrevistados. Mas que venham com fatos. E que a imprensa, por uma vez, faça o dever de casa: não bastar ouvir, é preciso também contraditar. Senão, vira palco para palhaço armado. E a platéia, infelizmente, sai sangrando.



A diferença é que os redpills não querem desmontar o machismo, querem ser os novos donos dele

entrevista, em vez de desmontar essa armadura de falácias, muitas vezes, limita-se a registrar a “polêmica” como se fosse um debate de torcidas organizadas.

O movimento *redpill* e seus derivados masculinistas vivem de uma nostalgia frágil: a de um tempo em que o homem era o centro do mundo. Mas, como não podem mais dizer isso abertamente, recorrem ao vitimismo. “Homem também sofre”. Sofre, sim. E muito. Mas quem mais sofre com o machismo são as mulheres e também os próprios homens, engolidos pela exigência de serem provedores invulneráveis. A diferença é que os *redpills* não querem desmontar o machismo querem ser os novos donos dele.

O fracasso do jornalismo, nesse caso, é triplo: primeiro, ao dar espaço para um discurso recheado de distorções factuais, sem o devido contraponto rigoroso; segundo, ao tratar a misoginia como apenas mais uma “visão de mundo” no grande supermercado das ideias; terceiro, ao deixar de proteger sua própria audiência mais vulnerável, adolescentes e jovens adultos que, sem referencial crítico, podem acreditar que o problema da violência de gênero é “ambos os lados”.

Dar voz ao negacionismo da violência contra a mulher não é pluralismo. É negligência. É tão irresponsável quanto dar palco a quem diz que a Terra é plana. Só que, no caso da violência de gênero, o preço não é uma nota de rodapé num livro de geografia. É a vida de mulheres reais, que todos os dias morrem nas mãos de homens que pensam exatamente como Cazarré ensina.

E enquanto isso, o jornalista que o entrevistava sorri educadamente, como se o debate fosse apenas mais um capítulo do eterno “homem vs. mulher”. Não é. É sobre poder. É sobre morte. É sobre quem tem o privilégio de reclamar sem jamais ter sido caçado com uma faca no peito só por dizer “não”.

Que venham os próximos entrevistados. Mas que venham com fatos. E que a imprensa, por uma vez, faça o dever de casa: não bastar ouvir, é preciso também contraditar. Senão, vira palco para palhaço armado. E a platéia, infelizmente, sai sangrando.

Adroilzo Fonseca

Secretário de Estado de Meio Ambiente e Sustentabilidade

“A educação ambiental vai muito além do conteúdo didático”



Em entrevista, gestor avalia os caminhos para consolidar a agenda ambiental do estado e incentivar a participação popular

Iris Machado
irmschdo@gmail.com

O futuro da política ambiental é a educação. Isso é o que acredita Adroilzo Fonseca, que assumiu o cargo de secretário de Estado de Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas) em abril deste ano. Formado em Administração pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e pós-graduado em Gerenciamento de Projetos pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), ele carrega uma longa jornada na gestão pública: foi gerente-executivo estadual de Fomento ao Crédito e de Planejamento Estratégico e secretário de Planejamento, Gestão e Finanças e de Desenvolvimento Econômico e Turismo em Cuité, no Agreste paraibano. Com a missão de dar seguimento aos esforços dos últimos anos na pasta, o gestor avalia os caminhos para consolidar a agenda ambiental do estado e incentivar a participação popular em entrevista ao jornal **A União**.

A entrevista

■ Como o senhor recebeu o convite para o cargo?

Toda a lógica do convite partiu de um projeto de continuidade, tanto do ex-governador João Azevêdo quanto do governador Lucas Ribeiro. Dentro desse pensamento, a Semas não divergiu. Eu já acompanhava a ex-secretária Rafaela Camaraense desde o início dessa missão, em 2023, quando a secretaria foi criada. Foram grandes desafios. A gente saiu exatamente do ponto zero. O que havia era uma secretaria executiva, com pouca estrutura dentro do contexto da época. Nós então partimos para montá-la, desde a formação das equipes à estrutura física, para chegarmos nos projetos, nas ações, que são o mais importante. Mas, neste momento, a gente precisa criar regulações e ajudar o governo na proposição de legislações, além de analisar o que está sendo produzido pelo Legislativo. A secretaria assume todas essas atribuições e passa também a ter uma relevância regional e nacional. Isso é muito importante que seja dito. A secretaria, embora nova, é muito necessária ao governo, dentro do estado da Paraíba e na interação com outros estados.

■ Quais são as suas prioridades à frente da pasta?

Manter a relevância da Paraíba no contexto regional e nacional. Destaco não só os projetos que estamos desenvolvendo, mas também a participação no Conselho Nacional do Meio Ambiente, o Conama, na Comissão Tripartite Nacional [CTN] e em outros espaços que a Paraíba vem ocupando, muito bem conduzidos pela ex-secretária Rafaela. Agora, eu tenho a missão de dar continuidade a esse trabalho na Associação Brasileira de Entidades do Meio Ambiente, a Abema, no Consórcio Nordeste e no Consórcio Brasil Verde. Dentro do estado, o desafio é ainda maior. Precisamos dar continuidade à implementação dos projetos que foram iniciados. Posso destacar dois grandes blocos. Um deles é na área de educação ambiental, que já é um sucesso: o Agente Jovem Ambiental [AJA]. Já atendemos dois mil jovens, e a previsão para esse ano é alcançar mais quatro mil. O outro é o programa Paraíba Mais Verde, que reúne cinco projetos, com foco na recuperação e restauração ambiental. Na Paraíba,

temos os biomas da Mata Atlântica e da Caatinga. Nosso desafio é apresentar um modelo de conservação aliado ao desenvolvimento sustentável. Não há por que haver conflito entre o desenvolvimento econômico do estado e nossas metas, nossa intenção de conservar a natureza. O que a gente precisa é sentar à mesa, construir a política pública e implementá-la para que haja esse desenvolvimento, principalmente na Caatinga, que ocupa pouco mais de 90% do nosso estado. Novos estudos identificaram que a Caatinga é um grande retentor de carbono, o que nos coloca dentro das discussões internacionais sobre o assunto. É esse papel que a gente faz e que a gente precisa trazer. Quando a gente fala de conservação, a gente fala também do desenvolvimento econômico, mas um desenvolvimento econômico sustentável. O modelo que a gente tinha, o mundo já viu que não dá certo. A sociedade mudou. Está mais atenta, muito mais crítica, cobra muito mais, e isso é bom.

■ Antes de assumir a secretaria, o senhor atuava como coordenador técnico da pasta. Como essa experiência contribuiu para esse momento de transição da titularidade?

Foi uma transição muito tranquila, porque a gente termina um pouco extravasando a função do cargo, pelo dinamismo da própria secretaria, e porque a pauta ambiental é apaixonante. A gente costuma dizer que aqui não tem muito essas “caixinhas”. Por exemplo, a Gerência de Resíduos Sólidos não trata só de resíduos sólidos, porque não dá para você isolar nenhuma pauta. A equipe de educação ambiental é completamente transversal. Nesse sentido, eu tinha como função criar o elo entre a área finalística, o gabinete e a área instrumental — o administrativo, o financeiro, a assessoria técnico-normativa. Eu transitava e contribuía em todas as áreas. Essa função multilateral, de conectar a parte estratégica de governo e as ações que estão na ponta, eu já cumpria, de certa forma. É claro que, assumindo o cargo de secretário, ganho novas atribuições e preciso repassar algumas demandas que eu tinha. Talvez a atribuição que me traga mais novidades seja a de representatividade. Embora já a trabalhasse em al-

guns fóruns, ela ganha muito mais espaço agora.

■ O senhor também é formado em Gestão e Planejamento Estratégico. Que tipo de abordagem essa trajetória traz para a condução da política ambiental no estado?

Eu andei por diversas áreas, fiz diversas formações, voltadas à parte de gestão, que me trouxeram para a Semas. Segui desde o tempo de faculdade, na Administração, mas também fiz o curso de Turismo e pós-graduações. Sempre gostei muito da área de planejamento e de finanças públicas, em que eu fui me aprofundando ao longo da carreira. Já trabalhei na Secretaria de Administração, na Secretaria de Planejamento e no Empreender PB. Quando fui trabalhar em Cuité, era uma mudança de gestão, um cenário de reestruturação das finanças no município. Talvez o que mais me mova seja esse gosto de conhecer coisas novas. O meio ambiente juntou um pouco disso, inclusive de coisas que eu não tinha nenhuma expectativa de atuar profissionalmente. Cheguei a atuar com o turismo de aventura, de certa forma, mas nunca imaginei que ia trabalhar com gestão de unidades de conservação. Na secretaria, a gente tem uma equipe multidisciplinar levada ao extremo. Faltam poucas formações para completar tudo que o MEC [Ministério da Educação] tem a oferecer, porque a gente tem biólogos, geógrafos, engenheiros ambientais, engenheiros florestais, administradores, contadores e jornalistas. Isso torna a Semas um ambiente de muito aprendizado. Embora as pessoas venham de diversas áreas profissionais, todas têm o mesmo propósito. Lembro que o ex-governador João Azevêdo falava que a gente tem nosso salário financeiro, que é necessário para cumprir nossas obrigações, mas tem um salário que vem de brinde, que é o salário moral. Esse salário moral, quando se trata do meio ambiente, é fantástico. Ver a política pública sendo construída, ver ela acontecendo, é muito bom. Como eu já tenho um tempo de vida na política pública de construção, olhar para trás, ver o que a gente acertou e que perdura até hoje é muito gratificante.

■ Quais áreas são mais urgentes dentro da agenda ambiental da Paraíba?

A transição climática. A gente já vem sofrendo não só com o aquecimento global, mas também com as grandes variações de temperatura e com a falta de precipitação, das chuvas, que são tão importantes aqui. A segurança hídrica é um valor muito caro para a Paraíba. Nós falamos das pessoas que moram nas grandes cidades, mas também daquelas que moram em cidades menores, que estão na Zona Rural. Criar e levar os projetos para essas pessoas é, sem dúvida, o desafio mais urgente. A gente precisa que essas pessoas sejam atendidas. O meio ambiente, sim, tem leis que precisam ser cumpridas, mas a gente também precisa trazer essas pessoas para o nosso lado. Por isso, a gente vai às escolas e diz aos jovens: “Agora é sua vez de falar. Construa, diga, por meio de um

projeto, o que a sua comunidade precisa”. Além de trabalhar com o protagonismo juvenil, a gente reconhece que quem conhece bem a realidade daquela comunidade não somos nós, mas, sim, quem está lá, convivendo e vivendo. A gente já consegue perceber essa mudança de lógica na juventude e é o trabalho que eu considero mais urgente na secretaria.

■ Há projetos para estimular ações no interior do estado? Quais?

Dentro do Paraíba Mais Verde, a gente tem o projeto Regulariza-PB, que trabalha com a regulação ambiental em um formato em que a gente vai até as comunidades. Nossa equipe tem ido não só às cidades, mas também aos assentamentos, aos sindicatos rurais e às comunidades, junto com as prefeituras, dialogando diretamente com a população. A gente abre o computador na frente do agricultor, mostra a programação da terra dele, discute, verifica. A construção do cadastro, seja atualização, seja retificação, é feita de forma conjunta. Em sequência, vem o Corredor das Águas, em que a gente utiliza os rios como corredores ecológicos para recuperação ambiental, com projetos já iniciados, que agora entram em fase de ampliação. Esses projetos são complementados pelos Viveiros Parahyba do Futuro, que buscam ampliar a produção de mudas, principalmente de espécies nativas no interior, onde há um déficit que já é percebido a partir das demandas dos municípios. A gente trata o municipalismo como fator fundamental. Tivemos uma grata surpresa — foram criadas diversas secretarias municipais de Meio Ambiente do ano passado para cá, com equipes técnicas excelentes. Os municípios, por meio das prefeituras e das secretarias, são nossos parceiros. Também temos o Lixão Legal, que atua na regularização das áreas de antigos lixões, com municípios em diferentes estágios de execução, e o Cidade + Verde, voltado à arborização urbana. A partir disso, a gente começa a conectar as demandas. As pessoas no interior já percebem o aumento do calor e cobram mais arborização. Essa demanda chega até nós. Temos trabalhado nisso, com previsão de lançar um manual de arborização e já apoiando prefeituras com mudas, orientação técnica e palestras. Porque o desafio não é plantar, é cuidar. Mais do que distribuir mudas, a gente precisa envolver a comunidade para que ela cuide, já que a equipe passa, mas quem permanece é a população local.

■ No campo da fiscalização, como tem sido a atuação em parceria com o policiamento ambiental?

A missão da secretaria é coordenar as ações de fiscalização. O Batalhão Ambiental, assim como a Sudema [Superintendência de Administração do Meio Ambiente], que tem uma divisão de fiscalização, são os executores da política de fiscalização. Utilizamos imagens de satélite para fazer os levantamentos e instaurar as operações. Utilizamos também os serviços de inteligência

da polícia. No controle de queimadas, temos uma parceria fantástica com o Corpo de Bombeiros, tanto no combate aos incêndios florestais quanto na prevenção. A gente tem atuado muito fortemente, principalmente quando chegam os meses de setembro e outubro, no Sertão, com baixa umidade, altas temperaturas e, por vezes, ventos fortes. Esse é o período em que alguns agricultores fazem uso do fogo e esse manejo, por vezes, causa incêndios florestais. O Batalhão Ambiental é um grande parceiro nessa ação, mas também contamos com o apoio da Polícia Civil e da Polícia Militar de forma muito expressiva. É uma ação de um governo integrado, de fato. A gente é apenas uma peça nesse mecanismo para fiscalizar, para atuar e para proteger o meio ambiente.

■ O que ainda precisa ser feito para consolidar a política ambiental na Paraíba?

A população já demanda ações e já percebe os efeitos da mudança climática, inclusive na qualidade de vida. Nossa missão é apresentar caminhos para essas pessoas. A educação ambiental é a grande chave nesse processo. A gente atua em parceria com a Secretaria de Educação [SEE-PB], a Secretaria de Saúde [SES-PB], a Aesa [Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba] e diversos outros órgãos, não apenas nas escolas, mas também em campanhas voltadas aos agricultores sobre o descarte correto de embalagens de agrotóxicos, que representam um grande risco à saúde pública. Trata-se de uma mudança geracional e conceitual. Não é no sentido de valorizar uma geração em detrimento de outra, mas, sim, de reconhecer o que está sendo perdido e resgatar saberes importantes, ao mesmo tempo em que se aproveita o que os jovens trazem. Há o desafio de integrar esse saber tradicional com o conhecimento acadêmico, com os institutos de Ensino Superior, valorizando o conhecimento local nos projetos desenvolvidos, e estimular rodas de conversa e trocas de experiências. Afinal, não é possível cuidar do meio ambiente sem conhecê-lo. O cuidado com a natureza não pode ser abstrato. Ele exige vivência e aproximação, para que as pessoas conheçam, experimentem e, assim, passem a valorizar o meio ambiente. A educação ambiental vai muito além do conteúdo didático. É uma transformação conceitual.

■ Que resultados o senhor espera deixar à frente da Semas?

Eu acredito que a consolidação da política pública de meio ambiente. O que nos enche de orgulho é pensar que, se a gente conseguir, com o passar do tempo, consolidar esses projetos, como o programa Paraíba Mais Verde, e deixá-los funcionando de forma estruturada, isso já será um grande avanço. Isso vem com outro desafio, que é garantir que a Paraíba jamais deixe de ter uma secretaria de meio ambiente, independentemente de quem ocupe esses espaços, porque ela é importante para o estado e precisa ser tratada com a devida relevância.

PALMEIRA-IMPERIAL

Espécie reina na paisagem pessoense

Há aproximadamente 2.200 exemplares espalhados pela capital, onde planta está presente desde a década de 1920

Samantha Pimentel
samanthahuniao@gmail.com

No Parque Solon de Lucena (Lagoa), um dos principais cartões-postais de João Pessoa, elas são presença marcante. Com sua altura e imponência, encantam quem passeia pelo lugar e ajudam a embelezar ainda mais a cidade. As palmeiras-imperiais também estão presentes em diversos outros espaços da capital, como avenidas, praças, canteiros e jardins. Ao todo, segundo a Secretaria Municipal do Meio Ambiente de João Pessoa (Semam-JP), são cerca de 2.200 delas espalhadas pelo município.

O engenheiro agrônomo e diretor de Controle Ambiental da Semam-JP, Anderson Fontes, reforça que o uso da espécie para o paisagismo consolidou-se no país por meio dos colonizadores portugueses. A partir disso, com o crescimento das cidades, aumentou também a preocupação com o embelezamento desses espaços. Nesse cenário, o uso das palmeiras no meio urbano fortaleceu-se em espaços como canteiros, praças, parques e jardins. “Lá no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, foi feita uma alameda com palmeiras, e isso influenciou as cidades a também trabalhar essa área de ordenamento de paisagem com palmeiras ao longo de todo o Brasil”, conta.

Em João Pessoa, as palmeiras-imperiais chegaram na década de 1920. “Daí em diante, o cenário de destaque, aqui, foi o Parque Solon de Lucena, nossa Lagoa, nosso cartão-postal. O ápice foi em 1926, quando a Lagoa se tornou parque e foi feito o plantio no anel interno, só com palmeiras-imperiais”, explica Anderson.

A partir daí, os pessoenses passam a desenvolver admiração, gosto e pertencimento para com a espécie. “Outro destaque também são as palmeiras do Parque Aruda Câmara, na Bica, em frente à administração, que é o metro quadrado de concentração de palmeiras mais próximas uma da outra do Brasil”, destaca o diretor da Semam-JP.

Ele pontua, ainda, que a



Foto: Evandro Pereira

Parque da Bica tem a maior concentração dessas palmeiras por metro quadrado do país

espécie também está presente nas avenidas Epitácio Pessoa e Dom Pedro II, na Praça João Pessoa e em outros espaços. Embora muitas delas sejam encontradas em calçadas, a orientação da Semam-JP é que as palmeiras não sejam plantadas nesses locais. “Principalmente a imperial, que cresce até 30 m de altura. Ela é ideal para jardins, áreas privadas e com paisagismo, como quintais, mas jamais para calçadas, onde a gente identifica que não tem condições de essas palmeiras se desenvolverem”, res-

salta. Além disso, por sua altura, a planta pode interferir em fiações elétricas, além de não gerar sombra e conforto térmico.

Já a manutenção das árvores é fruto de um trabalho contínuo de monitoramento, sobretudo nas unidades mais antigas. A prevenção é importante para combater ameaças às plantas, como fungos, cochonilhas e bicudos. “Nós fazemos todo um diagnóstico, que envolve a situação da área, a análise de como está a saúde, a estrutura de caule, a estru-

ra física, o sistema radicular, as condições de crescimento, as folhas. Isso serve para mostrar as condições de elas se desenvolverem. E o tempo de vida, sendo bem cuidada, pode chegar a mais de 100 anos, dependendo das condições sanitárias”, afirma Anderson.

População

Embora presentes no espaço urbano da capital há aproximadamente 100 anos, muitos moradores ainda desconhecem a espécie e têm dificuldade de identificá-la.

Esse é o caso de Marlene Pereira Alves, que acha lindas as árvores em volta da Lagoa, mas acreditava que se tratava de coqueiros. “Principalmente para tirar foto, acho muito bonito. Sempre gosto de passear por aqui, mas não sabia que eram palmeiras-imperiais. É bom que agora eu fiquei conhecendo essa espécie, não conhecia”, comenta.

Lucineide da Costa Xavier também reside em João Pessoa e não sabia identificar as plantas. “Eu venho aqui pela Lagoa quando preciso resolver algo no Centro, mas acho bonito o espaço, com as árvores. Só não sabia o nome dessa espécie”, destaca.

Apesar do desconhecimento de boa parte dos pedestres que cruzam o Parque Solon de Lucena, há outros moradores na capital que costumam procurar informações e orientações junto à Semam-JP sobre as palmeiras-imperiais. Conforme revela Anderson, esse é o caso de pessoas em condomínios, espaços comerciais e residências que têm interesse no plantio ou que já possuem espécies plantadas e cadastradas na secretaria.

Uma unidade para plantio, aliás, custa, em média, R\$ 1.500. “E qualquer pessoa pode procurar nosso canal

de atendimento, pelo aplicativo João Pessoa na Palma da Mão, para solicitar serviços de poda ou limpeza de árvores que estejam em espaços públicos, gratuitamente”, orienta o diretor da Semam-JP. No caso das árvores que estão em jardins ou outros espaços privados, a responsabilidade pela realização dos serviços é do proprietário e não do poder público.



Foto: Arquivo Pessoal



Ela é ideal para jardins e áreas com paisagismo, mas jamais para calçadas, onde não tem condições de se desenvolver

Anderson Fontes

Árvore adaptou-se ao clima tropical do Brasil

A palmeira-imperial, ou *Roystonea oleracea* (nome científico), é uma espécie nativa das Antilhas, vasto arquipélago da América Central. Ela está amplamente distribuída em países como Brasil, Colômbia e Venezuela, como explica Pietra Marques, bióloga do Jardim Botânico Benjamin Maranhão (JBBM). “No Brasil, a introdução dessa palmeira remonta ao século 19, onde Luiz de Abreu Vieira Silva, comerciante português aprisionado pelos franceses da Ilha de França, na época da sua detenção, adquiriu sementes de diversas espécies, dentre elas, da palmeira-imperial. Ao chegar ao Brasil, as sementes e mudas foram

presenteadas a dom João VI, que plantou a primeira espécie da palmeira em 1809 no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, tornando-se símbolo da aristocracia brasileira”, declara.

Ela é uma espécie solitária e de grande porte, podendo chegar a até 45 m de altura. “Seu estipe [tronco] é simples, colunar e liso, com dilatação em sua base principalmente quando jovem, podendo medir de 40 cm a 60 cm de diâmetro, apresentando coloração esbranquiçada. O final do estipe termina em um órgão verde e mais grosso, também conhecido como ‘palmito’, onde ocorre o ponto de crescimento da planta e de onde

emergem suas folhas pinadas, que variam de 3 m a 6 m de comprimento, sendo dispostas 16 a 22 folhas por coroa”, explica a bióloga.

Já as flores são brancas e pequenas, e surgem reunidas em cachos abaixo do palmito, com haste central medindo cerca de 1,5 m de comprimento. O período de florescimento ocorre na estação da primavera e a frutificação, no verão, sendo os frutos arroxeados, com polpa carnuda e uma semente única, conforme destaca Pietra.

No Brasil, a palmeira-imperial adaptou-se bem às condições climáticas e ambientais, principalmente devido à semelhança de clima quente e úmido com a sua re-

gião de origem, característica de áreas tropicais. “Além disso, a espécie apresenta crescimento rápido em solos férteis e com boa disponibilidade hídrica”, pontua a bióloga, que reforça que a espécie é indicada para cultivo em áreas amplas, que ofereçam espaço suficiente para o seu desenvolvimento. “Por ser uma espécie de grande porte, é indicada para a entrada de parques, fazendas, prédios públicos e outras construções, no paisagismo das cidades, entre ou ao redor de avenidas, evitando conflitos com fiações ou construções”, detalha.

A espécie também se adapta a diferentes condições climáticas, desde que o solo seja fértil e enriquecido com matéria orgânica. “Deve ser cultivada em local com intensa exposição solar e irrigação frequente, sem encharcar o solo. Mudas boas e saudáveis são essenciais para um ótimo crescimento da palmeira-imperial; sendo assim, a muda mais adequada para plantio deve apresentar de 1 m a 1,5 m de altura, e o seu berço deve ter o dobro do tamanho do torrão, com areia grossa e fertilizantes ou adubos orgânicos”, esclarece Pietra.

Em João Pessoa, o local com maior número de palmeiras é o Parque da Lagoa, cujo anel interno é povoado pela espécie desde 1926



GLAUCOMA

Campanha alerta para saúde ocular

Lembrada durante o Maio Verde, doença compromete o nervo óptico e pode levar à cegueira se não for tratada

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Esperar o sintoma aparecer pode ser tarde demais quando o assunto é glaucoma. A doença, lembrada neste mês pela campanha Maio Verde, compromete o nervo óptico e, como costuma avançar silenciosamente, pode provocar a perda irreversível da visão quando não é tratada. Por isso, o alerta dos especialistas é direto: o acompanhamento oftalmológico precisa fazer parte da rotina, principalmente após os 40 anos ou quando há histórico familiar do distúrbio. No Brasil, o Conselho Brasileiro de Oftalmologia (CBO) estima que mais de 1,7 milhão de pessoas convivem com o glaucoma. Já na Paraíba, dados do Sistema Único de Saúde (SUS) mostram mais de 293 mil procedimentos relacionados à doença em 2024 e 2025.

Foi uma dor de cabeça insistente, concentrada na região do olho direito, que fez Iracely Araújo Lacerda, hoje com 59 anos, desconfiar de que havia algo errado. Na época, há cerca de 15 anos, ela ainda morava em João Pessoa e chegou a procurar diferentes médicos antes de ir ao oftalmologista. Mas foi somente na consulta com o especialista que recebeu o alerta: a pressão intraocular estava muito alta. “Procurei ajuda porque achava que estava com a ‘vista curta’. Sabia que tinha alguma coisa errada”, lembra

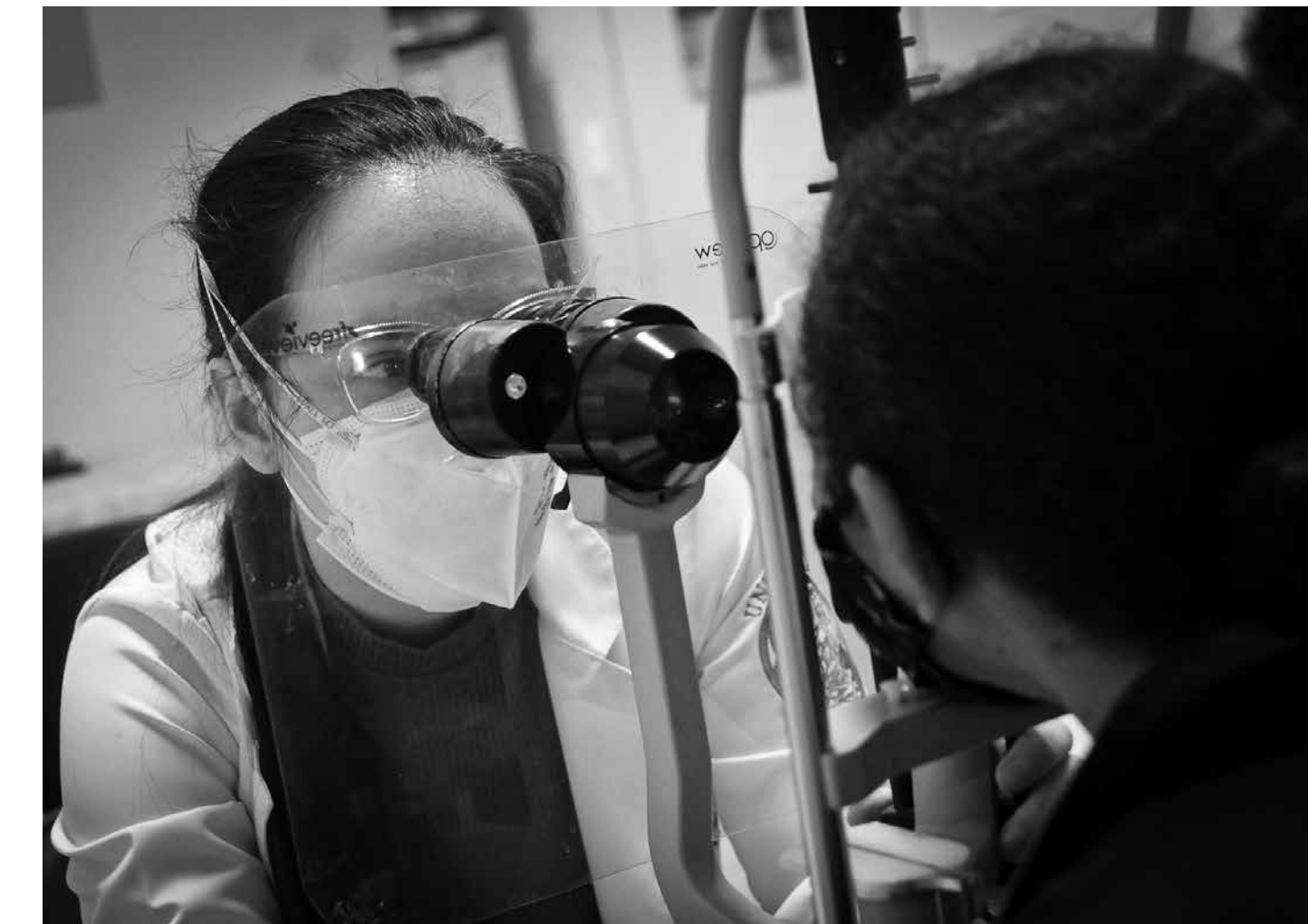


Foto: Breno Esaki/Agência Saúde-DF

Acompanhamento com oftalmologista deve ser rotineiro, especialmente a partir dos 40 anos ou se houver histórico familiar

Iracely, ao contar que o diagnóstico veio depois de uma bateria de exames. O tratamento começou com colírios e ajustes na medicação até que a pressão baixasse. Seguindo ela, a lembrança que ficou desse momento foi o alerta de que, se o quadro não fosse acompanhado, ela poderia perder a visão.

Anos depois, já morando em Natal, no Rio Grande do Norte, Iracely ouviu de outro

médico que os exames não indicavam glaucoma, o que a surpreendeu, mas não mudou sua atitude. “Na dúvida, eu continuo fazendo minha avaliação periódica e, desde então, nunca mais tive pressão alta”, conta. E é, justamente, nessa decisão que está a chave do cuidado.

Silenciosa
O oftalmologista Flávio

Moura Travassos de Medeiros explica que o glaucoma atinge uma estrutura essencial para a visão: o nervo óptico, responsável por levar as informações captadas pelo olho até o cérebro. Mesmo quando as demais estruturas oculares parecem preservadas, se esse nervo — comparado por ele a um “cabo de energia” — sofre algum dano, a visão é impactada. “O glaucoma é, dentre

as doenças que afetam o nervo óptico, a mais prevalente e a que mais causa cegueira irreversível no mundo”, afirma. O problema é que essa lesão costuma ocorrer de maneira lenta e sem sinais claros no início.

De acordo com o especialista, a pressão intraocular elevada é o principal fator de risco para o glaucoma, mas o paciente pode conviver com ela sem sentir dor ou perceber

qualquer alteração visual, enquanto as fibras do nervo óptico vão sendo comprometidas. E, quando os sintomas finalmente aparecem, parte desse tecido já pode ter sido perdida. “O paciente vai perdendo o campo de visão mais periférico. Diferente do central, é comum não dar tanta importância assim. Às vezes, ele nem percebe direito”, explica.

Essa é uma das razões pelas quais o diagnóstico precoce muda tanto o desfecho da doença. Diferentemente de outros tecidos do corpo, o nervo óptico não tem capacidade de regeneração. Ou seja: quando a lesão acontece, a perda tende a ser definitiva. Por isso, a lógica do tratamento não é recuperar o que já foi perdido, mas impedir que a doença continue avançando. Como resume Flávio, “a alma do negócio é você fazer a prevenção e o diagnóstico precoce para evitar que a doença chegue a um estágio muito avançado”.

■ **Imperceptível na maior parte do tempo, pressão intraocular elevada é o principal fator de risco para o surgimento da condição**

Diagnóstico depende de múltiplos fatores

A recomendação, segundo o oftalmologista, é que todas as pessoas passem pelo oftalmologista pelo menos uma vez por ano, mesmo sem sintomas, sobretudo a partir dos 40 anos de idade. Já para quem tem histórico de glaucoma na família — principalmente entre parentes de primeiro grau —, o cuidado deve ser ainda maior. Flávio explica que a genética tem um peso importante: quando pai, mãe ou irmãos têm a doença, a chance de desenvolvê-la aumenta, o que exige um acompanhamento mais rigoroso. Vale lembrar que o risco de desenvolver glaucoma também é significativamente maior em pacientes com condições sistêmicas, como diabetes e cardiopatias, ou que apresentam alta miopia, hipermetropia e histórico de uso contínuo de corticosteroides.

Isso também não significa, porém, que basta ter um

fator de risco para receber automaticamente o diagnóstico de glaucoma. Para o médico, cada exame e sinal clínico ajuda a formar uma imagem mais precisa do quadro. “Costumamos dizer que estamos diante de um quebra-cabeça. Se tivermos várias peças falando a favor da doença, acendemos a luz de alerta cada vez mais”, detalha.

Esse quebra-cabeça inclui a medição da pressão intraocular, a avaliação do fundo de olho e do nervo óptico, além de exames complementares quando indicados. Dentre eles, estão a OCT, uma espécie de tomografia do fundo de olho, e a campimetria, que avalia o impacto no campo visual. Nem todo paciente precisa realizar todos os exames, mas, quando há suspeita ou necessidade de acompanhamento, eles ajudam o médico a entender se há algum dano es-

trutural e analisar a progressão do quadro.

Tratamento

Depois do diagnóstico, o tratamento varia conforme o tipo e a gravidade do glaucoma, mas, como ressalta o oftalmologista, o principal objetivo é reduzir a pressão dentro do olho. Flávio explica que o controle pode ser feito com colírios, procedimentos a laser ou cirurgia, dependendo da resposta do paciente e da evolução da doença. “Infelizmente, ainda não conseguimos reaver o que foi perdido, mas temos uma função muito nobre e importante, que é evitar que a doença piore”, pontua. Por isso, além de usar continuamente o colírio — que passa a fazer parte da rotina diária —, a recomendação é manter o acompanhamento médico para garantir que a pressão intraocular esteja sob controle.

Não por acaso, a adesão

Ambulatório acompanha cinco mil pessoas no estado

Na rede estadual de saúde, o cuidado passa pelo Ambulatório de Glaucoma, implantado em fevereiro de 2025. De acordo com Secretaria de Estado da Saúde (SES), o serviço atende pacientes de 174 municípios, acompanha atualmente cerca de cinco mil pessoas e já realizou mais de 16 mil vagas reguladas, ou seja, atendimentos encaminhados pelos municípios e agendados pelo sistema de regulação do SUS. Hoje, há três pontos de atendimento no estado: em João Pessoa, Campina Grande e Patos.

O caminho até o atendimento começa sempre no próprio município. Quando há suspeita ou confirmação de glaucoma, o paciente deve procurar a Secretaria Municipal de Saúde da sua cidade, que solicita a consulta pelo Sistema de Regulação do SUS (Sisreg). A demanda, então, passa pela Central de Regulação Estadual, onde é avaliada conforme a classificação de risco, e o atendimento é marcado no serviço mais próximo. Na consulta, o paciente faz a avaliação, realiza os exames necessários e, quando indicado, recebe o colírio para tratamento contínuo. Segundo a SES, são disponibilizadas 17 linhas de tratamento, com retornos programados a cada três meses para monitorar a evolução da doença.

Redução

Já em serviços de saúde da capital, o tempo de espera para atendimento foi reduzido em duas semanas, após

medidas implementadas pela gestão municipal até o mês de abril. De acordo com informações repassadas pela Secretaria de Saúde de João Pessoa ao Ministério Público Federal (MPF), a redução é fruto de resoluções como a reorganização das filas, a identificação de pacientes aptos ao tratamento e ampliação da capacidade de agendamento. As melhorias no atendimento também incluíram a revisão e atualização dos cadastros da lista de espera, a análise do custo médio por paciente e a realização de mutirões de consultas.

As medidas foram adotadas após o MPF expedir recomendações à secretaria municipal, em 2023, acerca de uma série de ações necessárias para corrigir falhas na oferta do tratamento de glaucoma pelo SUS. Dentre os principais pontos, o MPF orientou a realização de fiscalização mensal dos contratos com clínicas oftalmológicas, o envio periódico de relatórios sobre o cumprimento de metas quantitativas e qualitativas, e a aplicação de sanções em caso de descumprimento, incluindo suspensão de repasses e descredenciamento.

Também foi cobrada a adoção de providências concretas para reduzir a fila de espera, que, à época, contava com mais de 1,5 mil usuários, com indicação de prazos e estratégias para ampliar a oferta de serviços, além da apuração de responsabilidades pelo acúmulo de atendimentos atrasados.



Foto: Arquivo pessoal

“É um diagnóstico que marca o paciente, porque é uma doença que você vai ter que controlar por toda a vida”

Flávio Medeiros

ao tratamento nem sempre é simples. Nele, há todo um peso financeiro, emocional e prático de conviver com uma doença crônica. “É um diagnóstico que marca o paciente, porque é uma doença que você vai ter que controlar por toda a vida”, afirma. A prevenção, no caso do glaucoma, não é apenas uma recomendação médica: é a diferença entre controlar uma doença que pode levar à cegueira e só descobrir o problema quando parte da visão já não pode ser mais recuperada.



Foto: Reprodução/Magnific

Aplicação diária de colírio é uma das estratégias usadas no controle do glaucoma

RESISTÊNCIA

Sinais salvam mulheres da violência

Campanhas informativas buscam popularizar códigos de socorro criados para comunicar situações de risco

Nalim Tavares
 nalimtavaresrdo@gmail.com

Em diversos casos de violência contra a mulher, o silêncio da vítima é imposto pelo medo, pela vigilância constante do agressor e pela impossibilidade de reagir sem agravar situações de risco. Para que essas mulheres possam pedir ajuda, códigos discretos de socorro foram criados e têm ganhado cada vez mais espaço em campanhas de conscientização e ações realizadas pelas forças de segurança pública. Reconhecer esses sinais, porém, é apenas uma parte do processo de combate à violência de gênero — para quem identifica o gesto, saber como agir é essencial para prestar o devido socorro.

Um dos gestos mais populares é o *signal for help* (“sinal de ajuda”, em português). Criado em 2020 pela Canadian Women’s Foundation, em parceria com uma agência de publicidade, o código foi elaborado em resposta ao aumento de casos de violência doméstica durante o confinamento decorrente da pandemia de Covid-19. Projetado como um movimento simples e contínuo, realizado com uma única mão, o gesto permitiu que mulheres denunciassessem a situação de risco — por exemplo, em chamadas de vídeo com a família —, mesmo na presença dos agressores. Após o lançamento, o sinal foi disseminado globalmente, tornando-se amplamente reconhecido em diversos países, inclusive no Brasil, como uma forma de combater a violência contra a mulher.

A sinalização (veja ao lado) é feita abrindo e fechando a palma da mão, com o polegar sempre dobrado para dentro, como uma forma de indicar “prisão” ou “confinamento”, e ganhou alcance, justamente, por poder ser realizado sem chamar a atenção do agressor, mesmo que ele esteja ciente da existência do símbolo. Outros códigos conhecidos são o X vermelho desenhado na mão, ou, quando é possível ter acesso a um celular, ligar

para a polícia enquanto finge falar com um *delivery*, pedindo pizza ou um açaí, para poder informar a localização de forma pouco suspeita.

Para a delegada Amin Oliveira, da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam), apesar do risco de os agressores passarem a conhecer os gestos, o saldo da divulgação ainda é positivo, pois permite que os códigos alcancem mais vítimas e prepara mais pessoas para reconhecê-los. “Quanto mais pessoas souberem identificar comportamentos suspeitos e pedidos silenciosos de ajuda, maiores são as chances de uma intervenção segura,” afirma.

A major Dayana Cruz Pereira, da Polícia Militar da Paraíba (PMPB), explica que o primeiro passo, ao perceber

uma possível situação de violência, é acionar a polícia, através do 190. “Para além desse chamado, que é essencial, qualquer outra ação da pessoa que identificou o pedido de socorro depende muito da

situação e do que ela identifica como seguro”, explica. “É possível, por exemplo, acompanhar a vítima e o agressor à distância, para não perdê-los de vista e ver para onde estão indo. Em ambientes pú-

blicos, como ruas e *shoppings*, também pode ser viável afastar a vítima do agressor, até a chegada da polícia. Em situação de pessoa armada, o ideal sempre é não intervir”, ela orienta. A recomendação

busca evitar que o cidadão também se torne uma vítima durante a tentativa de ajuda. Outro canal de denúncia e orientação é o número 180, da Central de Atendimento à Mulher.



X vermelho na palma da mão alerta para violência; apesar do risco de os agressores passarem a conhecer os gestos, o saldo da divulgação ainda é positivo, diz delegada

Foto: Evandro Pereira

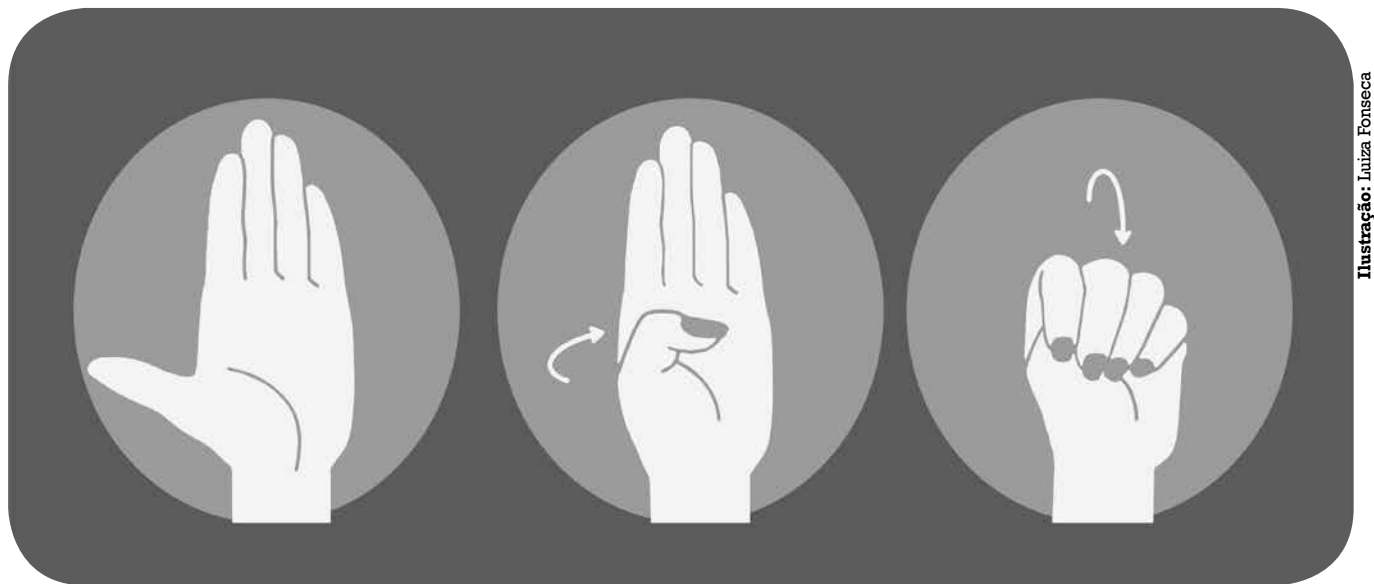


Ilustração: Luiza Fonseca

Organização canadense criou o signal for help para ajudar mulheres durante o isolamento da pandemia

Mudanças na rotina devem acender o alerta

Tornar a sociedade apta a reconhecer comportamentos suspeitos, que possam indicar violência, também é essencial para coibir ações abusivas. Caso a vítima não tenha a chance de sair de casa ou de ter contato com outras pessoas para pedir ajuda, a atenção dos vizinhos, familiares e amigos é o que pode colaborar para tirá-la do perigo, de volta para a segurança.

“É interessante que os vizinhos estejam atentos às rotinas e que, ao perceber uma mudança, tentem entender a causa”, aconselha a major Dayana. Ela revela que, em muitos casos de cárcere privado e violência doméstica, o agressor continua mantendo a própria rotina normalmente, enquanto a vítima desaparece do convívio social de maneira súbita. “Se, por exemplo, uma pessoa sempre mantinha contato, e de repente você

não consegue mais falar com ela, mas o marido continua colocando o lixo para fora, indo para o trabalho, seguindo a rotina, e você não consegue encontrar a pessoa, pode acionar o 190”.

Um caso recente, que demonstra a necessidade de prestar atenção às pessoas que vivem em volta, é o de uma mulher de 58 anos, resgatada pela Polícia Civil da Paraíba (PCPB), na cidade de Pedra Lavrada, no dia 10 deste mês de maio. Diabética e com deficiência visual, a vítima foi encontrada trancada em sua residência, em um cenário precário de má alimentação e pouca higiene, dependendo dos vizinhos — que realizaram a denúncia — para sobreviver. O companheiro da mulher, um homem de 35 anos, foi preso em flagrante, acusado de cárcere privado, maus-tratos e violên-

cia patrimonial. Atualmente, a polícia está apurando o uso indevido da aposentadoria da vítima, sob a linha de que o dinheiro não estava sendo aplicado para cuidar dela.

Isolamento repentino, afastamento de pessoas próximas, comportamento excessivamente vigilante e dificuldade de responder mensagens ou atender ligações são fatores que podem indicar que uma pessoa está em situação de risco. Segundo os órgãos de segurança pública, confrontar diretamente o agressor nem sempre é indicado, já que isso pode agravar a violência. O caminho mais seguro é buscar a polícia e orientações da rede de proteção, e se manter aberto para acolher a vítima, sem julgamentos.

Em alguns casos, a mulher sequer tem acesso ao celular, ou a um momento seguro

para pedir ajuda verbalmente. Por isso, os gestos mais discretos têm se destacado como uma alternativa para conseguir socorro, e funcionários de supermercados, farmácias, bares e restaurantes vêm sendo orientados em campanhas educativas, para reconhecer sinais de medo, nervosismo fora do comum ou pedidos indiretos de ajuda.

■ **Atenção a situações de isolamento, comportamento excessivamente vigilante e dificuldade de responder mensagens e ligações**

Na PB, espaços públicos viram pontos de apoio

Na Paraíba, a política estadual procura ampliar a rede de acolhimento às mulheres vítimas de violência. Uma nova legislação, sancionada em 22 de abril deste ano pelo governador Lucas Ribeiro, estabeleceu que diversos espaços públicos passarão a atuar como pontos de apoio emergencial, para prestar assistência a essas mulheres.

De acordo com a lei, que entra em vigor 45 dias após a data de sua publicação, unidades de saúde, escolas, universidades, centros culturais, órgãos da administração pública, espaços esportivos, unidades de assistência social, terminais, estações e demais equipamentos de mobilidade sob gestão estadual deverão estar aptos para garantir atendimento inicial humanizado à mulher em situação de

violência, além de fornecer orientação sobre os direitos assegurados a ela pela legislação vigente, acionamento da rede de proteção e informações sobre os canais oficiais de denúncia.

O atendimento realizado nesses espaços deverá ser pautado com base em princípios fundamentais, como dignidade da pessoa humana, escuta qualificada, confidencialidade, respeito à autonomia da vítima e prevenção à revitimização. Para que isso seja possível, o Poder Executivo poderá promover treinamentos, para que os profissionais que atuam nesses espaços consigam identificar sinais de violência e possam realizar o encaminhamento adequado das vítimas, ajudando-as a voltar a viver em segurança.

SÃO JOÃO

CG começa a vestir-se para a festa

Decoração é planejada em fevereiro e emprega 30 pessoas, que iniciam os trabalhos pela Pirâmide do Parque do Povo

Maria Beatriz Oliveira
obeatriz394@gmail.com

Falta menos de um mês para o início das festas juninas em Campina Grande, e, por isso, o Parque do Povo — palco principal da festa d'O Maior São João do Mundo — já está sendo preparado para receber a 43ª edição do evento, começando por um dos elementos mais essenciais para dar o clima junino à cidade: a decoração temática.

Feita pelo cenógrafo José Sereco há 40 anos, a decoração do São João começa a ser pensada ainda em fevereiro, com o decorador planejando o leiaoute, as novidades e a logística por trás do trabalho. Ao todo, Sereco emprega 30 pessoas durante os preparativos da festa, algo de que se orgulha. “É uma das coisas que me deixa mais feliz, poder gerar emprego e renda para 30 famílias com meu trabalho”, pontuou.

O início da história de Sereco com o São João confunde-se com a própria história do São João na Rainha da Borborema. Famoso na cidade por seu trabalho com cenografias de teatro, ele foi convidado por Ronaldo Cunha Lima, seu amigo e então prefeito de Campina, para ajudar, como voluntário, a pendurar 300 bandeirinhas juninas no Parque do Povo.

“Em 1986, com a construção da Pirâmide, foi quando

realmente fui contratado para fazer uma cenografia planejada e maior para o local e, a partir daí, nunca mais parei. Temos dois meses para deixar tudo pronto, mas sempre começamos a decoração pela Pirâmide, tanto porque é um espaço coberto e não precisamos nos preocupar com a chuva, mas também pelo simbolismo que a Pirâmide tem. Quando terminamos a decoração aqui, sentimos que o São João está começando mesmo”, afirmou Sereco.

Após a decoração da Pirâmide, o cenógrafo parte para dar vida e cor para o quadrilhões, atualmente localizado no Parque Evaldo Cruz, sendo o espaço que sedia as competições de quadrilhas juninas da região. O último elemento a ser decorado é o túnel que liga o Parque do Povo ao Evaldo Cruz, dando elo à festa toda.

Além dos parques que recebem a festa d'O Maior São João do Mundo, Sereco também decora as festas juninas de Galante, São José da Mata e Catolé de Boa Vista, além da Vila do Artesão em Campina.

“Neste ano, serão 270 mil metros de bandeirinhas somente no Parque do Povo, para ter uma ideia de onde chegamos. Além dos balões, fogueiras e outros elementos temáticos sobre os quais eu não posso dar spoiler. Será uma surpresa”, brincou o cenógrafo.



Há 40 anos, o cenógrafo José Sereco é o principal nome por trás dos cenários e das cores d'O Maior São João do Mundo

Renda extra

As bandeiras são compradas prontas e separadamente. No entanto, para fazer os varais de bandeirinhas que enfeitam o céu durante as noites de São João em Campina, são necessárias muitas mãos que, desde o dia 22 de abril, trabalham diariamente grampeando bandeira por bandeira em 20 ou 30 varais por dia.

Para esse trabalho, Sereco conta com a colaboração de 10 mulheres que aproveitam a festa para fazer uma renda extra. É o caso de Gabryella Barbosa, que trabalha pela primeira vez nessa ocupação. A jovem soube da oportunidade por meio de um primo. “Tudo é experiência e aprendizado. Eu vou todos os anos à festa no Parque do Povo e nem imaginava

que a decoração era um trabalho manual, achava que já vinha tudo pronto. A gente olha aquelas bandeirinhas e nem passa pela nossa cabeça que alguém precisou organizar tudo aquilo”, comentou.

Já Gleina Barbosa trabalha na confecção dos varais de bandeirinhas desde 2022. No início, além das bandeiras, Gleina também costurou os fuxicos que decoraram edi-

ções anteriores do São João.

Para ela, o trabalho torna os dias de festa mais especiais. “Sempre nos juntamos e vamos na abertura para ver como nosso trabalho ficou e eu amo. Só no dia da festa conseguimos olhar e perceber que participamos de cada detalhe daquilo. É muito gratificante, sem falar que é um dinheiro a mais que fazemos”, contou.



A menos de um mês do início da festa, estrutura do São João começa a ganhar forma

Festival de Quadrilhas tem início no dia 8 de junho e reúne 34 grupos

As quadrilhas juninas também fazem parte da tradição que envolve O Maior São João do Mundo em Campina Grande. São dezenas de grupos, com centenas de membros e dançarinos cada um, que passam cerca de um ano preparando coreografia, tema, figurinos e muita dança para as apresentações e festivais tanto na Rainha da Borborema como em outras cidades da Paraíba e do Nordeste.

Neste ano, ao todo, 34 grupos participarão do 26º Festival de Quadrilhas Juninas, organizado pela Associação das Quadrilhas Juninas de Campina Grande e Região Agreste (Asquaju). De acordo com o presidente da associação, Lima Filho, dentre elas, 14 são da Rainha da Borborema e 20, de municípios vizinhos do Agreste paraibano.

“As apresentações começam no dia 8 de junho e seguem até o dia 14. Desde janeiro os preparativos já começaram a ficar mais intensos, com ensaios e organização lo-

gística do evento. Entre comissão julgadora, assistentes de pistas, coordenação, transmissão ao vivo e limpeza, somos cerca de 40 pessoas somente nos bastidores do festival, fazendo tudo acontecer”, contou Lima.

Além dos grupos de dança junina de Campina, também participam do festival quadrilhas de Boa Vista, Massaranduba, Alcantil, Fagundes, Juazeirinho, Taperoá, Cacimba de Dentro, Serra Redonda, Queimadas, Gado Bravo, Esperança, Cuité, Montadas, Remígio, Barra de Santa Rosa, Sossêgo, Gurjão e Serra Branca.

Outro evento da programação d'O Maior São João do Mundo é o 3º Festival de Quadrilhas Juninas Escolares, promovido pela Prefeitura de Campina Grande, por meio da Secretaria Municipal de Educação, com o intuito de proporcionar aos estudantes da rede municipal de ensino uma imersão cultural na tradição junina. O festival vai ser composto por três grupos: Anos

Iniciais, Anos Finais, ambos do Ensino Fundamental, e Educação de Jovens e Adultos.

Estrutura

Para receber as quadrilhas juninas e as mais de 120 apresentações musicais, apenas no palco principal do Parque do Povo, a estrutura da festa no local já começou a ser montada, desde a última semana do mês de abril, pela empresa responsável pela realização do evento, a Arte Produções.

Com início marcado para o dia 3 de junho, a edição deste ano contará com 15 palcos para shows, distribuídos entre Parque do Povo, Parque Evaldo Cruz, Vila do Artesão e nos distritos de Galante e São José da Mata.

Tendo um total de 33 dias de duração, O Maior São João do Mundo terá sua 43ª edição com a completa integração do Parque Evaldo Cruz à festa, ganhando instalação de postos médico e policial. Além disso, uma parte da cidade cenográfica também deve ser montada no local.

12

MINISTÉRIO DA CULTURA E CAIXA VIDA E PREVIDÊNCIA
APRESENTAM

DJAVAN
O MUSICAL

VIDAS PRA CONTAR

IDEALIZAÇÃO: GUSTAVO NUNES | TEXTO: PATRÍCIA ANDRADE e RODRIGO FRANÇA
DIREÇÃO ARTÍSTICA: JOÃO FONSECA | COREOGRAFIAS: MARCIA RUBIN
DIREÇÃO MUSICAL: FERNANDO NUNES e JOÃO VIANA

ÚNICA APRESENTAÇÃO
20H

21 DE MAIO
JOÃO PESSOA
TEATRO PEDRA DO REINO

VENDAS
Symplá

Le Rouanet | CAIXA Vida e Previdência

ATLAS SCHINDLER | CAIXA Seguridade | EPC | TURBILHÃO DE IDEIAS | GOVERNO DO BRASIL

LITERATURA

O horror de uma saga familiar

Bruno Ribeiro fala sobre o seu novo romance, *O dono e o mal*, que será lançado na quinta, em Campina Grande, e na sexta-feira, em João Pessoa

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Durante cinco anos e meio, o escritor Bruno Ribeiro agarrou-se a um sonho que mais parecia uma febre, tamanho o preço insistente cobrado pelo ato da escrita. Uma história feita de luta, voltada para uma família negra que arde na urgência de viver e na tentativa de sonhar em meio ao horror opressivo das estruturas sociais brasileiras. É o quinto romance do autor, *O dono e o mal* (Editora Alfabeta, 366 páginas), que terá duplo lançamento nesta semana: quinta-feira (21), às 18h, no Museu de Arte Popular da Paraíba (MAPP), em Campina Grande, com bate-papo entre Bruno e a escritora Thays Albuquerque; e na capital, sexta-feira (22), às 19h, na Livraria A União, no Espaço Cultural.

A obra sai pelo selo Alfabeta, vinculado à editora Companhia das Letras, e narra a saga da família Farias de Assumpção (composta por Graciliano, Genival, Valéria, Batista e Soledade). Tudo começa com Batista, homem preto e pobre que, sonhando com uma vida melhor, migra da Paraíba para o Amazonas em busca de trabalho. Enquanto derruba árvores para a construção da Transamazônica,

encanta-se de amores pela prostituta Iolanda, um amor logo implodido pelas circunstâncias do local.

Tentando um recomeço, Batista conhece Soledade da Silva Farias, com quem se casa. Mas a mulher também traz na bagagem uma história de opressão e de dor, o que contribui para que o sonho de uma vida digna transforme-se em mero vislumbre — os três filhos do casal seguirão por veios tortos e trarão o pesadelo para o seio familiar.

À epígrafe do capítulo “O traidor”, o leitor é apresentado ao vilão da história: “O homem insondável e exausto fala em uma língua que vai do inglês ao francês, ao alemão, ao swahili, ao português a um dialeto criado por ele. O homem é chamado de “O Inglês”. Chegando sem pedir licença, a figura grotesca é uma espécie de entidade que aterroriza os Farias de Assumpção, como uma representação do movimento colonizatório.

Processo criativo

Bruno Ribeiro conta que quando começou a escrever *O dono e o mal* não o imaginou como um livro grande. “Em um primeiro momento não seria uma saga familiar. Seria a história de dois ho-

mens, um pai e um filho, homens negros, muito violentos — que se tornaram violentos por causa do país em que vivem e da desigualdade e do racismo, mas que não conseguiam resolver essas questões internamente e por conta disso externalizavam através da violência”, explica.

Acabou que Ribeiro sentiu que precisava aumentar essa família. A mãe, então, tornou-se uma personagem. Depois percebeu que o filho não poderia ser o único rebento do casal naquele lugar: vieram mais dois personagens. E foi assim que a história acabou tornando-se uma saga de família, o que impeliu à obra a abertura de clareiras imprevisas pela trama da tessitura.

Quando percebeu esse crescimento, o escritor lembra que já havia fechado contrato com o selo editorial, em 2021, mas as coisas ainda estavam na mesma. “O romance, por mais que seja sentar e escrever na página em branco, não é tão simples”, afirma. “Você precisa de tempo e para ter tempo você precisa de dinheiro, então tem que estar trabalhando, fazendo outras coisas”, pontua — Ribeiro também atua como professor, tradutor e roteirista.

Não à toa, foram cinco anos e meio de produção de um livro que, concomitante à sobrevivência, mostrou-se, a cada página, e em suas palavras,

“difícilimo”. No entanto, o desafio foi encarado com satisfação, já que Bruno detinha vontade de tomar o lugar de autor negro que escreve um livro sobre uma família, além de ser um livro de horror, marca indelével de seus escritos desde a estreia com o transgressor livro de contos *Arranhando paredes* (Editora Bartlebee, 2014).

Violência original

No cerne de *O dono e o mal* está o elemento primevo da violência. “Eu queria escrever sobre homens negros violentos. Sobre a origem desse ódio, que muitas vezes nos atravessa, que vem por causa dessa sociedade tão racista, tão violenta, e mostrar que, obviamente, tem todo um peso em cima de nós, mas não podemos deixar que esse peso seja a nossa identidade ou que o ódio seja a nossa identidade”, ressalta o escritor.

“Eu queria assumir esse lugar, de escrever um livro de horror, grande; que fosse uma saga familiar e que bebesse não só do horror. Uma história difícil de ser executada. Acho que é bom assumir esses lugares — eu, enquanto um autor negro, também — de dizer que é possível fazer esse tipo de livro, apesar das dificuldades. Assumi esse desafio pensando muito

nisso também, que nós temos de estar em vários lugares, enquanto autorias negras”, declara.

Em relação ao conjunto de sua produção, o autor considera *O dono e o mal* fiel a seu projeto literário, quer seja o de problematizar as estruturas sociais do

Brasil. De acordo com o autor, o nível de absurdo vivido cotidianamente por homens negros, mulheres negras e tantos outros párias sociais é tão grande que somente o realismo não dá conta de explicá-lo.

Por isso o algo a mais do escritor: a lupa do horror e do fantástico para entender as atrocidades sofridas por aqueles segmentos. “O horror que eu escrevo está a serviço de mostrar essas desigualdades e essas dores que nós vivenciamos diariamente. Acredito que está em *O dono e o mal* e em todos os livros que escrevi”, afirma ao citar sua inclinação à estética do afro-surrealismo, fonte da qual também bebeu para a escritura da obra recém-publicada.

A dualidade do título vem nos moldes dos grandes romances temáticos do século 19, à guisa de *Guerra e paz* (1867), *Orgulho e preconceito* (1813) e *Crime e castigo* (1866). “Obviamente que *O dono e o mal* é muito estranho — poderia ser ‘o bem e o mal’. Mas eu queria falar com o dono enquanto uma instituição quase”, explica, mencionando tensão implícita aos limites da régua moral entre os personagens.

Nascido em Pouso Alegre (MG) e radicado em Campina Grande, Bruno Ribeiro é mestre em Escrita Criativa pela Universidade Nacional de Três de Fevereiro, na Argentina. Além de *Arranhando paredes*, publicou *Febre de Enxofre* (Editora Penalux, 2016), *Glitter* (Moinhos, 2018), *Zumbis* (Enclave, 2019), *Bartolomeu* (Independente, 2019), *Como usar um pesadelo* (Caos & Letras, 2020) e *Porco de raça* (DarkSide Books, 2021).

Confessando o sofrido processo de escrita do livro, Bruno se diz orgulhoso. “Acho que todo escritor faz esse pacto fáustico com o livro. E quando você faz esse pacto com o próprio livro é um pedaço seu que está arrancando para entregar para esse livro. Esse pedaço nada mais é do que o tempo da sua vida”.



Foto: Divulgação/Alfabeta

Foto: Divulgação

Bruno Ribeiro lança seu oitavo livro abordando o horror da opressão das estruturas sociais brasileiras

ONDE:

- MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA (MUSEU DOS TRÊS PANDEIROS) (R. Dr. Severino Cruz, s/n, Centro, Campina Grande).
- LIVRARIA A UNIÃO – POETA JUCA PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho, João Pessoa).

Artigo

Estevam Dedalus

Sociólogo | estevam_dedalus@yahoo.com.br

O futuro fala mandarim

Desde a Guerra Fria, a hegemonia dos Estados Unidos não era desafiada de forma tão contundente quanto agora pela China. Evidentemente, trata-se de um contexto histórico distinto daquele que marcou a rivalidade com a União Soviética. São outras circunstâncias, outras estratégias e, sobretudo, outra lógica de desenvolvimento. Enquanto os soviéticos apostaram em uma economia rigidamente planejada e relativamente isolada do mercado mundial, os chineses optaram por um caminho singular, combinando direção política centralizada com ampla inserção na economia global.

Com as reformas iniciadas no governo de Deng Xiaoping, a China passou a orientar seu socialismo para o mercado como forma de desenvolver as forças produtivas do país. O Estado permitiu a existência de empresas privadas em setores estratégicos, atraiu plantas industriais do Ocidente, estabeleceu acordos de transferência tecnológica e incentivou a criação de *joint ventures* entre companhias estrangeiras e empresas estatais chinesas. Em vez de rejeitar o capitalismo global, os chineses decidiram utilizá-lo como instrumento para fortalecer seu próprio projeto nacional.

Aos poucos, a China transformou-se na fábrica do mundo. Inicialmente, sua vantagem competitiva estava concentra-

da na oferta de mão de obra abundante e barata. Com o tempo, porém, o país passou a dominar etapas cada vez mais sofisticadas da produção industrial, num processo contínuo de elevação da complexidade tecnológica. Hoje, a China lidera 37 das 44 áreas tecnológicas consideradas mais importantes, abrangendo setores como biotecnologia, computação quântica, energia, exploração espacial, tecnologias ambientais e inteligência artificial.

O Partido Comunista Chinês (PCCh) tem como objetivo estratégico construir uma sociedade científica, dotada de capacidade tecnológica e produtiva superior à do capitalismo ocidental. Não se trata apenas de alcançar crescimento econômico, mas de demonstrar, na prática, que um sistema dirigido por um partido comunista pode superar seus concorrentes em inovação, produtividade e organização social.

Nesse projeto, a produção de semicondutores continua sendo uma das principais dificuldades. Os chips são o coração da economia digital e constituem uma área em que a China ainda enfrenta restrições relevantes. Ainda assim, alguns avanços recentes chamaram a atenção do mundo. Um dos casos mais emblemáticos foi o lançamento, em 2023, do *chip* de 7 nanômetros Kirin 9000S pela Huawei. O feito le-

vou a então secretária de Comércio dos Estados Unidos, Gina Raimondo, a classificá-lo como algo “incrivelmente perturbador”, sobretudo porque a Huawei é alvo de severas sanções impostas por Washington.

Outra indústria profundamente impactada pela ascensão chinesa é a automobilística. Estamos vivendo a transição dos veículos movidos a combustíveis fósseis para os carros elétricos, e essa mudança tende a reorganizar toda a estrutura do mercado global. Nesse contexto, a BYD tornou-se a maior fabricante de veículos elétricos do mundo, ultrapassando a Tesla. Além disso, a China possui quatro empresas entre as 10 mais importantes do setor, consolidando sua posição de liderança. As montadoras chinesas contam com vantagens competitivas difíceis de igualar. O país controla cerca de 90% da produção global de baterias, fabrica internamente a maior parte dos componentes dos veículos e articula investimentos diretos do Estado com planejamento econômico centralizado e metas industriais bem definidas. Essa combinação entre coordenação estatal, escala produtiva e domínio tecnológico cria um ambiente altamente favorável ao desenvolvimento das empresas nacionais. A pressão competitiva já produz efeitos em mercados estratégicos como o Brasil.

A ameaça representada pelas montadoras chinesas levou fabricantes tradicionais como Volkswagen e General Motors a anunciarem investimentos bilionários no país. Não por acaso, a BYD já comercializa o carro elétrico mais vendido do mercado brasileiro, apostando em uma estratégia que combina boa qualidade com preços próximos aos de automóveis populares movidos a combustão.

É importante destacar que essa transformação não se resume a uma simples mudança na matriz energética. Na prática, estamos ingressando na era dos carros inteligentes. A tendência é a incorporação de sistemas de inteligência artificial capazes de viabilizar veículos autônomos, além de uma integração cada vez maior entre automóveis, celulares, satélites e redes digitais.

Nesse aspecto, a China parte em clara vantagem. O país dispõe de um ecossistema produtivo e tecnológico que reúne todas essas áreas, conta com uma capacidade de escala difícil de ser replicada e possui um mercado interno robusto, sustentado por uma classe média de aproximadamente 400 milhões de pessoas. Poucas nações no mundo reúnem, ao mesmo tempo, base industrial, planejamento estatal, capacidade científica e demanda doméstica em magnitude comparável.

Kubitschek
Pinheiro

Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

Espancado a empregada

Trabalhar duro, intenso, lavar banheiros, ultrapassar o horário. Empregada não é babá, e se esforça para fazer mais, vindo em seu trabalho uma forma de ganhar o pão, entre Deus e o demo. É assim mesmo? Não, seria mais justo que a patroa respeitasse uma pessoa que trabalha como secretária do lar e não a espancasse?

Na década de 1990 ganhei o livro *Espancando a empregada*, do escritor Robert Coover, um livro magrinho que é uma novela experimental e satírica, que narra a rotina obsessiva e repetitiva entre um patrão (o “mestre”) e sua empregada doméstica.

A história foca na busca pela perfeição. Todas as manhãs, a empregada entra no quarto do patrão para realizar tarefas domésticas minuciosas; qualquer falha mínima ou detalhe fora do lugar resulta em um ritual de punição física (o “espancamento” do título).

Porrada: sempre que a empregada comete um erro mínimo, o patrão a castiga fisicamente. O livro repete variações dessas cenas de punição, criando uma atmosfera claustrofóbica que mistura o sagrado e o profano, o dever e a violência.

No dia a dia é bem pior, o livro é apenas uma indicação e, quando li, pensei em fazer adaptação para o teatro, eu faria o papel dos dois — da empregada e do patrão. Fiquei só “matelazando”.

A patroa Carolina Sthela Ferreira dos Anjos, de 36 anos, já está presa por torturar e espancar sua empregada doméstica de 19 anos, grávida de cinco meses, no Maranhão. O caso sumiu da mídia? Eita, *Brazil*.

Pessoas, milhares, dizem que estão perplexas como o mundo tomou outro rumo. Ledo engano. Isso sempre existiu. O caso ocorreu no dia 17 de abril, em Paço do Lumiar, na Região Metropolitana de São Luís, e ganhou repercussão nacional. Por que? Pela força das “comadres” sociais.

Carolina, em vez de ir ao samba e dançar o xenhênhem, acusou a jovem de furtar um anel de ouro avaliado em R\$ 5 mil — isso é não é um anel, é um cebolão. Segundo relatos e áudios divulgados, a empregada foi agredida com tapas, socos e pisões durante quase uma hora. A vítima relatou que teve que proteger a barriga e seu guri. Isso é antigo, mas Carol esqueceu que, hoje, bateu, levou direto para a cadeia.

O anel foi encontrado, uma hora depois da surra, dentro de um cesto de roupa suja na residência da empresária. Nos áudios gravados pela patroa, ela dá risadas e repete que suas “mãos ficaram inchadas” de tanto bater na empregada, e não foi a primeira vez, teve outra acusada, suspeita de roubar uma corrente de ouro. Dica do dia: temos que fazer uma corrente para que a Carolina fique uma longa temporada atrás das grades.

Ninguém pode espancar o outro, acusando de roubo ou qualquer motivo — já passa da hora de bater no lombo de quem manda bater. Ah! Isso é antigo no Brasil. Andando com a cabeça atabalhoada fora de si, a falsa moralista Carolina Sthela cavou sua cova, de tal maneira e que essa sempre sirva de lição a essas podres patroas.

Se não nos dão paz, do nada ainda surgem escarros, murros, ódio e já sabemos onde vai bater a pancadaria, que serve de comemorações nos grupos tipo: “Fiquei com minha mão inchada de tanto bater”.

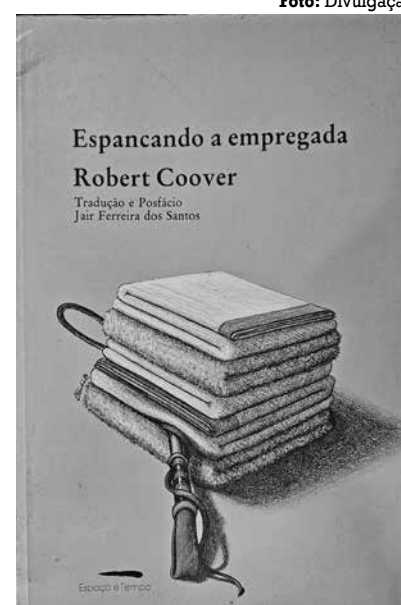
Lembrei do refrão de Geraldo Vandré: “É a volta do cipó de aroeira no lombo de quem mandou dar”. Essa frase faz parte da canção “Aroeira” e o resto é esperar pela próxima.

Kapetadas

1 – No paralamas: Vaticano criou o seu banco porque percebeu que a humanidade teme mais as dívidas do que o inferno.

2 – Eu tava aqui pensando: só no museu e na telona cadáveres recebem patrocínio.

Foto: Divulgação



“Um livro magrinho que é uma novela experimental e satírica”

Colunista colaborador

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

Desejo, sofrimento e destruição

O pensamento do neurologista e psicanalista austríaco Sigmund Freud (1856–1939) acerca da condição humana encontra, em sua metapsicologia (1915), uma interpretação trágica da existência. Ao investigar as forças inconscientes que movem o sujeito, Freud elaborou os conceitos de pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Thanatos), os quais se tornam fundamentais para compreender o sofrimento humano, o mal-estar da modernidade, os conflitos sociais e as ambiguidades entre alegria e desespero. Sua análise rompe com a concepção iluminista de um sujeito racional e revela a presença de tensões permanentes entre desejo, destruição, prazer e sofrimento.

Na teoria freudiana, a pulsão constitui uma força psíquica originária que impulsiona o comportamento humano. Em *Além do princípio do prazer* (1920), Freud reformula sua teoria pulsional ao afirmar que o psiquismo não é governado apenas pela busca do prazer, mas também por tendências destrutivas e autodestrutivas. Segundo ele, “o objetivo de toda vida é a morte” (Freud, capítulo 5, 1920), formulação que introduz a ideia da pulsão de morte como tendência inerente ao organismo vivo de retornar ao estado inorgânico. Essa concepção insere a existência humana em um trágico, no qual o sofrimento constitui dimensão estrutural da vida psíquica.

A pulsão de vida, denominada “Eros”, refere-se às forças de conservação, união e criação. Ela manifesta-se na sexualidade, nos vínculos afetivos, na cultura e na produção artística. Freud compreende Eros como princípio agregador capaz de manter a civilização e possibilitar a convivência humana. Entretanto, essa força permanece em conflito permanente com Thanatos, a pulsão de destruição. Assim, a subjetividade humana é marcada por uma dualidade: ao mesmo tempo em que o indivíduo busca amar, criar e preservar, também carrega impulsos agres-

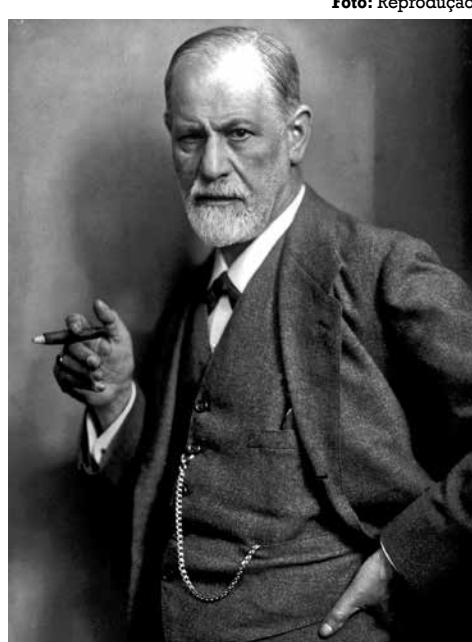


Foto: Reprodução

Freud: “O objetivo de toda vida é a morte”

sivos, violentos e autodestrutivos. Essa tensão é apresentada em seu livro *O mal-estar na civilização* (1930). Para o autor, a civilização exige a repressão das pulsões individuais em favor da ordem coletiva. O homem precisa renunciar à satisfação imediata de seus desejos para viver em sociedade. Essa repressão produz sofrimento, angústia e culpa. A modernidade, portanto, desloca a violência pulsional para o interior do sujeito, transformando-a em neurose, ansiedade e sentimento de vazio.

A interpretação freudiana do mal-estar moderno possui forte dimensão filosófica e antropológica. Diferentemente do otimismo progressista do século 19, Freud entende que a civilização não conduz necessariamente à felicidade. O progresso técnico e científico não dissolve os conflitos fundamentais da existência. Pelo contrário, a racionalização da vida moderna, frequentemente, intensifica a solidão, a repressão e o desamparo psíquico. Nesse sentido, a modernidade revela uma contradição trágica: quanto mais a humanidade desenvolve instru-

mentos de controle e organização social, mais evidencia a persistência do sofrimento interior. O trágico da existência também se manifesta na relação entre alegria e desespero. Para Freud, a felicidade humana é sempre parcial e provisória. Diante disso, o sujeito encontra-se continuamente submetido às exigências do desejo, às limitações da realidade e à ameaça constante da perda. Ainda assim, a vida não se reduz ao sofrimento absoluto. A arte, a amizade e a sublimação constituem possibilidades de elaboração simbólica das tensões pulsionais. A alegria surge como experiência transitória de reconciliação entre o sujeito e seus desejos.

Freud compreende a produção artística como forma de sublimação das pulsões, isto é, como transformação das energias instintivas em criação cultural. O artista consegue sublimar a angústia e o conflito em expressão estética, no qual oferece ao indivíduo uma experiência simbólica capaz de amenizar o sofrimento. Tal interpretação aproxima a psicanálise da tradição trágica da arte, na qual o senso estético de beleza emerge do enfrentamento da dor e da finitude. A pulsão de morte intensifica essa tensão ao revelar a presença constante da agressividade, tanto no indivíduo quanto nas relações coletivas. Ainda que a cultura, a arte e o amor ofereçam formas de resistência ao sofrimento, a existência permanece constituída pela tensão permanente entre Eros e Thanatos.

Sinta-se convidado para a audição do 568º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 17, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa, a sintonia é pela FM 105.5 ou pelo aplicativo da Rádio Tabajara FM. Durante o programa, comentarei sobre peças que denunciam o sofrimento humano provocado pela guerra e a destruição da dignidade humana na obra do pianista e compositor russo Dmitri Dmitriyevich Shostakovich (1906–1975).

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor | alexjpb@yahoo.com.br

Trajectoria de sucesso que deve ser lembrada

Um 11 de maio de 2022 que a cultura paraibana deve lembrar sempre. Refiro-me àquele que partiu nessa data, deixando órfãos seus amigos e admiradores, e que tanto batalhou pelo ensino universitário, pelo rádio e pelo nosso cinema: professor Moacir Barbosa de Sousa. E não sem razão que a imprensa local e até de fora registrou a sua morte, alegando que “a Paraíba perdeu uma de suas referências no ensino de Comunicação, especificamente na área de Rádiojornalismo”.

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), Moacir publicou diversos livros e foi professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Departamento de Comunicação Social), antes de morar definitivamente em João Pessoa. Oriundo da cidade de Natal e adotando identidade paraibana, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) o prof. Moacir Barbosa de Sousa lecionou durante vários anos. E, segundo consta em seu rico currículo, exerceu os cargos de chefe de departamento, coordenador do curso de graduação e também de diretor do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Consta, ainda, de seu currículo como sendo “uma pessoa calma, doce, acessível, com muito saber e poder de reflexão”.

O dinamismo do professor Moacir Barbosa se refletiu ainda mais quando de sua posse na presidência da Academia Paraibana de Cinema (APC), em 2015. Já a partir do início de sua gestão,



Moacir Barbosa inaugura a Sala Barreto Neto, da Academia Paraibana de Cinema

o que vinha sendo discutido por nós foi implantado. E alguns exemplos são bastante claros. Por exemplo, reorganizou toda a parte administrativa da APC, inclusive setores de finanças e contabilidade bancária.

Com relação ao cinema, agenciou a realização de um documentário com Wills Leal sobre os 50 anos da ACCP, passando a presidência e sua diretoria a integrarem o Conselho do Cineclubes da FCJA. Aplaudiu e incentivou nossa publicação dominical no jornal **A União**, por criarmos um espaço destinado às atividades da APC. Promoveu o lançamento do filme *Américo: falção peregrino*, na Academia Paraibana de Letras, ensejo em que foi convidado e representou a APC no programa da TV Assembleia.

No Dia Mundial do Cinema, em dezembro, fez entrega de comendas à família de Barretinho (Antônio Barreto Neto), que ganharia o nome da sala que hoje abriga a Academia Paraibana de Cinema, na Fundação Casa de José Américo. Oportunidade em que homenageou também o ator paraibano Rafael de Carvalho. Representando a APC, participou de encontros do MEC sobre curso de Comunicação Social, em São Paulo e outras capitais.

Como se nota, o legado do professor Moacir Barbosa de Sousa merece ser sempre lembrado. E, ao deixar a presidência da academia, em 2018, então publicou um edital à vaga da nova Diretoria da APC para o triênio até 2020. – *Mais “Coisas de Cinema”, acesse o blog: www.alexantost.com.br.*



APC apoia exibição de filmes na FCJA

O céu de Suely, filme teuto-brasileiro-francês de 2006, do gênero drama, dirigido por Karim Aïnouz, detentor de prêmios nacionais e internacionais, foi exibido na última sexta-feira (15) na sala que abriga a Academia Paraibana de Cinema (APC), localizada à Avenida Nossa Senhora dos Navegantes, 122, na Unidade Tambaú. O evento foi para celebrar o Dia das Mães.

A atriz paraibana Zezita Matos, ex-presidente da APC, uma das atrizes do longa-metragem, esteve presente e participou dos debates sobre o filme coordenado por Giovanna Barroca, pesquisadora e gestora da Unidade Tambaú da FCJA. A diretoria da APC esteve presente à exibição do filme.

CANAL BRASIL

Série mostra sequestro de avião na ditadura

Emerson da Cunha
 emerson.auriao@gmail.com

Em 2017, o diretor William Biagioli deparou-se com uma notícia no site da *BBC Brasil* que relatava o caso do sequestro de um avião na década de 1970 no Brasil, em pleno contexto da Ditadura Militar. A história mostrava a possibilidade de contar um pouco da história da ditadura a partir de um evento específico, e não por longo período ou acompanhando a jornada de uma pessoa. A ideia ganhou materialidade ao longo dos anos, e tornou-se a série *Caravelle 114*, de quatro episódios, que será apresentada, semanalmente, a partir de terça-feira (19) no Canal Brasil.

A reportagem da BBC focava na história da guerrilhei-

ra Marília Guimarães, de apenas 22 anos, que embarcou no voo 114 da empresa Cruzeiro do Sul, de Montevideu com destino ao Rio de Janeiro, com os dois filhos. Ela fazia parte de um grupo de seis guerrilheiros de um movimento de esquerda radical contra o regime. O objetivo era sequestrar o avião Caravelle e levá-lo até Cuba.

Nos dois primeiros episódios, a narrativa acompanha o início da operação e os primeiros desdobramentos. A estreia mostra a tomada do avião ainda no começo da viagem, quando o grupo revela seu plano e altera o curso do voo. Na sequência, a tensão intensifica-se com um incidente envolvendo um passageiro que tenta eliminar documentos sensíveis. O ter-

ceiro episódio mostra a articulação de uma estratégia por parte da ditadura para interromper o sequestro. No desfecho, a operação entra em sua fase mais crítica, com interferências externas, negociações em curso e a incerteza sobre a chegada ao destino final.

Segundo Biagioli, uma das motivações da produção foi humanizar o perfil dos guerrilheiros, não apenas no sentido de não tratá-los de forma negativa e pejorativa, mas também sem romantizar suas ações. Ele conta que uma das guerrilheiras envolvidas, Sônia Lafoz, pôde participar do processo de preparação dos atores.

“Em uma dessas conversas, eles perguntaram: ‘Sônia, o que você gostaria de ver na série?’. Isso em 2022, antes de *Ainda estou aqui* e *O agente se-*

creto. Ela falou assim: ‘Sempre quando vejo filme de ditadura, fico com a sensação de que as pessoas nos tratam como heróis. Mas não somos heróis, super-heróis’, conta o diretor.

Biagioli afirma que a visão de Sônia é a de que os guerrilheiros fizeram o que foi preciso. “Fomos obrigados a lutar pela nossa existência política, pelos nossos companheiros que estavam sumindo, pelas pessoas que estavam sendo torturadas, mas ninguém ali queria fazer isso. Queria viver a vida normal, queria poder namorar, ir ao cinema, tomar uma cervejinha, viver uma vida normal. Eu acho que vai ser um grande ganho para a série mostrar esse lado humano’. Então foi o caminho que a gente seguiu”, declara o diretor.



Guerrilheiros sequestram um avião que viajava de Montevideu para o Rio, enfrentando a Ditadura Militar brasileira

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

Escritor e professor | hildebertopoesia@gmail.com

Criaturas excepcionais

Barão Vrangel, certa feita, registrou: “O destino colocou no meu caminho uma criatura excepcional, tanto por suas qualidades intelectuais quanto morais. É o nosso desafortunado escritor Dostoiévski”.

Esse registro me tocou profundamente. Em certo sentido, também topei com o autor de *Crime e castigo*, no meu destino. Não com a figura biográfica, é óbvio, mas com a grandeza e a densidade das páginas que escreveu.

Cenas, personagens, ambientes, ideias, desenlaces, característicos de seus contos e romances, impregnaram minha sensibilidade e minha imaginação de leitor, inquieto e obsessivo. Nunca mais esqueci a machadada que Raskolnikov deu na usurária e na irmã! Sempre estou às voltas com os delírios alcoólicos de Dimitri Karamazov. Como esquecer a iluminada sabedoria do príncipe Mishkin?

Aprendi muito com esses dramas da vida! Dostoiévski, para mim, é o planeta central de minha galáxia literária.

Devo muito a um velho professor de Direito Penal, quando jovem estudante. Fui seu monitor e tive, nele, uma referência decisiva no plano ético e intelectual.

Francisco Espinola era seu nome. Homem

sereno, silencioso, sábio. Dominava a matéria e era de uma inigualável capacidade receptiva para com seus alunos. Preservo, até hoje, como uma relíquia, a carta de apresentação que me fez, destinada ao renomado criminalista, Paulo José da Costa Júnior, por ocasião de minha entrada na pós-graduação, na vetusta Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo. Aprendi muito com esse mestre da minha juventude. Principalmente, o valor do dever e a sagração do saber.

Já mais tarde, em pleno turbilhão da vida literária, deparo-me com um legítimo pedagogo e ao mesmo tempo com um relâmpago de criatividade, chamado Jomard Muniz de Britto. Este possuía o tutano da estética no sangue e me ensinou tantas coisas. Jomard me foi, de fato, uma criatura excepcional. Se Oswald de Andrade cunhou a expressão “A alegria é a prova dos nove”, Jomard a pôs em prática na aventura de viver. Certa feita, me disse, em fala espontânea e criativa: “Se possível: durmo e sonho com a reinvenção permanente do *Correio das Artes*”. “*Ler só dá prazer*”, eis o seu bordão!

Três tutores, três modelos, três experiências. Coisas do destino. Criaturas excepcionais que cruzaram o meu caminho e, de certa maneira, me ajudaram a ser quem sou.



Jomard Muniz: legítimo pedagogo e relâmpago de criatividade

STREAMING

Clássica, 30 Rock está na Netflix

Criada e estrelada por Tina Fey, a série é uma das comédias mais premiadas da televisão dos EUA

Nico Garófalo
Agência Estado

Há mais de 50 anos no ar nos Estados Unidos, o *Saturday night live* é uma das instituições mais relevantes da história da TV norte-americana. Um dos principais nomes saídos do humorístico é Tina Fey, primeira mulher a ocupar o cargo de roteirista-chefe do programa e que, após sua saída, criou uma série sobre sua experiência na atração. O resultado foi *30 Rock*, considerada pelo sindicato dos roteiristas dos EUA (WGA) como a melhor comédia do século 21 e vencedora de um número arrebatador de Emmys enquanto esteve no ar, de 2006 a 2013. Disponível na Netflix desde o começo de maio, pode até não estar entre as séries mais vistas da plataforma no Brasil, mas é

compromisso obrigatório para fãs de comédia ou para quem quer saber mais sobre o processo de bastidores da TV norte-americana.

A produção, que tinha um elenco formado por Fey, Alec Baldwin, Jane Krakowski e Tracy Morgan, é vista hoje como uma das produções mais influentes do gênero no século. O programa ainda descolou participações especiais gigantescas, como Matt Damon, Helen Mirren, Jim Carrey, Salma Hayek, Jennifer Aniston, Julianne Moore,

Jon Hamm, Christopher Walken, Michael Keaton, Carrie Fisher e até Martin Scorsese.

Tina Fey interpreta Liz Lemon, criadora, *showrunner* e produtora do *The Girlie Show* (TGS), um programa de esquetes ao vivo estrelado por sua melhor amiga, Jena Malone (Krakowski). Brigando com os números de audiência, o TGS se vê ameaçado quando o executivo Jack Donaghy (Baldwin) é alistado pela General Electric, então dona da NBCUniversal, para comandar as produções da emissora. Uma de suas

primeiras ordens no cargo é a contratação de Tracy Jordan (Morgan), comediante excêntrico, mas extremamente popular, para ser o novo rosto da atração.

Tracy traz o caos ao TGS. Além do comportamento errático do humorista, o ego incontrolável de Malone e a falta de profissionalismo dos roteiristas, Liz também precisa lidar com as interferências corporativas da General Electric na produção, o que a coloca em choque com o novo chefe.

Ao longo das temporadas, a protagonista e o chefe navegam pelos vários obstáculos criados pelo corporativismo norte-americano na TV, enquanto ajudam um ao outro também em suas vidas pessoais.

Grande meta-comentário sobre a TV dos EUA, *30 Rock* raramente poupava críticas a tudo o que envolve a produção de um grande programa televisivo. Patrocinadores, representatividade, preconceito e comportamentos egôlatras

de astros hollywoodianos são frequentemente alvos da acidez de Fey e seus roteiristas.

As sete temporadas estão disponíveis na Netflix e saíram em DVD.



Tracy Morgan é o astro caótico, Alec Baldwin, o chefe que não sabe nada de TV; Tina Fey, a protagonista estressada; Jane Krakowski, a atriz egocêntrica; e Jack McBrayer, o faz-tudo ingênuo

Em Cartaz

Cinema

Programação de 14 a 20 de maio, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Veira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

AUTENTIC GAMES - O FILME: NO IMPÉRIO DESCONECTADO. Brasil, 2026. Dir.: Bruno Murinho. Elenco: Marco Túlio, Andrei Soares, Cauê Bueno, Thy Bergamim. Aventura / comédia. Gamer é sequestrado para um reino sombrio e se torna um boneco e vai tentar derrotar o vilão. 1h11. 6 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: 14h15, 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 13h20, 15h15, 17h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 15h30, 17h30, 19h30. Patos: PATOS MULTIPLEX 1: dom.: 14h30, 16h30; seg. a qua.: 15h10, 17h.

O GÊNIO DO CRIME. Brasil, 2026. Dir.: André Felipe Binder. Elenco: Francisco Galvão, Bella Alelaí, Breno Kaneto, Samuel Estevam, Marcos Veras, Ailton Graça, Douglas Silva. Aventura / comédia. Quatro crianças investigam a falsificação de uma figurinha rara do álbum da Copa do Mundo. 1h30. 10 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: 14h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 12h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 12h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 12h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 13h.

NA ZONA CINZENTA (In the grey). Reino Unido/EUA, 2026. Dir.: Guy Ritchie. Elenco: Jake Gyllenhaal, Henry Cavill, Elza González, Rosamund Pike. Aventura. Dois especialistas em resgate precisam encontrar uma rota de fuga para uma negociadora com milhões em dinheiro roubado em sua conta. 1h38. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 18h, 20h30. Patos: PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 18h50.

OBSESSÃO (Obsession). EUA, 2026. Dir.: Curry Barker. Elenco: Michael Johnston, Inde Navarrette, Cooper Tomlinson. Terror. Rapaz tem desejo atendido de que o alvo de sua paixão se apaixone por ele, mas com desdobramentos sombrios. 1h48. 18 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 16h30, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 15h, 17h40, 20h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 21h15. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 16h40, 18h50, 21h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h40, 18h50, 21h. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: 16h50, 19h. Guarabira: CINEMAXXI CIDADELUZ 1: dub.: 16h45, 21h30.

O REI DA INTERNET. Brasil, 2026. Dir.: Fabrício Bittar. Elenco: João Guilherme, Marcelo Serrado, Stephanie Lourenço. Drama / aventura. Adolescente se torna uma dos maiores hackers do Brasil. 2h15. 18 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 19h15, 21h30.

ESPECIAL

BILLIE EILISH: HIT ME HARD AND SOFT: THE TOUR IN 3D (Billie Eilish: hit me hard and soft: the tour in 3D). EUA, 2026. Dir.:

James Cameron e Billie Eilish. Documentário. Filme-concerto da cantora, com apresentações em Manchester, Inglaterra. 1h54. Livre.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 3D: sáb.: 13h.

REBENTO. Brasil, 2021. Dir.: André Moraes. Elenco: Ingrid Trigueiro, Zezita Matos, Fernando Teixeira. Drama. Após matar o próprio filho, mulher abandona casa e família e vaga encontrando personagens que podem mudar seu destino. 1h37. 12 anos. Curta de abertura: *A Mulher Invisível*, de R.B. Lima.
João Pessoa: ESPAÇO CINEMA PASSEIO: sex. e sáb.: 16h; dom.: 19h. Entrada franca.

O SEU AMOR DE VOLTA (MESMO QUE ELE NÃO QUEIRA). Brasil, 2023. Dir.: Bertrand Lira. Documentário. Quatro atores têm seus destinos previstos por cartomantes e pais de santo. 1h21. 16 anos. Curta de abertura: *Alma*, de André Moraes.
João Pessoa: ESPAÇO CINEMA PASSEIO: sex. e sáb.: 19h; dom.: 16h. Entrada franca.

TOP GUN - ÁSES INDOMÁVEIS (Top gun). EUA, 1986. Dir.: Tony Scott. Elenco: Tom Cruise, Kelly McGillis, Val Kilmer, Anthony Edwards, Tom Skerritt, Michael Ironside, Meg Ryan. Aventura. Jovem impetuoso enfrenta a competitividade de uma escola de pilotos da marinha e dramas pessoais. Oscar de canção original. 1h50. Livre.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 17h45.

TOP GUN - MAVERICK (Top gun: Maverick). EUA, 2022. Dir.: Joseph Kosinski. Elenco: Tom Cruise, Miles Teller, Jennifer Connelly, Val Kilmer, Jon Hamm, Monica Barbaro, Glen Powell, Ed Harris. Aventura. Veterano piloto da Marinha agora tem a missão de treinar jovens e precisa ajudar o filho de um antigo amigo. Oscar de melhor som. Indicado ao Oscar de melhor filme. 2h10. 12 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 20h15.

REAPRESENTAÇÃO

BETTY BLUE (37°2 le matin). França, 1986. Dir.: Jean-Jacques Beineix. Elenco: Jean-Hugues Anglade, Béatrice Dalle, Gérard Darmon. Drama/romance. Aspirante a roteirista tenta apoiar a namorada enquanto ela sucumbe à loucura. 1h59. 18 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: seg., 18/5: 20h20; sex., 22/5: 18h20; qua., 27/5: 16h; dom., 31/5: 17h.

HORA DO RECREIO. Brasil, 2026. Dir.: Lúcia Murat. Documentário. Jovens brasileiros vivem temas complexos em seu cotidiano nas escolas. 1h23. 12 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ: qua., 20/5: 18h10; qui., 21/5: 20h40; dom., 24/5: 15h; seg., 25/5: 18h40; qua., 27/5: 18h10.

SUSPIRIA (Suspiria). Itália, 1977. Dir.: Dario Argento. Elenco: Jessica Harper, Stefania Casini, Flávio Bucci, Alida Valli. Terror. Aluna americana de balé na Alemanha percebe que a escola é uma fachada para algo sinistro e mortal. 1h39. 16 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: dom., 17/5: 19h; sex., 22/5: 20h30; seg., 25/5: 20h20; qui., 28/5: 20h; sáb., 30/5: 17h.

CONTINUAÇÃO

CHEIRO DE DIESEL. Brasil, 2026. Dir.: Gizele Martins e Natasha Neri. Documentário. Vozes das comunidades do Rio de Janeiro relatam os traumas das ocupações das favelas pelas Forças Armadas. 1h22. 14 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 17/5: 15h; ter., 19/5: 18h10; sáb., 23/5: 17h; sex., 29/5: 16h.

A CRONOLOGIA DA ÁGUA (The chronology of water). EUA/França/Letônia, 2025. Dir.: Kristen Stewart. Elenco: Imogen Poots, Thora Birch, Jim Belushi. Drama. Aspirante a nadadora olímpica tem vida de violência, abusos e drogas, mas supera tudo com a ajuda da escrita. 2h08. 18 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ: qua., 20/5: 19h50; sáb., 23/5: 19h; ter., 26/5: 15h30; dom., 31/5: 19h10.

O DIABO VESTE PRADA 2 (The Devil wears Prada 2). EUA, 2026. Dir.: David Frankel. Elenco: Meryl Streep, Anne Hathaway, Emily Blunt, Stanley Tucci, Justin Theroux, Kenneth Branagh, Lucy Liu, Lady Gaga. Comédia. Editora de revista de moda enfrenta dificuldades com o meio e a ascensão de antiga subalterna, agora adversária. 1h59. 10 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 20h. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 15h30; leg.: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 13h45, 16h30, 19h20, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: dom., ter. e qua.: 15h, 17h50, 20h40; seg.: 15h, 18h (sessão adaptada para portadores do espectro autista), 20h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): leg.: 13h30, 16h10, 19h, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 13h, 15h40, 18h20, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h30, 16h15, 19h, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 19h45. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: dom.: 14h. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 18h10. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: 16h, 20h45. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 18h10. CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 16h, 20h45. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: dom.: 14h20. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 19h45. Patos: CINE GUEDES 2: dub.: dom.: 14h50, 18h50, 21h; seg. a qua.: 16h30, 18h50, 21h. PATOS MULTIPLEX 3: leg.: 20h30.

PATOS MULTIPLEX 4: leg.: 17h10. Guarabira: CINEMAXXI CIDADELUZ 3: dub.: dom.: 13h45, 16h15, 18h45, 21h15; seg. a qua.: 16h, 18h40, 21h15. Remígio: CINE RT: dub.: dom. e ter.: 18h30; seg. e qua.: 14h.

ECLIPSE. Brasil, 2026. Dir.: Djin Sganzerla. Elenco: Djin Sganzerla, Clarisse Abujamra, Selma Egrei, Sérgio Guizé, Luís Melo, Gilda Nomacce, Helena Ignez. Suspense. Astrônoma grávida é surpreendida por vista de meia-irmã, o que provoca a revelação de segredos sombrios. 1h49. 16 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ: qua., 20/5: 16h; dom., 24/5: 17h; qui., 28/5: 16h; sáb., 30/5: 15h.

MÃE E FILHO (Zan va bache). Irã/França/Alemanha, 2026. Dir.: Saeed Roustayi. Elenco: Parinaz Izadyar, Sina Mohebi, Payman Maadi. Drama. Enfermeira lida com o filho rebelde e com a busca por justiça após uma tragédia. 2h11. 16 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ: ter., 19/5: 20h; sex., 22/5: 16h; dom., 24/5: 19h; qua., 27/5: 20h; sáb., 30/5: 19h.

MICHAEL (Michael). Reino Unido/EUA, 2026. Dir.: Antoine Fuqua. Elenco: Jaafar Jackson, Julian Valdi, Colman Domingo, Nia Long, Miles Teller. Drama. Michael Jackson se sobressai no grupo de música que forma com os irmãos e se torna um dos maiores astros pop da história. 2h07. 12 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 14h; leg.: 21h15. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 20h30. CENTERPLEX MAG 4: leg.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h30, 17h30, 20h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 13h15, 16h, 18h50, 21h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h15, 17h10, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 15h15, 18h, 21h. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 17h20. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 15h40, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: 18h20.

Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h40, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 18h20. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 17h20. Patos: CINE GUEDES 3: dub.: dom.: 15h30, 18h30, 21h; seg. a qua.: 16h10, 18h30, 21h. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: 17h50. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 19h55. Guarabira: CINEMAXXI CIDADELUZ 1: dub.: dom.: 14h. CINEMAXXI CIDADELUZ 2: dub.: 15h45, 18h25, 21h. Remígio: CINE RT: dub.: dom. e ter.: 14h; seg. e qua.: 20h15.

MORTAL KOMBAT 2 (Mortal kombat 2). EUA, 2026. Dir.: Simon McQuoid. Elenco: Karl Urban, Ludi Lin, Jessica McNamee. Aventura. Guerreiros enfrentam o imperador-ditador de um reino. 1h56. 18 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h10, 16h50, 19h30; leg.: 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 15h. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: dom.: 14h20, 16h30, 18h40, 20h50; seg. a qua.: 16h30, 18h40, 20h50. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: dom.: 14h20, 16h30, 18h40, 20h50; seg. a qua.: 16h30, 18h40, 20h50. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: 21h10. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 21h. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: dom.: 15h15; seg. a qua.: 15h20. Guarabira: CINEMAXXI CIDADELUZ 1: dub.: 19h10. Remígio: CINE RT: dub.: dom. e ter.: 20h30; seg. e qua.: 16h.

AS OVELHAS DETETIVES (The sheep detectives). Irlanda/Reino Unido/Alemanha/EUA, 2026. Dir.: Kyle Balda. Elenco: Hugh Jackman, Emma Thompson, Jasper Ambrose. Comédia/policia. Quando o pastor que lê romances policiais para suas ovelhas é assassinado, os animais resolvem investigar o crime. 1h49. 12 anos.
João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 15h10. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 15h10.

PAI, MÃE, IRMÃ, IRMÃO (Father, mother, sster, brother). EUA/Reino Unido/Itália/França/Irlanda/Alemanha, 2025. Dir.: Jim Jarmusch. Elenco: Tom Waits, Adam Driver, Mayim Bialik, Charlotte Rampling, Cate Blanchett, Vicky Krieps. Comédia/drama. Irmãos se reencontram após anos e reavaliam os relacionamentos com os pais distantes. 1h50. 14 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: dom., 17/5: 17h; qui., 21/5: 18h40; sáb., 23/5: 15h; sex., 29/5: 20h10.

PAPAGAIOS. Brasil, 2026. Dir.: Douglas Soares. Elenco: Gero Camilo, Roney Vilela, Marcello Escorel. Suspense. Homem que busca fama aparecendo em reportagens

sobre tragédias conhece jovem obcecado por visibilidade, em uma relação de ambição e perigo. 1h30. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: seg., 18/5: 18h40; qui., 28/5: 18h10; dom., 31/5: 15h.

O RISO E A FACA. França/Portugal/Brasil/Romênia, 2025. Dir.: Pedro Pinho. Elenco: Sérgio Coragem, Cleo Diára, Jonathan Guilherme. Drama. Engenheiro ambiental na África constrói laços íntimos, mas frágeis, com dois moradores locais. 3h31. 18 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ: seg., 18/5: 15h; qui., 21/5: 15h; seg., 25/5: 15h.

RUAS DA GLÓRIA. Brasil/França/Argentina, 2026. Dir.: Felipe Sholl. Elenco: Caio Macedo, Alejandro Claveaux, Diva Menner. Drama. Antropólogo argentino vai ao Rio estudar profissionais do sexo, mas é seduzido pelo seu objeto de pesquisa e se torna também um deles. 1h43. 18 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ: ter., 19/5: 16h; ter., 26/5: 19h; sex., 29/5: 18h10.

SUPER MARIO GALAXY: O FILME (The Super Mario Galaxy movie). Japão/EUA, 2026. Dir.: Aaron Horvath e Michael Jelenic. Comédia/aventura/animação. A dupla de encanadores Mario e Luigi enfrentam uma dupla que conspira para dominar o mundo. 1h38. Livre.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 17h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 15h30. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: dom.: 14h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: dom.: 14h. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: 15h. CINE GUEDES 2: dub.: 17h. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 15h. Guarabira: CINEMAXXI CIDADELUZ 2: dub.: dom.: 13h40. Remígio: CINE RT: dub.: dom. e ter.: 16h15; seg. e qua.: 18h30.

Teatro

HOJE

CHARLIE E A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE. Do Cara Dupla Coletivo de Teatro. Direção: Leticia Rodrigues. Baseado no livro de Roald Dahl. Menino pobre encontra bilhete premiado para uma visita a uma fábrica de chocolate, guiada por seu excêntrico proprietário. Livre.
João Pessoa: TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, nº 284, Manaíra). Sábado e domingo, de 2 a 24/5, 16h e 18h. Ingressos: R\$ 30, antecipados pelo whatsapp (83) 9.8625.5220.

Música

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.
João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 17/5, 21h30. Ingressos: de R\$ 20 (meia/1º lote) a R\$ 50 (inteira/2º lote), antecipados na plataforma Shotgun.

RESPONSABILIDADE SECULAR

Senado Federal chega aos 200 anos

Do Império à Constituição cidadã, Casa legislativa ajudou a escrever capítulos decisivos da história do país

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com
com Agência Senado

Entre paredes históricas, discursos que atravessaram séculos e decisões que moldaram os rumos do país, o Senado Federal chega aos 200 anos como uma das instituições centrais da democracia brasileira. Da monarquia ao regime republicano, do período escravocrata à Constituição de 1988, a Casa acompanhou — e ajudou a escrever — capítulos decisivos da história nacional.

Instituído pela Constituição de 1824, o Senado surgiu como uma das bases da estrutura política do Brasil Império. A trajetória oficial começou pontualmente às 11h do dia 6 de maio de 1826, no Palácio Conde dos Arcos, no Rio de Janeiro. Carruagens, rituais solenes e trajes imperiais marcaram a abertura do primeiro Parlamento brasileiro. Naquele momento, o país buscava consolidar suas instituições após a Independência.

Segundo registros históricos da Agência Senado, naquele início de maio de 1826, senadores e deputados preparavam a concretização de uma das principais determinações da primeira Constituição brasileira. Outorgada dois anos antes, a Carta previa um Poder Legislativo dividido em duas Casas — Câmara dos Deputados e Senado —, que finalmente estavam oficialmente compostas e prontas para iniciar suas atividades parlamentares.

A sessão inaugural da Assembleia Geral Legislativa do Império foi conduzida pelo imperador Dom Pedro I, sob a liderança de José Egídio Álvares de Almeida, o Marquês de Santo Amaro, escolhido como o primeiro presidente da Casa. Em discurso, Dom Pedro I defendeu a harmonia entre os Poderes e destacou a necessidade de estabilidade institucional para a consolidação do jovem Estado brasileiro. O nascimento do Senado também consolidou o modelo bicameral no país, a partir da atuação conjunta com Câmara dos Deputados — estrutura que permanece até hoje.

Espaço elitista

Diferentemente de como ocorre no modelo atual, os primeiros 50 senadores foram escolhidos pelo imperador, a partir de listas tríplices elaboradas pelas 19 províncias. O cargo era vitalício e destinado a homens com mais de 40 anos e renda anual mínima de 800 mil réis — uma fortuna para a época. Militares, magistrados, membros da aristocracia imperial e figuras ligadas ao processo de Independência dominavam a composição inicial. As eleições eram indiretas, e grande parte da população brasileira, incluindo mulheres, escravizados e pessoas sem renda, não possuía direito ao voto.

Embora o Senado tenha passado por profundas transformações institucionais ao longo dos séculos, especialistas avaliam que parte das es-



Projeções especiais na fachada do Congresso Nacional relembram trajetória e missão do Senado em defesa da democracia

Prestígio

Os primeiros 50 senadores do Brasil foram escolhidos por Dom Pedro I. O cargo era destinado a homens com renda anual mínima de 800 mil réis

truturas históricas de poder ainda permanece presente na composição política da Casa. Para o cientista político Lúcio Flávio de Vasconcelos, a composição social do Senado ainda carrega marcas históricas de desigualdade e concentração de poder.

“Ao longo da sua trajetória, a composição social do Senado Federal pouco foi alterada, mantendo-se predominantemente machista, elitista e racista. Dos 81 senadores que ocupam cadeiras em 2026, apenas 16 são mulheres. Os homens brancos constituem a maioria esmagadora, enquanto a presença de negros e pardos ainda é reduzida”, argumenta.

Nesse sentido, Vasconcelos argumenta que a instituição, muitas vezes, reflete o conservadorismo estrutural da sociedade brasileira. “O Senado tem funcionado muito mais como uma instância do conservadorismo do que como espaço de transformação e modernização do país”, opina o cientista político.

Presença histórica

Nesses dois séculos, o Senado esteve presente em momentos determinantes da história nacional. O Parlamento acompanhou o fim do Império, a Proclamação da República, os períodos democráticos e as rupturas institucionais, incluindo o fechamento do Congresso Nacional pelo Ato Institucional nº 5 (AI-5), em 1968, durante a Ditadura Militar — episódio que simbolizou um dos períodos mais severos de interrupção democrática no país.

Para o presidente do Ins-

tituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), Jean Patrício, períodos de transição política demonstram o protagonismo do Senado Federal na preservação da estabilidade institucional brasileira.

“Entre os momentos que mais evidenciam a importância do Senado, estão a democratização após o Estado Novo, em 1945, a atuação durante a Constituinte de 1988 e o período de reconstrução democrática após o Regime Militar. Nessas fases, a Casa exerce papel relevante na estabilidade institucional e no equilíbrio entre os Poderes. Outro ponto importante foi a postura diante da crise político-institucional instaurada com a renúncia de Jânio Quadros e a consequente implantação do parlamentarismo no Brasil, de 1961 a 1963”, pontua.

Avanços e diversidade

Dentro do Legislativo, avanços sociais ganharam força ao longo do tempo. A abolição da escravidão, o voto feminino, o divórcio e os direitos trabalhistas passaram a integrar a agenda política nacional. Em 1988, a chamada “Constituição cidadã” consolidou essas garantias e ampliou os direitos democráticos no país.

O perfil parlamentar também se transformou profundamente. Se durante o Império a exclusividade era da elite masculina, a diversidade passou a ocupar espaço gradativamente, refletindo a ampliação da representatividade política brasileira.

A princesa Isabel é lembrada como a primeira mulher vinculada à história do Senado brasileiro. Pela Cons-

tituição do Império, ela tinha direito a um assento na Casa ao completar 25 anos, embora nunca tenha ocupado oficialmente a função. Décadas depois, Eunice Michiles tornou-se a primeira mulher a exercer o cargo de senadora no país. Atualmente, a presença de lideranças negras, indígenas e trans demonstra um Parlamento mais conectado à pluralidade da sociedade brasileira.

“A evolução da representatividade no Senado revela o avanço democrático e social do Brasil, com maior diversidade regional, política e social ao longo do tempo. A ampliação da participação de diferentes grupos demonstra mudanças importantes na sociedade brasileira e no fortalecimento da cidadania”, destaca Jean Patrício.

Memória preservada

Além da atuação política, os 200 anos do Senado também representam um vasto patrimônio histórico e documental. Em atas manuscritas, discursos históricos, fotografias e registros preservados nos arquivos do Congresso, a instituição mantém viva a me-

mória das decisões que impactaram gerações de brasileiros.

Para marcar o bicentenário, o Senado lançou um portal especial reunindo textos, imagens, documentos históricos, atas da primeira legislatura e documentários sobre a trajetória da instituição e do Poder Legislativo brasileiro.

As comemorações também incluíram projeções especiais na fachada do Congresso Nacional, homenageando personagens históricos e reforçando o compromisso do Parlamento com a preservação da memória democrática nacional. Foram exibidas figuras, por exemplo, de Abdias Nascimento, Eunice Michiles e Ulysses Guimarães, que se tornou símbolo da redemocratização brasileira ao erguer a Constituição Federal de 1988.

Ao comentar o bicentenário, a diretora-geral do Senado, Ilana Trombka, destacou a importância dos 200 anos

de representação política, debate público e fortalecimento das instituições democráticas.

“O Poder Legislativo sempre participou ativamente da história brasileira e, nos principais momentos, colocou-se como defensor do Estado e defensor da democracia, fazendo com que chegássemos aos 200 anos com a certeza de que estamos amadurecendo como país e em cidadania”, afirmou.

Legado e futuro

Para Jean Patrício, os 200 anos do Senado Federal ajudam a compreender a própria construção política e institucional do país.

“Os 200 anos do Senado Federal ajudam a compreender a formação política e institucional do Brasil, porque acompanham a trajetória do país desde o Império até a República, refletindo os processos de consolidação do Estado, do federalismo e da democracia brasileira. O Senado esteve presente nos principais momentos de transformação nacional”, frisa.

Contudo, o futuro exige mais do que a preservação do passado. O cientista político Lúcio Flávio de Vasconcelos alerta que os desafios atuais refletem a profunda polarização vivida pelo país desde 2018. Para o cientista, o papel do Senado agora é de “apaziguador”.

“Cabe ao Senado, em tese composto por representantes do povo com mais experiência e equilíbrio, defender as instituições democráticas e consolidar o poder constitucional duramente conquistado a partir da redemocratização. Do contrário, mergulharemos no caos político e administrativo com sérias consequências sociais para o futuro do Brasil”, adverte.



Senado foi instituído pela Constituição de 1824 (fotos), para ser uma das bases da estrutura política do Brasil Império, e sua primeira sessão foi realizada no dia 6 de maio de 1926

Foto: Tadeu Spósito/Agência Senado



Os primeiros senadores da Paraíba



João Severiano Maciel da Costa, o Marquês de Queluz

Seu nome é o primeiro a aparecer na Constituição de 1824, como signatário. Também foi pioneiro dos debates abolicionistas, publicando, em 1821, o primeiro tratado de grande porte no Brasil sobre o fim da escravidão. Antes da Independência, fez carreira pública próxima à Coroa: foi desembargador da Casa de Suplicação e governador-geral da Guiana Francesa. Seguiu com corte de João VI para Portugal em 1821, mas de lá foi expulso pouco tempo depois, retornando, assim, ao Brasil.



Estevão José Carneiro da Cunha

Foi líder de tropas da Paraíba na Revolução Pernambucana de 1817 e chegou a integrar o governo provisório da capitania. Com o fim do movimento, refugiou-se na Inglaterra até a sua absolvição. No Império, também foi escalado para juntas de governo na Paraíba, antes da escolha de um governante permanente.



Foto: Divulgação/MPI

Portaria assinada em conjunto pelo MPI e MGI regulamenta a transferência da gestão patrimonial de milhares de hectares

POSSE E USUFRUTO

Governo agiliza repasses de terras para povos indígenas

Medida simplifica destinação de áreas para demarcação e criação de reservas

Da Redação
com Agência Gov

O Ministério dos Povos Indígenas (MPI) e o Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI) assinaram, em Brasília, a Portaria Conjunta nº 14, que regulamenta a transferência da gestão patrimonial de terras públicas federais destinadas à posse e ao usufruto de comunidades indígenas.

A norma estabelece um rito administrativo para que áreas deliberadas pela Câmara Técnica de Destinação e Regularização Fundiária de Terras Públicas Federais Rurais (CTD), bem como outras áreas da União de interesse para demarcação de terras indígenas ou constituição de reservas indígenas, sejam transferidas ao MPI. O objetivo é dar celeridade ao processo de regularização fundiária, garantindo a destinação imediata dessas terras às comunidades.

O ministro dos Povos Indígenas, Eloy Terena, afirmou que, em três anos e quatro meses de gestão, o Governo Federal já homologou 20 terras indígenas, declarou outras 21, constituiu 31 reservas e publicou 18 relatórios de identificação e delimitação, totalizando mais de 18 milhões de hectares garantidos aos povos indígenas. Ele também destacou que, no âmbito da CTD, serão destinados três milhões de hectares na Amazônia brasileira, além de inúmeras reservas pendentes em outras regiões.

“Essa portaria vai representar concretamente mais territórios para os povos indígenas. É um marco importante no modo de olhar para a gestão das terras indígenas, e isso só faz quem conhece o movimento, quem conhece as demandas dos povos indígenas”, declarou Terena.

Mudança de lógica

A ministra da Gestão e Inovação em Serviços Pú-

blicos, Esther Dweck, afirmou que, desde a criação do MGI, o governo mudou a lógica de gestão do patrimônio da União, antes orientada para a venda a qualquer custo, para uma política de utilização com fins socioambientais. Ela informou que a CTD já deliberou sobre cerca de três milhões de hectares (67 imóveis) com potencial de se tornarem reservas indígenas, dentro de um universo de mais de 30 milhões de hectares de terras públicas sem destinação no país.

“Antes dessa portaria, a única forma que a gente conseguia fazer essa cessão era por meio da Funai [Fundação Nacional dos Povos Indígenas] por um tempo determinado, cerca de 10 anos, 20 anos. Era um instrumento temporário, muito precário para garantia de direitos. A existência do Ministério dos Povos Indígenas nos permitiu fazer a mesma lógica que fazemos com o Ministério do Meio Ambiente: destinar de forma permanente, não temporária”, avaliou Dweck.

Diante de uma resolução da CTD que recomende a destinação de terras públicas federais a comunidades indígenas, a Secretaria do Patrimônio da União (SPU), do MGI, deverá executar duas ações principais: receber do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) as áreas deliberadas, incorporando-as ao patrimônio da União, e instruir processo administrativo com os documentos encaminhados pelo MPI, que devem especificar e detalhar cada área.

Assinado o termo, o MPI, diretamente ou com apoio da Funai, fica responsável por adotar ou postular medidas para garantir a regularização definitiva das terras; instaurar ou dar continuidade a processos de demarcação; constituir reservas indígenas; definir regras simplificadas para regularização; monitorar e fiscalizar as áreas; apoiar o etno-desenvolvimento; reduzir conflitos; proteger povos

ameaçados ou isolados; e gerir equipamentos e prédios públicos existentes nos territórios.

Grande impacto

A secretária do Patrimônio da União, Carolina Stuchi, afirmou que a experiência acumulada pela SPU na destinação de imóveis da União com função socioambiental permitiu aperfeiçoar os instrumentos normativos. Ela destacou que pequenas mudanças institucionais, como a alteração do instrumento de destinação viabilizada pela criação do MPI, fazem diferença significativa na efetivação de direitos na ponta, além de contribuir para o cumprimento das metas do Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia (PPCDA).

Instrução normativa

Além da Portaria Conjunta nº 14, o Governo Federal já dispõe de um normativo específico para a constituição definitiva dessas áreas como reservas indígenas. Trata-se da Instrução Normativa (IN) nº 34, de 30 de abril de 2025, publicada no *Diário Oficial da União* pela então presidente da Funai, Joenia Wapichana.

A norma estabelece os procedimentos para a constituição de reserva indígena por meio da destinação de terras públicas e áreas desafetadas pela Funai. De acordo com o artigo 2º da IN nº 34, considera-se reserva indígena uma das formas que a União tem para estabelecer, em qualquer parte do território nacional, áreas que possam garantir ao grupo indígena a obtenção dos meios de subsistência, com direito ao usufruto e utilização das riquezas naturais e dos bens nelas existentes.

O processo de destinação pode ser iniciado por reivindicação do próprio grupo indígena ou por identificação da Funai ou de outras instituições.

A IN nº 34 regulamenta duas modalidades princi-

pais: a destinação de terras devolutas e glebas públicas, que passa pela CTD; e a desafetação de áreas pertencentes ao Programa de Reforma Agrária, já instituído pelo Incra. Em ambos os casos, cabe à presidência da Funai publicar ato de constituição da reserva indígena, que será registrado em matrícula específica no cartório imobiliário da comarca de incidência.

O artigo 17 da norma estabelece que a constituição de reserva indígena por destinação de terras públicas e áreas desafetadas não impede o prosseguimento de estudos e demarcação administrativa de terras indígenas por ocupação tradicional.

COP30

A IN nº 34 já foi utilizada para a constituição de reservas indígenas obtidas por meio da CTD. No dia 18 de novembro de 2025, durante a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP30), foram constituídas as seguintes 10 reservas indígenas, somando mais de três milhões de hectares arrecadados: Kanela do Araguaia (MT); Crim Patehi (TO); Lanklânô Xokleng (SC); Valparaíso (AM); Uty-Xunaty (RO); Guajanaíra (PA); Juru-na do Km 17 (PA); Jenipapeiro (BA); Matureba (BA); Nazário (CE); e Mambira (CE).

“

Essa portaria vai representar concretamente mais territórios para os povos indígenas

Eloy Terena

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (44)

Meira Doci dos Anjos leu meu livro *A voz de Itabaiana e outras vozes*. Doci dos Anjos é griô. O que significa griô? É a pessoa que guarda a tradição oral de um povo. Ela conta histórias dos povos de sua etnia e de sua região.

Além da vivência afetiva e cultural, um contador de histórias deve ter carisma. Doci preenche os requisitos.

Acabei de ler *Paulo Pontes, vida e paixão*, seleção de Severino Ramos. Uma frase desalentadora desse esperançoso artista: “Pessoas como nós estão à frente da consciência da sociedade. Por isso, pregamos no deserto”.

“É muito estéril, cômoda e hipócrita a preocupação do homem de barriga cheia pelos homens de barrigas vazias. Mesmo que esse homem de barriga cheia seja poeta” (Paulo Pontes, em 1961, em crônica publicada no jornal *A União*)

“Como categoria política, o povo brasileiro está fora do palco” (Paulo Pontes, em 1976, ano de sua morte).

“Tentando eliminar a prova do crime, Adão rebolou a maçã pela janela do Paraíso. Para seu azar, a fruta do pecado caiu na cabeça de Newton, que, depois de muito estudá-la, descobriu a força da gravidez, de Eva” (Microconto de José Bezerra Filho).

Sobre poesia, acho que a grande poesia é consequência de nossas fraquezas. Só uma pessoa cheia de debilidades pode construir jogos de palavras que não mudam nada, não enfrentam a dureza da vida e necessitam de pessoas imaginativas para sobreviver. E se morre a cada poema.

Saudade das cartas, as de amor, de amizade, até de negócios. A gente podia ser demagogo, até sacana, mas no particular. Como diz o velho Xico Sá: “Só as cartas transmitem o real sentimento dos homens e a verdade de suas crenças e motivos”. Na grande rede cibernética, lemos as cartas coletivas de um Brasil galinha caipira que só cisca pra trás.

“Avimaria! Falsos profetas filhos da puta amplificam a demonização dos costumes e vivem da ideia do diabo, este sim um inocente que não tira um centavo da pobreza brasileira, amém. O diabo é o único que não cobra pedágio, mesmo que o usem para roubar os pobres” (Xico Sá, acrescentando: “Só respeito os orixás e os deuses que dançam”).

Por diversos motivos desimportantes, a gente vive de saquinho cheio, numa neurastenia sem sentido. O mundo não muda. Nós que, de repente, mudamos.

E começamos a acumular agastamento. Essas alterações de humor são comuns na nossa idade meio que prolecta, nomezinho bonito a indicar um troço que nos atropela laadeira abaixo da vida.

Em Luanda, os alunos levam cadeiras para estudar nas escolas. Difícil estudar nessas condições. Lembrei do tempo distante, quando comecei a estudar em Timbaúba, aos sete anos de idade. Levava também um tamborete, caderno, lápis e borracha na cabeça todos os dias. A escolinha não tinha cadeiras para os alunos.

A dinâmica da vida, e não o esforço inicial para conhecer as primeiras letras, me deixou sem completar os estudos. Nem terminei o segundo grau. Lembrei disso ontem, na copiadora. O rapaz que fazia a arte me perguntou se eu era professor. “Nem aluno eu fui que prestasse”, respondi.

Colunista colaborador

ADOCIMENTO MENTAL

Meninas são mais expostas a riscos

Segundo estudo, 25% das garotas consideram que viver não vale a pena; índice é o dobro do registrado entre meninos

Da Redação
com Agência Senado

Os dados mais recentes da Pesquisa Nacional de Saúde da Escolar (PeNSE) mostraram um cenário de vulnerabilidade emocional entre os adolescentes brasileiros, com um recorte de gênero crítico. O estudo — realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em parceria com o Ministério da Saúde e com apoio do Ministério da Educação — ouviu estudantes de 13 a 17 anos, do 7º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio, em escolas públicas e privadas de todo o Brasil.

Uma em cada quatro meninas (25%) considera que a vida não vale a pena ser vivida, um índice que é o dobro do registrado entre os meninos (12%). O mesmo se aplica às meninas que declararam ter sentido, no ano anterior à pesquisa, vontade de se machucar de propósito: 43,4%, contra 20,5% dos meninos.

A comunicadora Maria Fernanda Resende destaca que a leitura desses números exige atenção a múltiplos fatores. Ela é presidente e fundadora do Instituto Cactus, organização que trabalha com o fomento e a promoção de ações de saúde mental. “É fundamental considerar os aspectos biopsicossociais que atravessam esses adolescentes, especialmente as meninas, que enfrentam pressões e vulnerabilidades específicas”, explica.

Invisibilidade

Felipe Dutra, professor de Ensino Fundamental e Médio da rede pública do Distrito Federal, pontua que o sofrimento

emocional das meninas tem origens identificáveis no cotidiano escolar. Segundo ele, dois fatores se destacam: a carência afetiva, muitas vezes ligada ao contexto familiar; e a busca estética, que alimenta comparações e críticas constantes. “Tem muito a ver com as comparações, a busca por uma perfeição plástica difundida por influenciadores”, aponta.

O especialista observa que, diferentemente das crianças, as adolescentes tendem a esconder o sofrimento por medo de retaliação, de punição ou de preocupar as pessoas ao redor. Quando a escola identifica um caso, o caminho mais comum é acionar a família e, quando disponível, um psicólogo ou educador social. Para Dutra, o que as unidades educacionais mais precisam é de estrutura de suporte emocional e profissionais capacitados para oferecer acolhimento além do campo pedagógico.

Pressões estéticas

A insatisfação com a imagem corporal é um dos pilares desse sofrimento. Enquanto 18,2% dos meninos relatam descontentamento com a própria aparência, esse número salta para 36,1% entre as meninas.

Patrícia Marcelino, psicóloga e coordenadora do Instituto Cactus, explica que as jovens sofrem pressões sociais distintas. “No caso das meninas, esse atravessamento tem algumas outras pressões: estéticas, de comportamento. Muitas vezes, há um processo de educação que já espera algumas coisas das meninas de uma forma um pouco diferente”, diz.

Maria Fernanda Resende



Adolescentes do sexo feminino são vítimas de comparações e críticas constantes, especialmente nas plataformas digitais

alerta para a falta de foco nas políticas públicas para essa faixa etária: “O adolescente sempre costuma ser muito invisibilizado dentro das políticas públicas. Temos muito foco nas crianças, na primeira infância, depois [a atenção] já pula para o jovem adulto”.

A comunicadora reforça a urgência da prevenção precoce, ao destacar que 50% das questões de saúde mental de um indivíduo começam até os 14 anos de idade. Atualmente, o sentimento de desamparo é real: 33% das meninas afirmam sentir que ninguém se preocupa com elas.

Das oito categorias do estudo, em uma delas os meninos apresentaram situação ligeiramente pior do que as meninas: 4,8% deles afirmaram não ter amigos próximos; no caso delas, foram 4,1%. A diferença,

porém, está dentro da margem de erro da pesquisa.

Labirinto digital

A ansiedade cotidiana afeta 61% das meninas, alimentada por preocupações excessivas e insegurança física. Diferente dos meninos, muitas jovens enfrentam restrições em sua liberdade de movimento devido ao medo da violência. No campo virtual, o risco se intensifica.

Plataformas como Instagram e TikTok identificam rapidamente aquilo que prende mais a atenção emocional da adolescente e passam a oferecer repetidamente padrões estéticos, corpos idealizados e estilos de vida irreais. O principal mecanismo psicológico identificado é a comparação social constante associada à necessidade de validação exter-

na, como curtidas, comentários e seguidores, passam a medir o valor pessoal da jovem.

A psicóloga clínica Mônica Lamounier, que trabalha com o atendimento a crianças e adolescentes há mais de 30 anos, explica que, em certo ponto, as jovens começam a medir seu valor pessoal pela aprovação digital.

“Na prática clínica, observamos meninas desenvolvendo sensação de inadequação, baixa autoestima e insegurança corporal porque passam a acreditar que precisam atingir determinados padrões para serem aceitas. Quanto mais interação com esse tipo de conteúdo, mais o algoritmo reforça esse ciclo emocional”, alerta.

Conforme a especialista, o cérebro adolescente, ainda em desenvolvimento nas áreas ligadas ao autocontrole e à re-

gulação emocional, é especialmente vulnerável a esse ciclo. “Cada curtida, vídeo curto ou novidade gera pequenas descargas de recompensa no cérebro relacionadas à dopamina, neurotransmissor ligado ao prazer e à busca por estímulos. Isso pode levar ao desenvolvimento de necessidade constante de estímulo, dificuldade de concentração, aumento da ansiedade e maior impulsividade emocional”, destaca.

Mônica Lamounier aponta que o uso problemático começa quando a rede passa a afetar humor, autoestima e relações interpessoais. Os sinais de alerta incluem: ansiedade ao ficar *off-line*; dependência de curtidas e validação; comparação excessiva; irritabilidade sem o celular; prejuízo no sono e na concentração; e isolamento social.

Isolamento ameaça vidas, e cenário preocupa o poder público

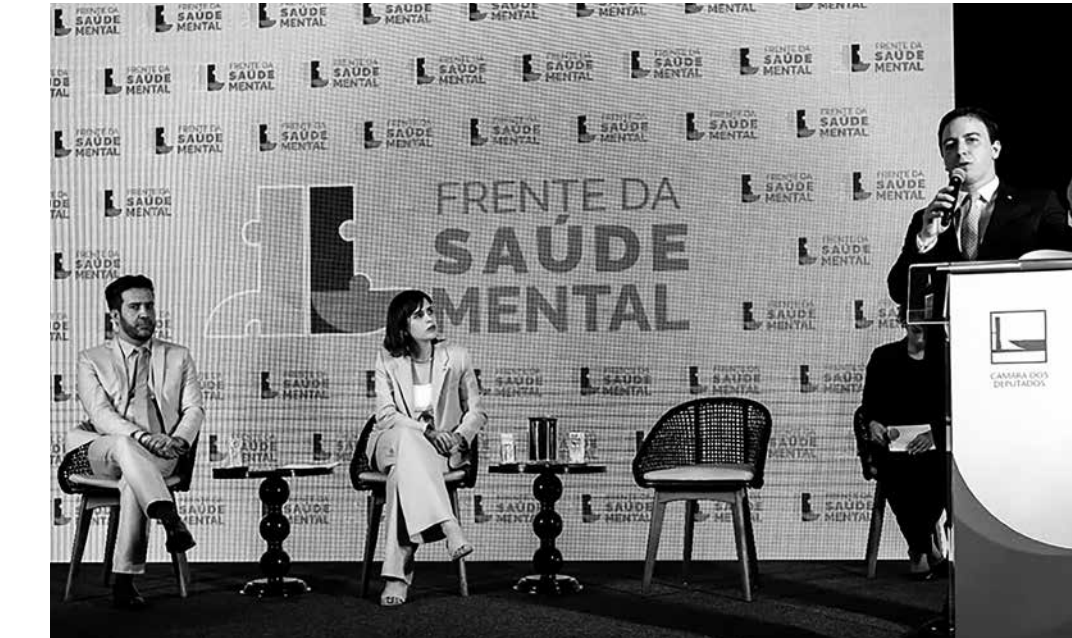
Para Aisha Haila, uma jovem de 20 anos natural de Aracaju (SE), os dados da PeNSE não são apenas estatísticas, mas o reflexo de uma jornada que ela conhece de perto. Durante a adolescência, Aisha enfrentou um profundo isolamento, agravado pela pandemia de Covid-19, que a levou a questionar seu próprio valor e importância. Na época, ela também começava a enfrentar as dificuldades de uma neurodivergência que ainda tenta diagnosticar. “O isolamento dá muita voz para situações mentais. Você começa a pensar que não tem importância, porque está ali dentro de uma bolha”, relata a jovem.

A percepção de que precisava de ajuda veio após anos lidando com ideias suicidas, que surgiram, precocemente, aos 11 anos. Aisha descreve ter chegado a um estado de “vazio absoluto”, onde não sentia raiva, tristeza ou alegria: “Chegou uma hora que não era mais dor, era uma coisa inominável. Eu não sentia nada”.

A virada de chave ocorreu quando ela percebeu que estava apenas vivendo “um ano

após o outro”, e decidiu que merecia mais. Buscou, então, aconselhamento profissional e atividades terapêuticas. Para ela, o que realmente fez a diferença em sua recuperação foi o senso de comunidade proporcionado pelo exercício de trabalho voluntário. Os projetos sociais forçaram Aisha a sair da cama e se manter ativa. “Uma das coisas que me ajudou a sobreviver foi me doar ao outro. Eu comecei a ver importância em mim. Eu tinha que levantar, tomar banho, parecer apresentável. E foi nisso, de estar dentro da comunidade, que eu consegui realmente ultrapassar [o estado anterior]”, recorda.

A mensagem que Aisha deixa para outras meninas que enfrentam o sentimento de que a vida não vale a pena é um exercício de persistência e autoafirmação. Ela aconselha que, além de buscar ajuda profissional e de adultos de confiança, as jovens devem combater as vozes internas negativas diariamente. “Se contradiga todos os dias da sua vida. Quando você tiver aquela voz no fundo da sua cabeça dizendo que você não é suficiente, fale em voz alta:



Vice-presidente da FPSM, Célio Studart (D) defende a regulação dos ambientes virtuais

‘Eu sou o suficiente. Eu mereço viver’. Embora pareça difícil no início, acaba transformando a realidade. Fale até ser verdade”, recomenda.

Hoje, Aisha Haila integra o comitê de jovens do Instituto Cactus. Sua atuação no serviço social é uma forma de garantir que outras histórias não se percam no anonimato das planilhas. “Eu não queria mais ser só um dado, só um número de uma pesquisa. Eu quero que a minha verdade seja escutada, assim como a

verdade de tantas outras pessoas ao meu redor”, conta.

Caminhos no Congresso

Para enfrentar essa crise de forma estrutural, o Congresso Nacional conta com a Frente Parlamentar Mista para a Promoção da Saúde Mental (FPSM), composto por mais de 200 deputados e senadores. O colegiado trabalha para criar uma agenda prioritária de promoção à saúde e combate à discriminação no Brasil. A missão é fortalecer a

Rede de Atenção Psicossocial (Raps) e garantir que a saúde mental não seja um privilégio de poucos, mas um direito de todos.

Vice-presidente da FPSM, o deputado federal Célio Studart (PSD-CE) destaca que a “prioridade absoluta” neste momento é fortalecer uma rede de proteção integral. Segundo o parlamentar, é fundamental inserir a saúde mental de forma estruturada no ambiente escolar, com equipes multidisciplinares

preparadas para identificar sinais precoces de sofrimento.

Ele também alerta para os riscos contemporâneos: “É urgente regular o ambiente digital, especialmente no que diz respeito à proteção contra conteúdos nocivos e o impacto das apostas *on-line*, as chamadas ‘bets’, que aumentam casos de ansiedade e compulsão entre jovens”, adverte.



Foto: Arquivo pessoal

Chegou uma hora que não era mais dor, era uma coisa inominável. Eu não sentia nada

NA PARAÍBA

Seleções somam mais de mil vagas

Edital das prefeituras de Campina Grande e Sobrado reúnem oportunidades para níveis médio, técnico e superior

Priscila Perez
 priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Quem vinha esperando um concurso de peso na Paraíba ganhou um motivo a mais para mergulhar nos estudos. A Prefeitura de Campina Grande publicou três editais com 960 vagas, distribuídas por áreas como educação, saúde, infraestrutura, segurança e finanças, com salários que variam de R\$ 1,6 mil a R\$ 9,6 mil. Mas a semana também abre espaço para quem busca uma seleção menor. Em Sobrado, município próximo à capital paraibana, a Prefeitura local reúne vagas para profissionais de níveis médio, técnico e superior, com disponibilidade em setores-chaves da administração municipal, da saúde à assistência social.

Maior concurso

Entre os editais abertos, o concurso da Prefeitura de Campina Grande é o que concentra o maior volume de oportunidades. Ao todo, são 960 vagas distribuídas pelas diversas secretarias municipais, contemplando cargos de níveis médio, técnico e superior. Por enquanto, a maior concentração de vagas está na educação, com 547 oportunidades no total e destaque para os cargos de professor de Educação Infantil e professor do Ensino Fundamental II, ambos com 200 vagas cada. Também há chances



Sobrado tem vagas para setores-chaves da administração municipal, da saúde à assistência social

para supervisor educacional, assistente social educacional, psicólogo educacional, inspetor escolar e professores de diferentes disciplinas. Já na saúde, há 204 vagas para cargos como técnico de Enfermagem, enfermeiro, médico, farmacêutico, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, nutricionista e auditor, além de oportunidades para inspetores sanitários com diversas formações.

Outros setores da administração municipal também foram contemplados pelo concurso. Na Secretaria de Administração, são 145 vagas em disputa para cargos como

agente administrativo, assistente social, músico, fiscal, administrador, psicólogo, técnico em Agropecuária, técnico de Segurança do Trabalho, técnico de Enfermagem, contador, zootecnista e economista, entre outras funções. Já no setor de obras e infraestrutura, são 25 vagas para engenheiros civis, engenheiro eletricista, topógrafo e técnico em Edificações. Há, ainda, 30 vagas para Guarda Municipal, cinco para procurador do Município e quatro para auditor fiscal da Receita Municipal.

Para participar, os candidatos devem efetuar a inscrição

até 15 de junho, pelo site do Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e Assistencial Nacional (Idecan), banca responsável pelo certame. As taxas cobradas são de R\$ 110 para cargos de níveis médio/técnico, R\$ 150 para os de nível superior e R\$ 230 para o de procurador. De acordo com o edital, a avaliação será composta por prova objetiva, de múltipla escolha, para todos os cargos, a ser aplicada em 30 de agosto, além de análise de títulos para os postos de professor e procurador — isso sem falar na prova escrita teórico-prática, específica

do cargo. Todas as etapas do concurso, incluindo a avaliação biopsicossocial, ocorrerão em Campina Grande.

Sobrado

Também na Paraíba, a Prefeitura de Sobrado divulgou um novo concurso com vagas para candidatos de níveis médio, técnico e superior. Ao todo, são 66 oportunidades em áreas como saúde, educação, assistência social, administração e apoio operacional. Segundo o edital, as vagas estão distribuídas entre os cargos de agente comunitário de saúde, agente de combate às endemias, assistente social, auxiliar administrativo, biomédico, enfermeiro, farmacêutico, fisioterapeuta, médico, nutricionista, orientador social, professor, psicólogo, recepcionista, supervisor escolar, secretário escolar, técnico de enfermagem e técnico em análise laboratorial. Também há oportunidades para motoristas nas categorias B e D.

A jornada varia de 30 a 40 horas semanais, conforme o cargo, enquanto os salários previstos vão de R\$ 1,6 mil a R\$ 4,6 mil, com possibilidade de gratificações e complementos, como o oferecido aos profissionais de enfermagem. Para quem pretende disputar uma das vagas, as inscrições seguem abertas até 7 de junho, exclusivamente pelo site da Ápice Consultoria. As taxas foram fixadas em R\$ 48

para cargos de nível médio/técnico e R\$ 62 para nível superior. Quanto à avaliação, a prova objetiva será comum a todos os candidatos e ocorrerá em 26 de julho, na cidade de Sobrado. Além dela, haverá prova prática para o cargo de motorista e análise de títulos para as funções de nível superior. Vale lembrar que, no caso de agente comunitário de saúde, também é exigida comprovação de residência.



Por meio do QR Code, acesse o edital de Sobrado



Por meio do QR Code, acesse o edital de Campina Grande

Músico pode atuar no ensino, na produção e em bandas

Por trás de cada aplauso, há anos de estudo, preparo, escuta e adaptação. Na música, o talento pode abrir caminhos, mas não sustenta, sozinho, uma carreira inteira. Para o trompetista Ayrton Benck, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e integrante do Sexteto Brassil, a profissão vai além da performance e do próprio palco: ela demanda técnica e sensibilidade, mas, também, muita versatilidade para transitar por diferentes cenários. O músico pode atuar no ensino, na pesquisa, na produção, no arranjo, na composição, na gestão cultural, em orquestras, bandas, projetos pedagógicos e até na musicoterapia. O desafio, porém, ainda está em fazer da música uma carreira possível financeiramente.

No caso de Ayrton, essa percepção sobre a arte começou cedo. Ele iniciou os estudos aos nove anos, escolheu o trompete aos 12 e, ainda adolescente, já frequentava espaços onde a música surgia como trabalho. Suas primeiras experiências foram em apresentações de música popular, operetas, musicais e, depois, na Banda Sinfônica de Brasília, na qual passou a receber uma bolsa mensal. Segundo ele, foi nesse convívio com músicos mais experientes e, principalmente, quando passou a receber cachês pelo seu trabalho, que começou a entender que aquilo era mais do que um gosto pessoal. “Quando eu tinha 18 anos, já acumulava nove de estudo de música”,

lembra. Esse tempo, de acordo com o instrumentista, foi decisivo para que chegasse à vida adulta com uma bagagem mais consolidada.

Entretanto, Ayrton faz questão de não transformar a própria trajetória em regra, já que teve apoio da família para dedicar-se à música desde cedo, algo que, segundo ele, não condiz com a realidade de muitos estudantes nordestinos. Para ele, tempo é uma das matérias-primas mais importantes da formação musical, mas, também, uma das mais desiguais. “Mais de 50% dos alunos do bacharelado têm a renda familiar de um salário mínimo. Então, quase todos trabalham em áreas que não têm a ver com música. Trabalham com entrega, por exemplo, porque música paga menos do que Ubermoto”, analisa o especialista. A reflexão expõe uma das contradições mais duras da carreira: em uma área que exige horas de preparo, como dedicar-se integralmente a ela sem ter as condições mínimas para estudar?

Estudo permanente

No trompete, essa exigência é ainda maior porque o instrumento demanda uma fina combinação entre repertório e preparo físico. Além da técnica, tocar bem envolve respiração, resistência muscular e controle sonoro. Não à toa, o trompetista compara a prática ao esporte. “O músico que para de estudar é feito o joga-

dor que não joga. Ele precisa estudar várias horas por dia para conseguir desempenhar sua função”, explica. E quem vê a apresentação raramente enxerga o tempo gasto pelo músico para que o corpo e a mente respondam com perfeição ao que a partitura demanda. A formação, nesse sentido, não limita-se à universidade, embora, como ele próprio sublinhe, ela seja importante para abrir portas para quem deseja atuar com pesquisa ou em sala de aula. “A universidade nunca foi um caminho decisivo para música, mas ela tem seu papel”, destaca Ayrton. Conforme o professor, seja qual for o instrumento, música também se aprende em bandas, igrejas, grupos populares, orquestras, projetos sociais, aulas particulares, ensaios e nas próprias experiências de vida.

Para além do palco

Apesar de o imaginário popular associar o músico à figura de quem sobe ao palco, a realidade profissional é bem mais ampla. Ayrton lembra que há compositores que passam anos sem executar publicamente suas obras, pesquisadores que trabalham com acervos, produtores que organizam espetáculos e educadores dedicados à formação de novos músicos. Esse ecossistema, porém, ainda vai mais longe. Também envolve arranjadores, técnicos de gravação, copistas, arquivistas de orquestra, montadores de palco, inspetores de orquestra

e gestores culturais, entre outros profissionais que contribuem para o avanço da área.

Não por acaso, o mercado cobra mais do que domínio técnico. Para Ayrton, antes de qualquer nota, o músico precisa compreender o ambiente em que está inserido: onde está tocando, para quem, qual repertório faz sentido e qual papel ocupa. Cada apresentação tem seus próprios códigos, seja em uma orquestra ou na banda da igreja. “Como diria Milton Nascimento, o artista deve ir onde o povo está”, resume. Por isso, ser versátil não significa apenas tocar estilos diferentes, mas saber ajustar a própria atuação. Depois da pandemia, isso ficou ainda mais evidente diante dos desafios que surgiram. Como ele explica, muitos músicos perceberam que depender de uma única frente de trabalho poderia tornar a carreira ainda mais difícil. “Essa necessidade de adaptação é constante e um pouco complicada, porque o músico sempre quer mostrar sua arte, mas o mercado, às vezes, quer outra coisa”, reflete Ayrton. Na prática, quanto mais repertório técnico e humano ele conseguir reunir, maiores serão as chances de permanecer ativo ao longo da vida.

Valorização

Mas o que ainda desafia é a valorização desse profissional. O trompetista chama atenção para o fato de que a música é, frequentemente, tratada como dom ou entre-



Ayrton é professor da UFPB e integrante do Sexteto Brassil

tenimento, e não como trabalho especializado. O problema é que essa percepção afeta o valor pago pelas apresentações, a forma como os profissionais são contratados e até o respeito às condições de trabalho. Para o instrumentista, o esforço acumulado até o palco nem sempre é reconhecido. “Hoje, um músico recebe menos do que um pedreiro e gasta mais do que ele em termos de tempo e dedicação”, critica, fazendo referência à ausência de políticas culturais mais estruturadas. Na sua avaliação, não basta concentrar investimentos em grandes eventos pontuais se a cultura não for pensada como parte permanente

da vida da cidade. É preciso formar público, criar circuitos, valorizar artistas locais e integrar a música ao desenvolvimento urbano e social.

Oportunidade

Para quem deseja seguir pelo caminho da música, o concurso da Prefeitura de Campina Grande abre uma oportunidade diretamente ligada à área. O edital geral prevê 10 vagas para o cargo de músico, dentro da Secretaria de Administração, com jornada de 40 horas semanais e remuneração inicial de R\$ 1.621,00. A função exige certificado de conclusão do Ensino Médio, devidamente registrado.

Selic

Fixado em 29 de abril de 2026

14,50%

Sálário mínimo

R\$ 1.621

Dólar \$ Comercial

+1,63%

R\$ 5,067

Euro € Comercial

+1,19%

R\$ 5,888

Libra £ Esterlina

+1,01%

R\$ 6,774

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Abril/2026	0,67
Março/2026	0,88
Fevereiro/2026	0,7
Janeiro/2026	0,33
Dezembro/2025	0,33

Ibovespa

177.283,83 pt

-0,61%

COMO EQUILIBRAR?

Gasto com moradia desafia o planejamento doméstico

Aluguel e contas de água, luz e internet consomem boa parte da renda mensal

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

As despesas com moradia seguem como uma das maiores preocupações no orçamento das pessoas, especialmente para as classes média e baixa do país, que precisam equilibrar renda limitada com gastos cada vez mais elevados. Seja para quem vive de aluguel ou está em um processo de financiando da casa própria, o peso desse custos compromete uma parcela significativa da renda mensal e exige organização financeira regular.

Para quem mora de aluguel, o valor pago mensalmente ao proprietário é apenas uma parte da conta. Além do desse custo há despesas como condomínio, Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), que em alguns casos é repassado ao inquilino, além das contas de consumo dentro de casa, a exemplo de energia elétrica, água, internet e gás.

O Índice Geral de Preços – Mercado (IGP-M), conhecido como “inflação do aluguel”, avançou 2,73% em abril, atingindo a maior variação mensal desde maio de 2021 (4,10%). Com o resultado, o indicador acumulou alta de 2,93% ao ano.

Em cidades em crescimento, como João Pessoa, os preços dos aluguéis têm acompanhado a valorização imobiliária, o que pressiona ainda mais o orçamento de quem não possui imóvel. De acordo com o Índice FipeZap de Locação Residencial, o preço dos aluguéis no estado aumentou 1,91% em abril, acumulando alta de 5,85% ao ano.

A produtora de audiovisual, Alêssa Bruna, souha em ter a sua casa própria e revela que está se organizando para conquistar esse bem no futuro. Atualmente, no entanto, mora sozinha de aluguel e conhece

“

As despesas com moradia, no máximo, devem atingir 35% da sua renda. A partir daí, já exige um controle e uma atenção maior

Rebeca Cavalcante



Foto: Carlos Rodrigo

Alêssa tem faturamento variável e precisa de planejamento para manter as despesas em dia

bem os custos resultantes dessa escolha. Ela explica que, por conta da natureza do seu trabalho, a renda varia de mês a mês, assim como os perrengues com as despesas ou a tranquilidade com esses custos mensais relacionados à moradia.

“Como eu sou autônoma, há variação de faturamento por mês. Alguns meses são bem difíceis, outros eu vivo no paraíso. Requer um pouco de planejamento financeiro e calma. Mas tenho sobrevivido com, pelo menos, o mínimo de dignidade, que eu considero ser: comer bem, pagar os custos de morar sozinha e ter ainda acesso a cultura, arte e lazer de uma maneira geral”, comentou.

As despesas da casa realmente pesam no orçamento da jovem de 32 anos, que mora no bairro do Colibris, em João Pessoa. “Aproximadamente 40% da minha renda vai para gastos fixos como aluguel, água, luz e internet. Soma-se a isso alimentação, saúde e transporte, e aí temos cerca de 80% da minha renda com esses compromissos”.

A escolha por morar de aluguel é um planejamento definido com um olhar também para o horizonte. Alêssa quer ter um lar próprio no futuro, mas também vem juntando dinheiro para poder investir em um negócio, outro sonho da produtora de audiovisual. “Hoje moro num apartamento pequeno, num bairro popular, onde o custo com aluguel é menor. Ainda está longe do que eu almejo pro meu lar. Mas fiz essa escolha para dar prioridade a outras coisas como juntar dinheiro para investir no meu negócio e também para poder comprar, no futuro, imóvel próprio”, revela Alêssa.

Já para aqueles que optam pela compra de um imóvel financiado, a realidade não é necessariamente mais leve. Embora exista a perspectiva de conquistar um patrimônio, o compromisso financeiro costuma ser de longo prazo, podendo se estender de 20 a 30 anos ou até mais. As parcelas do financiamento, muitas vezes corrigi-

das por juros e índices inflacionários a cada ano, podem variar ao longo do tempo e surpreender o comprador. Além disso, o proprietário também arca com custos como condomínio, IPTU, registros civis, seguros obrigatórios do financiamento e manutenção do imóvel.

Em ambos os casos, há despesas que, muitas vezes, passam despercebidas em um primeiro momento, mas que impactam diretamente no orçamento. Reparos na residência, mobília, eletrodomésticos representam gastos adicionais que precisam ser considerados e que, muitas vezes, podem estar invisíveis em uma primeira análise orçamentária. No caso de imóveis financiados, ainda há a entrada inicial, que pode exigir anos de economia.

A consultora de finanças pessoais e de gestão empresarial, Rebeca Cavalcante, analisa que a decisão de assumir um custo maior com despesas de moradia precisa ser tomada com uma clareza em relação não só à renda, mas também a quanto sobra dela por mês e sobre qual é a previsibilidade das receitas.

“É importante, por exemplo, ter uma renda estável por pelo

menos seis meses antes de uma eventual decisão e guardar 20% da renda ou mais todo mês. É fundamental se planejar antes, simular os custos de moradia e não ficar no limite. As despesas com moradia, no máximo, devem atingir 35% da sua renda. A partir daí já exige um controle e uma atenção maior”, comentou.

Em casos de quem quer se planejar para comprar um apartamento, ou uma casa, a partir de um financiamento, Rebeca também explica como se deve planejar esse passo tão importante na vida, para que não seja uma fonte de dor de cabeça e de dívidas que sufoquem a rotina financeira de quem adquire um patrimônio.

“Tem que definir o valor do imóvel baseado na renda e na capacidade de financiamento. O ideal é uma parcela que comprometa no máximo 25% da renda, lembrando, claro, que vai ter um valor de entrada. Se você só consegue pagar no limite, não compre ainda. Tem que se considerar custos invisíveis, como escritura, ITBI [Imposto Sobre Transmissão de Bens Imóveis], reforma inicial e mobília. Recorrer a empréstimo tem que ser apenas em último caso”, finalizou.

Custo de vida

Esta reportagem integra a série especial *Custo de vida*, elaborada a partir do contexto de endividamento das famílias brasileiras. Dados do *Indicador de Inadimplência* da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e do SPC Brasil apontam que o país atingiu 74,82 milhões de inadimplentes em abril, isso significa 44,69% da população adulta brasileira. Na Paraíba, 44,04% da população estava com as contas em atraso em março, segundo o *Mapa da Inadimplência e Renegociação de Dívidas* da Serasa.

Nesse cenário, as reportagens buscam detalhar os principais gastos que pressionam o orçamento doméstico e como organizar a renda diante do aumento das despesas. Ao longo de quatro reportagens, o levantamento aborda despesas com moradia, automóveis, alimentação e lazer, com base em dados, relatos de consumidores e orientações de especialistas em finanças pessoais, que apresentam estratégias para o controle financeiro e a prevenção do endividamento.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

Semana de trabalho reduzida: entre a utopia e a realidade

O debate sobre a passagem da escala 6x1 para a 5x2 chegou ao centro da agenda política brasileira, revelando uma polarização que, embora compreensível, pode estar obscurecendo soluções intermediárias viáveis. De um lado, trabalhadores reivindicam qualidade de vida e saúde mental; do outro, empresários alertam para impactos econômicos potencialmente devastadores. A questão não é simples, e talvez justamente por isso mereça uma abordagem menos binária.

O argumento do Governo Federal tem mérito. Pesquisas internacionais indicam que trabalhadores descansados são mais produtivos e cometem menos erros. Uma semana de trabalho reduzida pode efetivamente diminuir o *burnout*, reduzir faltas por doença e aumentar a retenção de talentos — benefícios que, em perspectiva de longo prazo, compensam custos iniciais. Países como Portugal e Islândia realizaram pilotos bem-sucedidos com semanas de trabalho reduzidas, demonstrando que o modelo não é utopia.

Porém, o setor empresarial não está errado ao apontar desafios reais. Para um pequeno comércio, um restaurante ou uma clínica, a imposição abrupta de redução de horas pode significar contratar pessoal adicional sem margem de lucro para absorver esse custo. Diferentemente de grandes corporações, que conseguem otimizar processos e distribuir impactos, pequenas e médias empresas enfrentam margens mais apertadas. A preocupação também reside no método: uma imposição legal, sem negociação setorial, alimenta desconfiança e resistência legítima.

Aqui está o ponto crítico: não precisa ser tudo ou nada. Uma solução intermediária poderia considerar implementação gradual, começando talvez com setores específicos ou empresas acima de determinado tamanho. Outra possibilidade seria permitir flexibilidade na organização das horas — nem sempre cinco dias na semana funcionam para todos os negócios. Um varejo poderia trabalhar seis dias com jornadas reduzidas; um escritório poderia concentrar 40 horas em cinco dias. O modelo 5x2 poderia ser um objetivo, mas não um mandato rígido.

Incentivos fiscais para empresas que adotassem voluntariamente a medida também mereceriam consideração. Um crédito tributário ou redução de contribuições previdenciárias, ainda que parcial, tornaria a transição menos traumática para o pequeno negócio. Simultaneamente, o governo deveria comprometer-se com comunicação clara sobre benefícios econômicos comprovados — não apenas ideológicos — para ganhar a confiança do setor produtivo.

O diálogo tripartite entre governo, empresários e trabalhadores é urgente. A polarização atual não serve a ninguém: trabalhadores precisam de descanso, mas também de empregos estáveis; empresários precisam de viabilidade, mas também de força de trabalho saudável. Uma reforma trabalhista que ignore essas tensões está condenada a gerar apenas conflito.

A Suécia reduziu a semana de trabalho mantendo salários e competitividade. Por que não aprender com esses casos, adaptando-os à realidade brasileira? O ideal não deve ser inimigo do bom. Uma transição bem-planejada, negociada e faseada pode beneficiar todos — trabalhadores descansados, empresas viáveis e economia mais sustentável. O tempo de negociar, em vez de impor, é agora.

ENTIDADES DESPORTIVAS

Tributação especial passa na Câmara

Novo regime prevê alíquota unificada de 5%, semelhante ao que existe para clubes de futebol; texto segue para o Senado

Eduardo Piovesan
e Tiago Miranda
Agência Câmara de Notícias

A Câmara dos Deputados aprovou projeto de lei complementar que prevê um regime especial de tributação para entidades desportivas semelhante ao que existe para clubes de futebol. A matéria será enviada ao Senado.

De autoria do deputado Roberto Duarte (Republicanos-AC), o projeto de lei complementar (PLP) nº 21/2026 foi aprovado na forma do substitutivo do deputado Doutor Luizinho (PP-RJ), segundo o qual a alíquota unificada será de 5% para três tributos federais, a Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS) e o Imposto sobre Bens e Serviços (IBS).

As regras valem a partir de 1º de janeiro de 2027 e têm por objetivo adequar a tributação das organizações civis esportivas sem fins lucrativos certificadas, que compõem os subsistemas formados pelas entidades dos movimentos olímpico, paralímpico, clubístico ou educacional.

Mudanças

Com a vigência das regras da reforma tributária a partir dessa data, essas entidades pagariam 60% da alíquota cheia de CBS/IBS — estimada em 28,5% —, levando a carga tributária a cerca de 11,4%, bem acima dos 6% fixados para as Sociedades Anônimas do Futebol (SAFs).



Foto: Tobias Fyck/Unsplash

Regras entram em vigor em janeiro de 2027 e beneficiam entidades esportivas sem fins lucrativos ligadas aos movimentos olímpico, paralímpico, educacional e clubístico

Por meio do Regime Especial de Tributação para Associações Desportivas (Retad), de caráter opcional, os clubes pagarão 5%, dos quais três pontos percentuais (p.p.) são a título de Imposto sobre a Renda da Pessoa Jurídica (IRPJ), Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL) e contribuição patronal à Previdência Social. O restante

comporá a CBS (1 p.p.) e o IBS (1 p.p.). No caso do IBS, metade ficará com o estado e metade com o município.

Deduções

Da base de cálculo sobre a qual serão aplicadas as alíquotas, as entidades poderão fazer várias deduções a fim de reduzir o total a pagar. Da receita bruta mensal, assim considerada o produto da

venda de bens e serviços nas operações de conta própria, o preço dos serviços prestados e o resultado obtido nas operações em conta alheia, poderão ser excluídas:

- as receitas das contribuições estatutárias de associados ou filiados;
- que sejam membros votantes nos quadros associativos;
- as doações e os recur-

sos recebidos legalmente vindos de loterias e de apostas de quota fixa;

- os recursos públicos descentralizados voluntariamente pela União; e
- os recursos incentivados e as receitas de patrocinios.

A organização que optar pelo Retad somente poderá apropriar e utilizar créditos do IBS e da CBS em relação

às operações nas quais seja adquirente de direitos desportivos de atletas e pela mesma alíquota devida sobre essas operações (60% da alíquota cheia).

No entanto, quem adquirir bens e serviços da organização optante não poderá apropriar créditos desses tributos, exceto em relação à negociação de direitos desportivos de atletas.

Transição segue diretriz prevista pela reforma

Ao seguir as transições previstas na reforma tributária, Doutor Luizinho estabelece índices gradativos para o pagamento da CBS e do IBS. Em 2027 e em 2028, a CBS será reduzida em 0,1%, ficando em 0,9%. O mesmo valerá para o IBS nesses anos, mas de 2029 em diante a alíquota do IBS aumenta conforme diminui a do ICMS e do ISS: 0,3% em 2029; 0,5% em 2030; 0,7% em 2031; e 0,9% em 2032. A partir de 2033, valerá o percentual total (1%).

Outras deduções

Para estimular o desenvolvimento do esporte olímpico e paraolímpico, o texto permite às entidades descontarem do valor apurado de tributo federal (4% sobre a base de cálculo) até 80% a título de investimentos no fomento e na manutenção de modalidades esportivas olímpicas e paralímpicas. Assim, poderão pagar 20% de tributos federais envolvidos no regime (CBS, IRPJ, CSLL e INSS).

A dedução deve ser amparada por comprovação de investimento contínuo e da participação regular em competições oficiais, de âmbito nacional ou internacional, em no mínimo seis modalidades olímpicas ou paralímpicas distintas do futebol.

Poderão ser considera-

dos gastos, para fins de dedução, aqueles efetivamente realizados e vinculados de forma exclusiva a essas modalidades:

- folha de pagamento, encargos e direitos de imagem de atletas, comissões técnicas e equipes de apoio;
- despesas logísticas, de hospedagem e de transporte para treinamentos e competições; e
- aquisição de equipamentos, insumos desportivos e manutenção de instalações específicas.

Direitos de atletas

No caso de negociação de direitos desportivos de atletas vindos do exterior pelas organizações optantes, elas pagarão IBS e CBS pelas mesmas alíquotas aplicáveis às operações realizadas no país, aplicando-se as regras das importações de bens imateriais previstas na lei da reforma tributária.

Se a negociação for para o exterior, ela será considerada exportação para fins da imunidade do IBS e da CBS e o pagamento da alíquota unificada, na ocasião, deverá excluir aquelas referentes a esses tributos. Isso valerá, inclusive, se as atividades do atleta forem realizadas predominantemente no exterior — caso de uma passagem temporária por algum clube no Brasil a título de “empréstimo”.

Deputados divergem sobre carga de impostos

Segundo o relator, deputado Doutor Luizinho, a reforma tributária poderá deixar a carga a ser paga por clubes de futebol organizados em associações bem mais alta do que as Sociedades Anônimas do Futebol (SAFs), algo entre 11,4% sobre a receita bruta contra 6%. Para o relator, esse cenário contraria a própria lógica da reforma tributária do consumo. “Conferir tratamento específico às associações desportivas é, portanto, medida coerente com o desenho da reforma, que reconheceu a necessidade de adequar a forma de tributação às particularidades de cada atividade econômica”, esclareceu.

Doutor Luizinho lembrou que a maioria dos clubes-associação brasileiros, em especial os poliesportivos, mantêm departamentos de modalidades olímpicas e paralímpicas que, em regra, não se autofinanciam e de-



Foto: Bruno Spada/Câmara dos Deputados

Doutor Luizinho (PP-RJ), relator do projeto de lei complementar

pendem do financiamento cruzado com receitas comerciais do futebol, dos eventos e do programa de sócios. “Os clubes menores e com menor poder aquisitivo serão os primeiros e mais duramente atingidos, na medida em que não dispõem de fôlego financeiro para absorver o aumento de carga sem cortar investimentos”, declarou.

A manutenção de um regime simplificado para as

SAFs em contraste com a permanência das associações esportivas em regimes mais complexos e onerosos tende a aprofundar desequilíbrios competitivos, na opinião de Doutor Luizinho. “Tal distorção afeta diretamente a capacidade dessas entidades — historicamente responsáveis pela formação de atletas e pela difusão do esporte — de se manterem economicamente viáveis e competitivas

no ambiente esportivo contemporâneo”.

Isonomia

Para o deputado Alberto Fraga (PL-DF), vice-líder do PL, o projeto traz isonomia, liberdade de gestão e garantirá que o sistema tributário seja neutro em relação à escolha de natureza jurídica do clube. “As sociedades anônimas de futebol têm que ter o mesmo equilíbrio que as SAFs. A gente sabe que muitos clubes tradicionais estão indo à falência por não terem os mesmos benefícios”, frisou.

O líder do Psol, deputado Tarcísio Motta (Psol-RJ), afirmou que o dinheiro do pagamento de impostos deve permitir incentivar e garantir que também clubes de bairro tenham sobrevida. “A política de esporte tem de ir muito além do benefício para empresas bilionárias como são os clubes hoje”, declarou.

EDITAL DE 1º e 2º PÚBLICOS LEILÕES DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA
1º Público Leilão: 02/06/2026, às 10:05hs / 2º Público Leilão: 03/06/2026, às 10:05hs
FERNANDA DE MELLO FRANCO, Leiloeira Oficial, Matrículas JUCEMG nº 1030 e JUCESP nº 1281, com escritório na Av. Barão Homem de Melo, 2222 - Sala 402 - Estoril - CEP 30494-080 - Belo Horizonte/MG., autorizado por BANCO INTER S/A, CNPJ sob nº 00.416.950/0001-01, venderá em 1º ou 2º Leilão Público Extrajudicial, nos termos do artigo 27 da Lei nº 9.514/97, com a redação dada pela Lei nº 14.711/2023 e regulamentação complementar com Sistema de Financiamento Imobiliário, o seguinte: Unidade Autônoma 1408 - Torre 02, do Edifício Residencial Reserva Almagre, situado na Rua Golfo de Coronation, nº 688, Lote B1 da Quadra SD, Loteamento Propriedade, Bairro Ponta de Campina, Cabedelo/PB, contendo: fração ideal de 0,003507851, área real total de 71,4963m², área real privativa coberta padrão de 45,50m², área real privativa coberta padrão diferente ou descoberta de 2,75m², área real estacionamento de 11,00, área real uso comum de 12,2463m². Vaga(s) 197, posição descoberta livre, localização térreo. Imóvel objeto da Matrícula CNM: 072173.2.0036013-95 (transitada da Matrícula nº 36.013 do Tabelionato de Nota e Ofício de Registro de Imóveis da Comarca de Cabedelo/PB. Dispensa-se a descrição completa do IMÓVEL, nos termos do art. 2º da Lei nº 7.433/85 e do Art. 3º do Decreto nº 93.249/86, estando o mesmo descrito e caracterizado na matrícula anteriormente mencionada. 1º PÚBLICO LEILÃO - VALOR: R\$ 335.184,75 (trezentos e trinta e cinco mil, cento e oitenta e quatro reais e setenta e cinco centavos); 2º PÚBLICO LEILÃO - VALOR: R\$ 341.673,19 (trezentos e quarenta e um mil, seiscentos e setenta e três reais e dezenove centavos). O arrematante pagará à vista, o valor da arrematação, 5% de comissão do leiloeiro e arcará, também à vista, com despesas cartoriais, impostos de transmissão para lavratura e registro de escritura, responsabilizando-se, ainda, por todas as despesas que vencerem a partir da data de arrematação. O imóvel será entregue no estado em que se encontra. Venda ad corpus. Imóvel ocupado, desocupação a cargo do arrematante, nos termos do art. 30 da Lei nº 9.514/97, com a redação dada pela Lei nº 14.711/2023. Ficom os Fidejantes: GILSON RICARDO BRITO MENDES DA SILVA, brasileiro, professor, RG: 3.490.044 SSS/SP, CPF: 095.189.504-40 e RENATA CAVALCANTE BEZERRA, brasileira, técnica de enfermagem, RG: 4.250.477 SSS/SP, CPF: 102.762.164-31, casados entre si sob o regime de comunhão parcial de bens, residentes e domiciliados na Rua Marcia Carneiro Moraes de Oliveira, nº 281, Bairro Mangabeiras, João Pessoa/PB, CEP: 58.058-565, intimado(s) da data dos leilões pelo presente edital. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da Lei nº 9.514/97, incluído pela Lei nº 13.465/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico, podendo o(s) fiduciante(s) readquirir(em) o imóvel entregue em garantia fiduciária, sem concorrência de terceiros, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos, despesas e comissão de 5% do Leiloeiro, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do artigo 27, da Lei nº 9.514/97, com a redação dada pela Lei nº 14.711/2023, ainda que outros interessados já tenham efetuado lances para o respectivo lote do leilão. Leilão online, os interessados deverão obrigatoriamente, tomar conhecimento do edital completo através do site www.francoleiloes.com.br.

SÃO BRAZ S/A INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE ALIMENTOS
CNPJ nº 08.811.226/0001-84

ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA E EXTRAORDINÁRIA

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

São convocados os senhores acionistas a se reunirem em Assembleia Geral Ordinária e Extraordinária, que se realizarão no dia 25 de maio de 2026, às 10:00 horas, na sede social, situada na Rua José do Patrocínio 93, São José, Campina Grande, Paraíba, a fim de deliberar sobre a seguinte ordem do dia:

I - Ordinária:
a) Prestação de contas dos administradores, exame, discussão e votação das demonstrações financeiras relativas ao exercício social encerrado em 31 de dezembro de 2025.

II - Extraordinária:
a) Exame e deliberação a respeito da proposta da diretoria para elevação do Capital Social, mediante incorporação de reservas de incentivos fiscais.
b) Alteração parcial do Estatuto Social, no tocante ao Capital Social.

Comunicamos que se encontra à disposição dos senhores acionistas, na sede social, os documentos a que se refere o artigo 133, da Lei nº 6.404/1976, com as alterações da Lei nº 10.303/2001, relativos ao exercício social encerrado em 31 de dezembro de 2025.

Campina Grande (PB), 13 de maio de 2026.

Eduardo de Oliveira Carlos da Silva
Presidente do Conselho de Administração

DIREITOS HUMANOS

Projeto aproxima a Justiça de populações vulneráveis

Iniciativa desenvolvida pelo MPF e a UFPB recebe financiamento do Estado

Ascom Secties

Uma parceria entre ciência, pesquisa e o sistema de Justiça tem mudado a eficácia na garantia de direitos humanos na Paraíba. O Laboratório de Pesquisa e Práticas Jurídicas em Direitos Humanos surgiu para aproximar o direito da realidade vivida por pessoas em situação de vulnerabilidade social. Esse trabalho é uma colaboração entre a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba (Secties), a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB), a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e o Ministério Público Federal (MPF).

O laboratório, criado em novembro de 2024, facilita a atuação jurídica em problemas enfrentados por comunidades tradicionais, famílias camponesas, populações em situação de vulnerabilidade habitacional e grupos historicamente excluídos das políticas públicas, a partir de uma metodologia baseada na escuta das comunidades e na construção coletiva das ações judiciais e extrajudiciais.

“Quando pensamos em ciência, tecnologia e inovação, não podemos limitar a apenas laboratórios, equipamentos ou produção acadêmica. Além disso, o conhecimento tem a capacidade de transformar a vida das pessoas. Esse projeto mostra exatamente isso: a universidade passando a atuar diretamente junto às populações historicamente mais vulnerabilizadas”, enfatizou o secretário da Secties, Claudio Furtado.

O financiamento realizado pela Secties e pela Fapesq-PB garante bolsas para pesquisadores e estudantes, estrutura operacional, produção de relatórios técnicos, seminários públicos e sistematização metodológica do projeto.

Para o coordenador de laboratório, o professor Hugo Belarmino, da UFPB, o apoio institucional representa uma mudança importante na forma como as políticas públicas de ciência e tecnologia podem atuar na sociedade. “Hoje os recursos da Fapesq-PB e da Secties estão sendo investidos diretamente na implementação dos direitos humanos na vida das pessoas. Ao mesmo tempo, o projeto produz

conhecimento científico capaz de servir como referência para outras experiências semelhantes no Brasil”, afirmou.

A criação do laboratório surgiu a partir do aumento expressivo de demandas relacionadas a direitos humanos recebidas pelo MPF na Paraíba. Atualmente, o Primeiro Ofício do MPF acumula mais de 200 procedimentos administrativos e mais de 100 ações judiciais envolvendo conflitos fundiários, direitos de povos tradicionais, moradia, agricultura familiar, racismo e acesso a políticas públicas.

Segundo o procurador da República José Godoy, a estrutura existente já não conseguia acompanhar a complexidade dos casos. “Movimentos como MST o [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra], a CPT [Comissão Pastoral da Terra], a Coordenação Estadual Quilombola e diversas organizações passaram a trazer demandas extremamente complexas, que exigiam análise aprofundada e acompanhamento técnico. Em determinado momento, percebemos que precisávamos construir uma nova estrutura para conseguir responder adequadamente”, explicou.

Para o professor Hugo Be-

larmino, a iniciativa busca romper com uma formação jurídica historicamente centrada em demandas individuais. “Os cursos de Direito, em grande parte, ainda trabalham uma prática jurídica voltada para interesses particulares. Mas os direitos humanos são, essencialmente, coletivos. Não existe violação de direitos humanos que atinja apenas uma pessoa isoladamente”, afirmou.

A estrutura funciona por meio de cinco grupos de trabalho e assessoria (GTAs), coordenados por pesquisadores com experiência em direitos humanos em nível de doutorado. Cada grupo acompanha temas prioritários definidos pelo laboratório, envolvendo também estudantes bolsistas de graduação da UFPB. “O que estamos fazendo é construir uma nova forma de pensar a prática jurídica dentro da universidade, aproximando o conhecimento acadêmico das demandas reais da população”, destacou Belarmino.

Dentre os principais eixos de atuação do laboratório, estão regularização fundiária urbana, reforma agrária, direitos de povos e comunidades tradicionais, transição energética justa, combate ao

racismo, moradia, risco habitacional e fortalecimento da agricultura familiar por meio das compras públicas do Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae).

Metodologia

Um dos principais diferenciais do laboratório é a adoção da escuta comunitária como parte da metodologia de trabalho. Em vez de elaborar soluções de forma exclusivamente técnica e verticalizada, pesquisadores e procuradores constroem os encaminhamentos em diálogo direto com as populações afetadas.

“O direito muitas vezes é tratado como algo distante das pessoas, reservado apenas aos especialistas. O laboratório tenta romper exatamente com essa lógica, validando o processo jurídico a partir do diálogo com as comunidades”, afirmou Belarmino.

Para José Godoy, esse processo fortalece a confiança das populações no poder público e amplia a efetividade das ações. “As comunidades passam a perceber que existe retorno, acompanhamento e compromisso institucional. Isso muda completamente a relação delas com o sistema de Justiça”, disse.



Fotos: Matheus de Medeiros/Secties



Programa tem foco na transformação da vida das pessoas, diz o secretário Claudio Furtado (D)



Financiamento garante bolsas para pesquisadores e estudantes, além de estrutura operacional

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

O Brasil e a corrida global pelas terras raras

O tema que irei abordar hoje pode ser um pouco familiar. Alguns devem se lembrar das aulas de química, da tabela periódica, em uma seção de elementos químicos geralmente conhecidos como terras raras. Recentemente, tem sido muito comum nos depararmos, na mídia, com discussões geopolíticas em torno delas. O Brasil possui a segunda maior reserva mundial, enquanto a China lidera tanto a produção quanto as reservas de terras raras, concentrando cerca de 70% da produção mundial.

Terras raras é um grupo de 17 elementos químicos fundamentais para as tecnologias de ponta no momento, como veículos elétricos, turbinas eólicas e eletrônicos. Isso porque são importantíssimos para a construção de chips, sendo fundamentais, por exemplo, na discussão da transição energética. Apesar do nome, elas são relativamente abundantes na natureza, no entanto, são difíceis de extrair.

Se olharmos para a tabela periódica, na descrição proposta por Dmitri Mendeleiev, as chamadas terras raras compreendem os 15 elementos conhecidos como lantanídeos, além do escândio e do ítrio. Os lantanídeos formam uma série de elementos químicos; entre os mais conhecidos, estão o neodímio e o disprósio, essenciais para a fabricação de ímãs de alto desempenho utilizados em turbinas eólicas e carros elétricos.

Esses elementos também têm papel importante na tecnologia de iluminação. O európio e o térbio, por exemplo, são empregados como fósforos em telas de televisão e lâmpadas. Já na área de catalisadores, destacam-se o lantânio e o cério, fundamentais no processo de craqueamento do petróleo, ou seja, a quebra do petróleo em derivados. Esse processo é estratégico para o refino e para a produção de diversos subprodutos petrolíferos. Já na medicina, o gadolínio também possui ampla aplicação, sendo utilizado como contraste em exames de ressonância magnética.

Terminada essa pequena aula de química, esses elementos são encontrados no Brasil frequentemente associados a depósitos de nióbio e fosfato, principalmente em áreas de Minas Gerais, como Araxá, Tapira e Poços de Caldas, além de Goiás, na região de Catalão.

Devido a todas essas aplicações, as terras raras hoje fazem parte da geopolítica mundial. O Brasil detém cerca de 22 milhões de toneladas, quase de 20% das reservas globais, e busca aumentar sua produção, atualmente muito baixa, e reduzir a dependência de outros países, além de conquistar geopoliticamente um local estratégico no cenário mundial.

O grande desafio tecnológico atual é que o refino de terras raras demanda elevado consumo de água e gera uma quantidade significativa de rejeitos. Precisamos dominar essas etapas do processo do ponto de vista científico e tecnológico, assegurando, ao mesmo tempo, o cumprimento rigoroso das questões ambientais relacionadas ao refino.

Hoje, existem várias parcerias sendo desenvolvidas no Brasil, com países como Austrália e Estados Unidos investindo recursos nesta área. Por isso, investir em terras raras não significa apenas explorar um recurso mineral estratégico. Significa investir em ciência, tecnologia, inovação e soberania nacional.

O Brasil tem uma oportunidade de transformar seu potencial mineral em desenvolvimento tecnológico, capacidade industrial e protagonismo geopolítico. Para isso, é fundamental fortalecer programas governamentais, ampliar investimentos em pesquisa e consolidar centros de desenvolvimento voltados ao refino e à utilização dessas terras raras. O desafio não é apenas produzir matéria-prima, mas dominar o conhecimento, agregar valor e garantir que essa riqueza contribua efetivamente para o futuro do país.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba é professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador

Ações

Atualmente, o Primeiro Ofício do MPF acumula mais de 200 procedimentos administrativos e mais de 100 ações judiciais envolvendo conflitos fundiários

ECONOMIA CIRCULAR

Reciclagem de papel poupa árvores e reduz a poluição

Além dos efeitos para o meio ambiente, atividade é uma importante geradora de emprego e renda na Paraíba

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Hoje, é celebrado o Dia Internacional da Reciclagem. A data foi instituída pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) com a finalidade de promover a conscientização em âmbito mundial sobre a importância dessa prática, além de propor o debate sobre a preservação dos recursos naturais. No caso do papel, a reutilização desse material reduz o desmatamento de árvores, além de proporcionar a economia de outros recursos naturais, como água e energia elétrica.

No Brasil, cerca de 80% do papel produzido tem origem na madeira. A reciclagem de uma tonelada de papel pode evitar o corte de 20 a 30 árvores. O processo também consome 71% menos energia elétrica e reduz em até 74% a poluição do ar.

Para Izabely Ester dos Santos, engenheira ambiental do setor de Resíduos Sólidos da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), a reciclagem é um importante instrumento da economia circular — modelo de produção que visa reduzir desperdícios —, pois diminui a necessidade de extração de novos recursos naturais e a pressão sobre os ecossistemas. “O processo consiste na transformação de materiais descartados em matéria-prima para a fabricação de novos produtos, contribuindo para a redução do consumo de água, energia e da emissão de gases de efeito estufa”, explicou.

Além dos benefícios ambientais, esse ato possui impacto social e econômico,

Preservação

Cerca de 80% do papel produzido no país tem origem na madeira, e a reciclagem de uma tonelada do produto tem potencial para evitar o corte de 20 a 30 árvores

promovendo geração de emprego e renda para cooperativas, associações e catadores autônomos. “No caso do papel, o material retorna para a indústria e se transforma em novos produtos, fortalecendo economia circular”, destacou Giovana Alves, gerente-executiva de Resíduos Sólidos da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas-PB).

Aumentar a vida útil dos aterros sanitários ao destinar corretamente materiais que possuem potencial de reaproveitamento também são melhorias propostas pela reciclagem, ponto importante nesta época de aumento dos índices de chuvas. Como explica a especialista, quando o lixo não é separado da forma correta, pode acabar entupindo de bueiros e galerias, o que piora os alagamentos.

EPC

Dentro desta perspectiva de conservação dos recursos naturais, a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) desenvolve ações de reaproveitamento de resíduos gerados na gráfica, como aparas de papel e exemplares anti-

gos do jornal **A União**. O material reciclado chega a cerca de três toneladas por mês.

“São sobras de cortes da gráfica e jornais antigos. Todo esse material é separado e recolhido mensalmente por uma empresa de reciclagem”, explicou Fabrício Macedo, subgerente de Serviços Gerais e Transporte da EPC.

Fabrício ainda destaca que essa atitude traz benefícios diretos para a natureza. “Na empresa, os papéis são prensados em fardos e vendidos para a indústria. Assim, os demais estabelecimentos não precisam cortar mais árvores, porque já reaproveitam esse material. É uma ação que visa a sustentabilidade”.

Mateus Antonioli é proprietário da Central Nordestina de Aparas, que, por mês, envia para a indústria cerca de 500 toneladas de papel. Desse montante, três toneladas vêm da EPC. Esse material vira novos produtos nas indústrias. “O papel que sai picotado, que a gente chama de papel misto, é enviado para a fábrica de papel. Daí retorna como cadernos, guardanapos, papel higiênico ou embalagens de papelão. Já os jornais, uma parte vai para essas mesmas indústrias, o que está mais deteriorado, e a outra, a gente fornece a uma oficina de pintura, para o isolamento dos carros; para granjias de frutas, para cobrir a mercadoria e o sol não queimar”.

Ele ressaltou, ainda, a importância econômica da atividade. “A reciclagem ajuda a preservar o meio ambiente e ainda gera renda para as famílias que atuam na coleta de material reciclado”, disse. Há 24 anos no ramo, Ri-



Foto: Ricardo Moraes/Arquivo pessoal

Sucata do Galego vende papel usado para a fabricação de cadernos, livros e outros produtos

cardo Moraes, proprietário da Sucata do Galego, também atua comprando e revendendo resíduos recicláveis para a indústria. Segundo ele, o seu trabalho, que destina material para a fabricação de cadernos, livros e outros produtos, tem uma representatividade muito importante na questão ambiental.

Papeis reciclados

Grande parte dos papéis usados no cotidiano podem ser reaproveitados. É o caso de papel sulfite, cadernos, envelopes, jornais, revistas, caixas de papelão, cartolinas e embalagens de papel. Contudo, como explicou Izabely Ester dos Santos, da Sudema, materiais contaminados com gordura, óleo, produtos químicos ou adesivos não devem ser reciclados. Papel higiênico, guardanapos usados e papel toalha não são recicláveis, pois absorvem impurezas que comprometem o processo de reciclagem, devendo ser destinados como rejeito aos aterros sanitários.

Passo a passo

A reciclagem começa dentro de casa, com a separação correta dos resíduos. “A população pode colaborar separando, em casa, papéis e papelões limpos e secos, armazenando-os em recipientes específicos até que possam ser destinados adequadamente”, comentou Izabely dos Santos. Para ela, embora o papel possua menor valor comercial em com-

paração a outros recicláveis, sua destinação correta continua sendo fundamental para fortalecer a cadeia da reciclagem e reduzir impactos ambientais.

De acordo com Giovana Alves, da Semas-PB, em João Pessoa, esses materiais podem ser levados diretamente para associações e cooperativas de catadores ou entregues a catadores autônomos, que fazem a coleta, triagem e encaminhamento para a reciclagem. Os espaços físicos das cooperativas e associações estão presentes em bairros como Mangabeira, Bessa, Bairro dos Estados e Jardim Cidade Universitária. Nesses locais, a população pode entregar os materiais já separados e, sempre que possível, limpos e secos.

Izabely Ester reforça que a população também pode acompanhar os dias da coleta seletiva domiciliar realizada pela Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur) nos bairros da capital. “O ideal é manter os papéis limpos, secos e separados do lixo orgânico, evitando contaminações que prejudiquem a reciclagem”, orientou.

Apoio técnico

A Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade da Paraíba atua, principalmente, no apoio técnico dessa atividade, com ações de educação ambiental, capacitação, campanhas e incentivo a projetos de gestão

adequada dos resíduos. “Esse trabalho envolve escolas, prefeituras, associações, cooperativas, comunidades e também espaços públicos. As orientações vão desde a separação correta dos resíduos até a importância da reciclagem nos aspectos ambientais, sociais e econômicos. Um ponto central da nossa abordagem é a valorização do trabalho dos catadores, que têm papel essencial nesse processo”, detalhou Giovana.

Já a Superintendência de Administração do Meio Ambiente trabalha tanto no fortalecimento da gestão ambiental quanto na orientação sobre destinação adequada de resíduos e valorização da reciclagem. No âmbito do Setor de Resíduos Sólidos, o órgão realiza o licenciamento ambiental de associações, cooperativas e empresas que trabalham diretamente com a reciclagem de materiais. “Esses empreendimentos passam por acompanhamento técnico e vistorias periódicas, devendo atender critérios ambientais e operacionais que garantam o funcionamento adequado das atividades”, esclarece Izabely dos Santos.

Além disso, a Sudema também desenvolve ações de educação ambiental e conscientização voltadas à promoção da coleta seletiva, ao incentivo da reciclagem e à disseminação de boas práticas ambientais junto à população e aos setores produtivos.



Foto: Leonardo Azeite

Empresa Paraibana de Comunicação, responsável pela gráfica e o jornal **A União**, destina cerca de três toneladas de resíduos todos os meses para a indústria de reciclagem



Foto: Carlos Rodrigo

SELEÇÃO BRASILEIRA

Lista dos convocados sai amanhã

Torcedor brasileiro vai conhecer os 26 nomes que vão em busca do hexa nos EUA, Canadá e México

Da Redação

A lista final da Seleção Brasileira com os nomes dos atletas que disputarão a Copa do Mundo, de 11 de junho a 19 de julho, nos EUA, México e Canadá, será divulgada, amanhã, em evento para imprensa, patrocinadores e convidados, no Museu do Amanhã, no Centro do Rio de Janeiro, às 17h. O cantor João Gomes foi confirmado como atração musical do evento; ele é conhecido por sucessos no forró e piseiro.

O Museu do Amanhã, projetado pelo arquiteto espanhol Santiago Calatrava, foi inaugurado em 17 de dezembro de 2015, erguido ao lado da Praça Mauá, na zona portuária do Rio de Janeiro, tendo ao fundo o cenário exuberante da Baía de Guanabara, num local icônico da cidade. O evento tem como objetivo fazer uma celebração do futebol brasileiro, unindo passado e presente da seleção mais vitoriosa nas Copas do Mundo.

Conforme a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), a proposta é transformar o momento em um evento festivo, com música e presença de público. A escolha do Museu do Amanhã reforça a ideia de um cenário mais aberto e simbólico para o anúncio, reunindo esporte e entretenimento no mesmo espaço. Será a primeira vez na história que a convocação para a Copa do Mundo terá *show* musical. Nas edições anteriores, o anúncio aconteceu na sede da entidade máxima do futebol.

Após a convocação desta segunda-feira (18), nove dias depois, no dia 27, os jogadores se apresentarão na Granja Comary para iniciar a preparação visando à disputa do Mundial. No dia 31, a Seleção enfrentará o Panamá, no Maracanã, marcando a despedida do país. No dia seguinte, a delegação segue para os Estados Unidos, onde fará um último amistoso, contra o Egito, no Estádio Huntington Bank Field, em Cleveland, no dia 6 de junho, uma semana antes da estreia contra o Marrocos, no dia 13.

Os 26 de Ancelotti

Nos últimos dias, Carlo Ancelotti afirmou que 24 nomes da lista final já estão definidos. Conforme as últimas convocações, para o gol, é certo que Alisson (Liverpool),

Ederson (Fenerbahçe) e Bento (Al-Nassr) sejam chamados. Dentre os defensores, estarão Danilo (Flamengo), Wesley (Roma), Alex Sandro (Flamengo), Douglas Santos (Zenit), Marquinhos (PSG), Gabriel Magalhães (Arsenal), Bremer (Juventus), Léo Pereira (Flamengo) e Ibañez (Al Ahli). Esses jogadores dificilmente não estarão na relação final.

Do meio para a frente, também estão certos Casemiro (Manchester United), Bruno Guimarães (Newcastle), Fabinho (Al-Ittihad), Danilo (Botafogo), Lucas Paquetá (Flamengo), Vini Jr. (Real Madrid), Raphinha (Barcelona), Gabriel Martinelli (Arsenal), Luiz Henrique (Zenit), Matheus Cunha (Manchester United), João Pedro (Chelsea) e Endrick (Lyon), que totalizam os 24 nomes quase certos no Mundial.

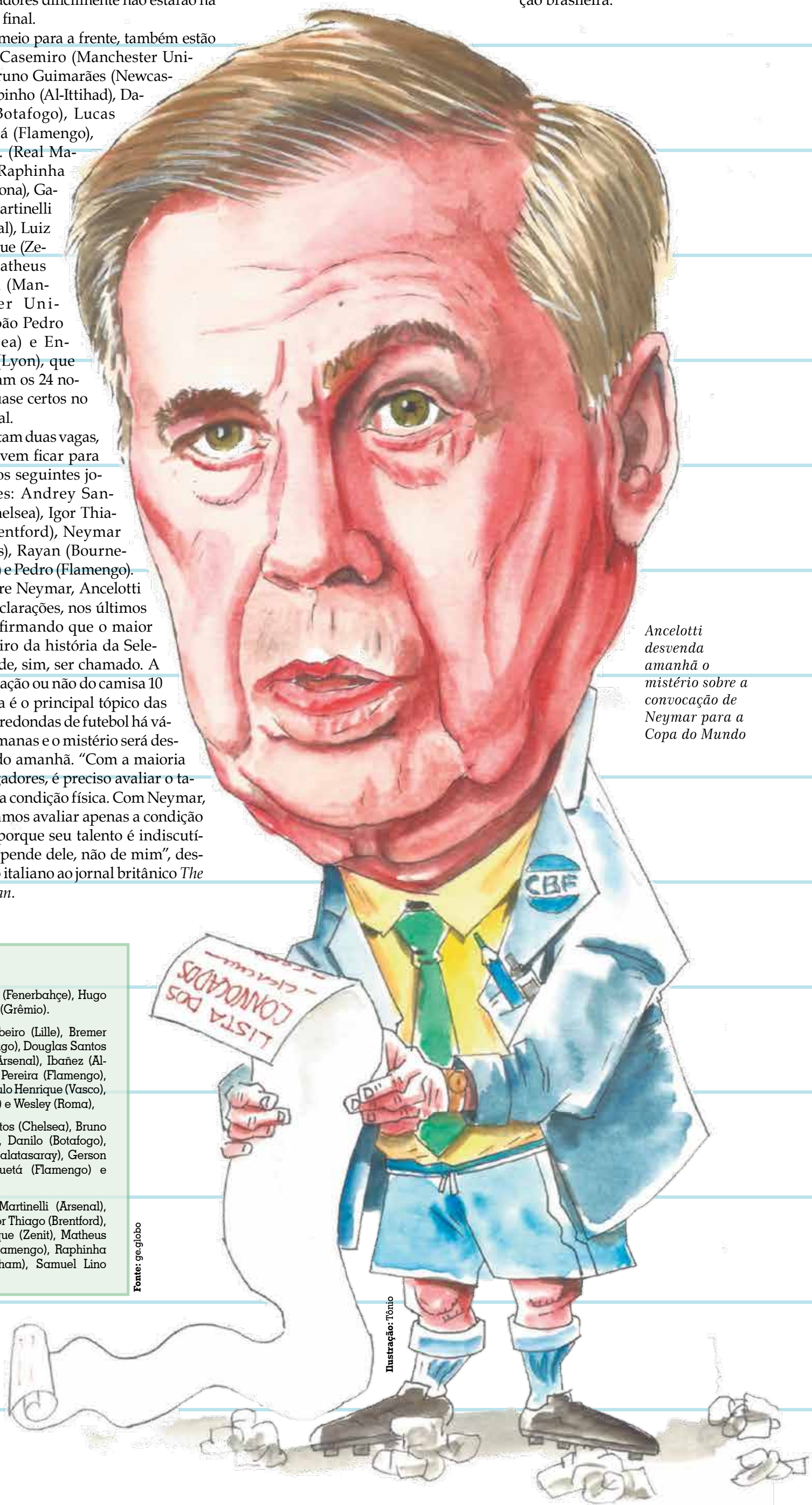
Restam duas vagas, que devem ficar para dois dos seguintes jogadores: Andrey Santos (Chelsea), Igor Thiago (Brentford), Neymar (Santos), Rayan (Bournemouth) e Pedro (Flamengo).

Sobre Neymar, Ancelotti deu declarações, nos últimos dias, afirmando que o maior artilheiro da história da Seleção pode, sim, ser chamado. A convocação ou não do camisa 10 santista é o principal tópico das mesas-redondas de futebol há várias semanas e o mistério será desvendado amanhã. "Com a maioria dos jogadores, é preciso avaliar o talento e a condição física. Com Neymar, precisamos avaliar apenas a condição física, porque seu talento é indiscutível. Depende dele, não de mim", destacou o italiano ao jornal britânico *The Guardian*.

Preparação nos EUA

A viagem para os Estados Unidos acontece no dia 1º de junho. Em terras norte-americanas, a Seleção Brasileira ficará hospedada no hotel The Ridge, em Basking Ridge, no estado de Nova Jersey. Os treinamentos ocorrerão no

novíssimo Centro de Treinamento Columbia Park, em Morristown, também em Nova Jersey, na costa leste americana, que pertence ao Red Bull New York. O local foi escolhido em dezembro de 2025 pela Federação Internacional de Futebol (Fifa), acatando a indicação brasileira.



Ancelotti desvenda amanhã o mistério sobre a convocação de Neymar para a Copa do Mundo

A LISTA DE 55 NOMES

■ **Goleiros:** Alisson (Liverpool), Bento (Al-Nassr), Ederson (Fenerbahçe), Hugo Souza (Corinthians), John (Nottingham Forest) e Wewerton (Grêmio).

■ **Defensores:** Alex Sandro (Flamengo), Alessandro Ribeiro (Lille), Bremer (Juventus), Carlos Augusto (Inter de Milão), Danilo (Flamengo), Douglas Santos (Zenit), Fabrício Bruno (Cruzeiro), Gabriel Magalhães (Arsenal), Ibañez (Al-Ahli), Kaiki Bruno (Cruzeiro), Leo Ortiz (Flamengo), Leo Pereira (Flamengo), Luciano Juba (Bahia), Marquinhos (PSG), Natan (Betis), Paulo Henrique (Vasco), Thiago Silva (Porto), Vitinho (Botafogo), Vitor Reis (Girona) e Wesley (Roma).

■ **Meio-campo:** Andreas Pereira (Palmeiras), Andrey Santos (Chelsea), Bruno Guimarães (Newcastle), Casemiro (Manchester United), Danilo (Botafogo), Ederson (Atalanta), Fabinho (Al-Ittihad), Gabriel Sara (Galatasaray), Gerson (Cruzeiro), João Gomes (Wolverhampton), Lucas Paquetá (Flamengo) e Matheus Pereira (Cruzeiro).

■ **Atacantes:** Antony (Betis), Endrick (Lyon), Gabriel Martinelli (Arsenal), Gabriel Jesus (Arsenal), Igor Jesus (Nottingham Forest), Igor Thiago (Brentford), João Pedro (Chelsea), Kaio Jorge (Cruzeiro), Luiz Henrique (Zenit), Matheus Cunha (Manchester United), Neymar (Santos), Pedro (Flamengo), Raphinha (Barcelona), Rayan (Bournemouth), Richarlison (Tottenham), Samuel Lino (Flamengo) e Vini Jr (Real Madrid).

Fonte: ge.globo

Ilustração: Tônio

COPA DE 2026

Fifa define *show* no intervalo da final

Momento histórico unirá futebol, música e impacto social no maior palco do mundo, com Madonna, Shakira e BTS

A Federação Internacional de Futebol (Fifa) e a Global Citizen anunciaram, na última quinta-feira (14), que Madonna, Shakira e BTS serão as atrações principais do histórico Show do Intervalo da Final da Copa do Mundo de 2026, que acontecerá no dia 19 de julho (domingo), no New York New Jersey Stadium. A apresentação terá curadoria de Chris Martin, do Coldplay, e será transmitida ao vivo para milhões de torcedores ao redor do mundo.

O Show do Intervalo da Final da Copa do Mundo apoiará o Fifa Global Citizen Education Fund, iniciativa que pretende arrecadar US\$ 100 milhões para ampliar o acesso à educação de qualidade e oportunidades no futebol para crianças em todo o mundo. Mais de US\$ 30 milhões já foram arrecadados, e o ritmo continua, já que US\$ 1 de cada ingresso vendido para partidas da Copa do Mundo será destinado a projetos sociais ao redor do planeta.

“Madonna, Shakira e BTS são ícones globais cuja música transcende fronteiras e gerações, e temos orgulho de recebê-los no primeiro *show* de intervalo de uma final de Copa do Mundo, com curadoria de Chris Martin, do Coldplay”, disse o presidente da Fifa, Gianni Infantino.

“Quando o mundo se reúne para a principal partida do futebol, em 19 de julho de 2026, em Nova York/Nova Jersey, este espetáculo histórico também dará destaque a um propósito maior, ao apoiar o Fifa Global Citizen Education Fund e nossa missão compartilhada de ampliar o acesso à educação de qualidade e oportunidades no futebol para crianças em todo o mundo. Será uma celebração do futebol, da união e da humanidade compartilhada que ecoará muito além do apito final”.

Personagens de *Sesame Street* (Vila Sésamo) e dos *The Muppets*, que há gerações levam aprendizado e alegria a crianças de todo o mundo, também farão parte do espetáculo. A presença deles re-

força o propósito do *show* do intervalo da final da Copa do Mundo de garantir que crianças em todo o planeta tenham acesso à educação de qualidade.

O *show* está sendo produzido pela Global Citizen em parceria com Live Nation e Done + Dusted. Em um vídeo anunciando os artistas, Chris Martin, do Coldplay, revelou o elenco estrelado e afirmou que o espetáculo será “sobre união... e todos estão convidados”.

“Me apresentar na final da Copa do Mundo em apoio ao Fifa Global Citizen Education Fund tem um significado profundo para mim. Sem educação, crianças são privadas de oportunidades antes mesmo de terem uma chance. Toda

criança merece acesso a um aprendizado de qualidade — porque a educação amplia possibilidades e cria mudanças duradouras”, disse Madonna.

“Passei minha vida fazendo duas coisas: compondo músicas e construindo escolas. Na Copa do Mundo, esses dois caminhos se encontram. Ao lado de Madonna e BTS, vou apresentar ‘Dai Dai’, a música que criei para esta Copa do Mundo e para as crianças ao redor do mundo que alcançaremos com o Fifa Global Citizen Education Fund. Minha esperança é que, no maior palco do planeta, a importância de investir na educação infantil roube a cena!”, afirmou Shakira, integrante do conselho do Fifa Global Citizen Educa-

tion Fund.

“A música é a linguagem universal da esperança e da harmonia, e estamos honrados em celebrar esse poder na Copa do Mundo, conectando milhões de espectadores ao redor do planeta em apoio à educação infantil”, declarou o BTS.

No início desta semana, a Fifa e a Global Citizen anunciaram o primeiro grupo de organizações que receberão subsídios do Fifa Global Citizen Education Fund, apoiando programas que oferecem acesso à educação e ao futebol para crianças de comunidades carentes em 10 países.

“A Copa do Mundo é o evento mais unificador do planeta. Junto da Fifa e do nosso curador, Chris Martin, do Coldplay, queríamos criar o

primeiro *show* de intervalo da história focado em deixar o legado duradouro para crianças em todo o mundo”, disse Hugh Evans, cofundador e CEO da Global Citizen. “Ao reunir os maiores artistas do mundo, o futebol e um compromisso compartilhado com a educação, temos a oportunidade de transformar um momento cultural marcante em um enorme impacto por meio do Fifa Global Citizen Education Fund. Minha esperança é que, daqui a uma década, vejamos milhões de vidas impactadas por causa deste momento histórico”.

Ao apoiar modelos comunitários já comprovados que combinam educação, esporte e engajamento local, o Fifa Global Citizen Education

Fund busca ampliar o acesso ao aprendizado, melhorar os resultados educacionais e criar caminhos de oportunidade para crianças de algumas das comunidades mais vulneráveis do mundo.

O conselho consultivo não fiduciário do Fifa Global Citizen Education Fund inclui o presidente Gianni Infantino; o cofundador e CEO da Global Citizen, Hugh Evans; a cantora e compositora colombiana Shakira; o ator australiano Hugh Jackman; a empresária americana Ivanka Trump; o cantor e compositor canadense The Weeknd; a lenda do tênis dos Estados Unidos Serena Williams; a lenda do futebol brasileiro Kaká; e o copresidente do Bank of America, Jim DeMare.



Shakira vai apresentar “Dai Dai”, música criada para a Copa do Mundo e para as crianças ao redor do planeta, um momento épico no intervalo da final, nos Estados Unidos

Foto: Thiba Benedito/Estadão Conteúdo

BRASILEIRO

Botafogo busca reabilitação, amanhã, contra a Inter de Limeira

Da Redação

O Botafogo enfrenta, amanhã, a Inter de Limeira, pela sétima rodada da Série C do Campeonato Brasileiro, no Almeidão, às 20h. A última vitória do time pessoense na competição ocorreu no dia 11 de abril, quando ganhou por 2 a 0 da Ferroviária, ainda na segunda rodada. Desde então, foi derrotado por Figueirense, Floresta, Paysandu e Maranhão.

Nem no período em que esteve na zona de rebaixamento na Série C de 2025, o futebol preocupava tanto. Contabilizando a Copa do Nordeste, são seis jogos sem vencer (empates contra Itabaiana e Fluminense-PI). Amanhã, Nenê, mais uma vez, será desfalque. O jogador recupera-se de lesão na panturrilha direita.



Henrique Dourado deve comandar o ataque do Botafogo contra a Inter de Limeira

Foto: João Neto/Botafogo

O camisa 10 vive um momento de incertezas na Maravilha do Contorno. Nenê será comentarista da CazéTV na cobertura da Copa do Mundo de 2026, disputada nos Estados Unidos, México e Canadá. O canal do YouTube transmitirá todos os 104 jogos do torneio. No período de 11 de junho a 19 de julho, trabalhando no Mundial, o jogador do Botafogo deve dividir atenções com as partidas do Alvinegro na Série C do Campeonato Brasileiro, que não será paralizada.

As informações dão conta de que a participação do jogador como comentarista será presencial, no Rio de Janeiro. Durante a Copa do Mundo, o Belo fará cinco jogos. Na atual temporada, Nenê jogou 17 partidas,

tendo marcado seis gols e concedido duas assistências. Na Terceira Divisão, o meia esteve em quatro partidas, sendo o artilheiro do time, com três gols.

O adversário

A Inter de Limeira faz uma campanha regular na Série C. Nas seis partidas realizadas, tem duas vitórias, dois empates e duas derrotas. Além disso, marcou oito gols e sofreu outros oito, tendo saldo zero.

Arbitragem

O árbitro principal do duelo é Wagner Silveira Echevarria (RS). Os árbitros assistentes são Leirson Peng Martins (RS) e Luciane Rodrigues dos Santos (RS). O quarto árbitro é Douglas Magno de Melo Pereira (PB).

COPAS DO MUNDO

Craques nem sempre são decisivos

Apenas três seleções levaram essa lógica ao extremo: França, em 1982; Itália, em 2006; e a Bélgica, em 2018

Nas grandes competições internacionais, muitas seleções avançam impulsionadas por um grande astro, um goleador providencial capaz de decidir uma partida sozinho. Pelé, Ronaldo, Zinedine Zidane, Lionel Messi ou Kylian Mbappé frequentemente foram esse craque decisivo em torno do qual tudo se articula.

Mas existe outro caminho, mais raro e por vezes mais temível: aquele em que o perigo pode vir de todos os lados, em que o adversário nunca sabe exatamente quem marcar.

Na história da Copa do Mundo, apenas três seleções levaram essa lógica ao extremo. A França em 1982, a Itália em 2006 e a Bélgica em 2018 conseguiram ter 10 atletas diferentes que balançaram as redes em uma mesma edição. É um recorde que evidencia equipes completas, imprevisíveis, capazes de marcar gol por qualquer área do campo e em todos os momentos decisivos da competição.

França, em 1982

A Copa do Mundo 1982, disputada na Espanha, marcou um ponto de inflexão na história da Seleção Francesa. Sob o comando de Michel Hidalgo, a França assumiu um futebol ofensivo e solto, longe de qualquer postura conservadora. Muito cedo no torneio, a diversidade de ameaças saltou aos olhos. Derrotada pela Inglaterra (3 a 1) na estreia, a equipe tricolor ainda assim desencantou com o gol de seu atacante Gérard Soler.

Diante do Kuwait (4 a 1), essa riqueza coletiva se expressou plenamente. Quatro jogadores diferentes que marcaram gol — Bernard Genghini, Michel Platini, Didier Six e Maxime Bossis — foram sinais de uma equipe em que os papéis se misturavam e em que todos eram capazes de concluir as jogadas. A segunda fase apenas confirmou essa tendência. Genghini voltou a aparecer contra a Áustria (1 a 0), depois Alain Giresse e Dominique Rocheteau, com dois gols cada um, desmontaram a defesa da Irlanda do Norte (4 a 1). A França atacava por todos os lados, sem jamais se apoiar em um único jogador.

A semifinal contra a Alemanha Ocidental, que entrou para a lenda, foi mais uma demonstração dessa identidade coletiva. Em desvantagem e depois irresistíveis na prorrogação, os franceses viram Platini, Marius Trésor e Giresse marcarem os gols de uma partida que se tornou mítica (3 a 3 a.p. e derrota por 5 a 4 nos pênaltis). Na disputa



Foto: Reprodução/Instagram @michelplatini

Michel Platini marcou um dos gols na vitória da França sobre o Kuwait por 4 a 1, na Copa de 1982

pelo terceiro lugar, contra a Polônia (3 a 2), René Girard e Alain Couriol completaram a lista dos 10 jogadores que balançaram as redes. No fim, a França terminou em quarto lugar naquele Mundial, com uma geração audaciosa e marcante, cujos resultados não refletem plenamente o talento.

Os 10 jogadores da França que marcaram gol na Espanha 1982: Alain Giresse (3), Bernard Genghini (2), Michel Platini (2), Dominique Rocheteau (2), Didier Six (2), Maxime Bossis, Alain Couriol, René Girard, Gérard Soler, Marius Trésor.

Itália, em 2006

Na Alemanha, a Itália conquistou seu quarto título mundial apoiada em uma base defensiva excepcional, mas também em uma distribuição muito bem controlada das responsabilidades ofensivas. Logo na estreia, contra Gana, Andrea Pirlo e Vincenzo Iaquinta deram o tom (2 a 0).

A vitória por 2 a 0 sobre a República Tcheca, com gols de Marco Materazzi e Pippo Inzaghi, confirmou essa capacidade de fazer surgir artilheiros diferentes. À medida que a fase eliminatória avançou, cada rodada apresentou um protagonista. Francesco Totti decidiu para a Azzurra diante da Austrália (1 a 0), Gianluca Zambrotta e Luca Toni fizeram a diferença contra a Ucrânia (3 a 0),

antes de a semifinal contra a Alemanha (2 a 0 a.p.) tornar-se um exemplo de sangue-frio e domínio tático. Fabio Grosso e, depois, Alessandro Del Piero marcaram na prorrogação, no momento em que a pressão era máxima.

Na final, contra a França, mais uma vez, foi um defensor, Materazzi, quem respondeu à abertura do placar dos franceses (vitória por 5 a 3 nos pênaltis, após empate por 1 a 1). A disputa de pênaltis consagrou uma equipe coesa, disciplinada e profundamente coletiva. Dez jogadores diferentes que balançaram as redes e, ao fim do caminho, um título mundial construído sobre equilíbrio e constância.

Os 10 jogadores da Itália que marcaram gol na Alemanha 2006: Andrea Pirlo, Vincenzo Iaquinta, Alberto Gilardino, Marco Materazzi (2), Pippo Inzaghi, Francesco Totti, Gianluca Zambrotta, Luca Toni (2), Fabio Grosso, Alessandro Del Piero.

Bélgica, em 2018

A Copa do Mundo de 2018 representou a consagração da geração de ouro da Bélgica. Já na fase de grupos, os Diabos Vermelhos exibiram um poder ofensivo impressionante. O Panamá foi dominado com autoridade (3 a 0), graças a Dries Mertens e Romelu Lukaku, antes de um coletivo inspirado superar a Tunísia, com Eden Hazard, Lu-

kaku e Michy Batshuayi na conclusão das jogadas (5 a 2).

O último jogo do grupo, contra a Inglaterra, mostrou Adnan Januzaj assumindo o papel de herói inesperado (1 a 0). Nas oitavas de final, contra o Japão, a Bélgica esteve perto da eliminação antes de reverter um cenário adverso (3 a 2). Jan Vertonghen, Marouane Fellaini e Nacer Chadli simbolizaram então essa capacidade de encontrar soluções além de suas estrelas ofensivas.

As quartas de final, contra o Brasil, ilustraram perfeitamente essa variedade. Um gol contra de Fernandinho, seguido de um chute magistral de Kevin De Bruyne, colocaram a Bélgica entre os quatro melhores (2 a 1). Derrotados pela França (1 a 0) na semifinal, os comandados de Roberto Martínez encerraram a campanha com seriedade, ao vencer a Inglaterra por 2 a 0 na disputa pelo terceiro lugar, com gols de Thomas Meunier e Hazard.

Ao terminar em terceiro, os belgas alcançaram o melhor resultado de sua história em uma Copa do Mundo, desfecho lógico de uma geração que chegou à plena maturidade coletiva.

Os 10 jogadores da Bélgica que marcaram gol na Rússia 2018: Dries Mertens, Romelu Lukaku (4), Eden Hazard (2), Michy Batshuayi, Adnan Januzaj, Jan Vertonghen, Marouane Fellaini, Nacer Chadli, Kevin de Bruyne, Thomas Meunier.

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Treze: da SPE à SAF

O Treze, por meio de seus espaços de poder da sua estrutura associativa, definiu que seu modelo de gestão está ultrapassado. O caminho da mudança, no entanto, não é o mais comum do atual futebol brasileiro: a famosa transformação para SAF. Pelo menos não por ora. O Treze decidiu constituir uma Sociedade de Participação Específica, uma SPE. Para, em alguns anos, chegar na pessoa jurídica de SAF. Essa pelo menos é a ideia.

Foi autorizada, na última quarta-feira, a constituição da tal SPE. O objetivo é aparentemente claro: a SPE vai comandar o futebol, incluindo a base, dar sequência, imagina-se que com mais investimento, ao trabalho de marketing e construir um novo CT, em um terreno que recebeu da Prefeitura de Campina. O objetivo é captar R\$ 10 milhões para todo esse trabalho nos próximos três meses. Assim explicou Raul Pequeno, conselheiro do clube e atual coordenador das categorias de base, além de um dos engenheiros do plano, que passou a ser realidade material a partir da última semana. Serão vendidas cotas em espécie de chamadas. A primeira é para investidores que são sócios proprietários. A segunda para torcedores e empresários trezeanos, ligados ao Galo, que não são sócios. A terceira é para qualquer perfil de investidor, que não necessariamente torça para o Treze, mas que veja nesse projeto tão audacioso uma boa oportunidade de mercado e que esteja alinhado com os valores da instituição.

Para o investidor, o negócio é apresentado como uma grande chance de aumentar o capital em poucos anos. Isso porque o arranjo econômico da ideia é fazer com que as cotas societárias de quem aderir ao projeto da SPE possam valorizar em três anos. Um curto período de tempo, sob o ponto de vista do mercado financeiro. É ao fim desse prazo que o Treze, segundo a formatação do plano de trabalho, vai se transformar em SAF, após, claro, uma esperada melhoria prática da saúde financeira do clube, com calendário garantido no futebol e algum sucesso dentro das quatro linhas.

Acontecendo tudo como pensado, o clube aumentaria exponencialmente o seu valor de mercado, fazendo com que todas as cotas da SPE também valorizassem com a eventual consequência da mudança de modelo de gestão. A ideia é essa. Apesar de interessante, ela é complexa. Isso porque tudo depende do futebol, de a bola entrar, de o departamento ser efetivo, portanto, profissional, em relação a agora. O que, de certo modo, já está sendo prometido. Mas não é bem simples de cumprir. Claro que, com R\$ 10 milhões captados, a chance aumenta. Mas não é garantia de que vai ocorrer. As quatro linhas nem sempre viram gráficos que só sobem.

Acontecendo tudo perfeitamente, no futuro, numa suposta constituição da SAF, não é certo também que quem “compre o clube” queira despejar à vista um valor devidamente justo na cabeça dos investidores da SPE logo de cara, para “pagar” os juros do investimento de quem comprou as cotas da SPE. Muito provavelmente vá ser esse tipo de proposta que o Treze vá atrás. Mas não é algo concreto a essa altura. Nem teria como ser. O que, no ponto de vista do tema investimento, não é nenhuma novidade, e quem formata projetos e quem investe no futebol sabe bem disso. Ou deveria saber.

Governança

Após a venda das cotas, o sócio majoritário, ou seja, quem tiver mais de 50% + 1 das ações da SPE, vai indicar três representantes do Conselho de Administração, sendo um deles o CEO do clube. Os outros dois serão o presidente-executivo da associação, que atualmente é João Paiva, e o presidente do Conselho Deliberativo, Anatólio Chaves, resguardando a presença da instituição nesse novo espaço de poder, ainda que em aparente minoria.

Cara de SAF, mas não é SAF

A SPE não pode mudar o escudo, o nome do clube ou vender o Estádio Presidente Vargas, por exemplo. Por outro lado, diferentemente da SAF, não assume as dívidas da associação. Muito menos tem obrigação legal de pagá-las ou mesmo diminuir o passivo dela. Apesar disso, segundo Raul Pequeno, faz parte do projeto, a partir da captação de recursos e também da gestão do que o clube tiver de receita, contribuir com a associação para a diminuição da dívida, que é uma obrigação do clube nos próximos anos em sua Recuperação Judicial. Até porque, por motivos óbvios, para chegar na fase de se tornar SAF e a execução do plano de reestruturação do Galo ser completa, é importante o clube ser atrativo ao mercado, também por conta de suas dívidas. E, quanto mais elas forem menores, melhor.



Foto: Divulgação/Flia

Kevin de Bruyne marcou o segundo gol da Bélgica na vitória sobre o Brasil, na Copa de 2018, na Rússia, que eliminou a Seleção de Tite

BRASILEIRÃO

Seis jogos completam a 16ª rodada

Botafogo x Corinthians, no Nilton Santos; e Athletico-PR x Flamengo, na Arena da Baixada, são alguns dos destaques

Da Redação

A 16ª rodada da Série A do Brasileirão será finalizada hoje, com seis partidas. Logo mais, às 11h, o Santos duelará com o Coritiba; às 16h, o Bahia receberá o Grêmio, enquanto o Botafogo medirá forças com o Corinthians; às 18h30, Bragantino e Vitória entrarão em campo, no mesmo horário em que se enfrentarão Chapecoense e Remo; a rodada será encerrada com Athletico-PR x Flamengo, às 19h30.

Santos x Coritiba

Na última quarta-feira (13), no Couto Pereira, o Peixe bateu o Coxa, por 2 a 0, e garantiu a classificação às oitavas de final da Copa do Brasil. Os gols da partida foram marcados, ainda no primeiro tempo, por Gabriel Bonfante e Adonis Frías. Agora, as duas equipes voltam a se enfrentar, desta vez na Neo Química Arena, em jogo que contará com transmissão do Premiere.

Pelo Brasileirão, o Santos iniciou a rodada em uma preocupante 15ª colocação, com 18 pontos (apenas um a mais que o Grêmio, equipe que abria a zona de rebaixamento). O Coritiba, por sua vez, começou na nona posição, com 20 pontos acumulados.

A equipe do litoral paulista apegou-se ao retrospecto favorável do confronto para buscar a recuperação. Em 46 encontros entre os clubes, foram 26 vitórias do Santos, contra 12 do Coxa, além de oito empates, segundo dados do site oGol. A última vez que se enfrentaram pelo Brasileirão foi em 26 outubro de 2023, na Vila Belmiro, quando o time mandante venceu por 2 a 1.

Bahia x Grêmio

O confronto na Arena Fonte Nova, em Salvador, terá transmissão do ge.globo, Globo e Premiere. Enquanto o Bahia busca se aproximar do pelotão de cima da tabela do Brasileirão, o Grêmio entra em campo pressionado pela necessidade de deixar a zona de rebaixamento.

O Tricolor baiano tenta se reabilitar após duas derrotas consecutivas por 2 a 1, sendo uma diante do Remo, pela Copa do Brasil, no meio de semana, e outra para o Cruzeiro, pelo Brasileirão. Já a equipe gaúcha também chega em baixa após ser derrotado pelo Flamengo por 1 a 0, no último domingo, dentro de casa.

Botafogo x Corinthians

A partida entre Botafogo e Corinthians, no Estádio Nilton Santos, terá transmissão da TV Globo e do Premiere. Pelo Brasileirão, o time carioca vem de empate em 1 a 1 com o Atlético-MG e acumula um jejum de vitórias desde a 12ª rodada, quando goleou a Chapecoense por 4 a 1. Já o Corinthians vive momento de recuperação na competição. Embalado pela vitória por 3 a 2 sobre o arquirrival São Paulo, o Timão busca mais um resultado positivo para se distanciar de vez da zona de rebaixamento.



O Botafogo, do meia Danilo, que empatou com o Atlético-MG, na rodada de número 15, pelo placar de 1 a 1, terá pela frente, hoje, o Corinthians, no Nilton Santos

Bragantino x Vitória

O Estádio Cícero de Souza Marques, em Bragança Paulista, receberá o confronto entre Bragantino e Vitória, que contará com transmissão exclusiva do Premiere.

Derrotado pelo Santos por 2 a 0 na rodada passada, o Massa Bruta entra em campo pressionado e busca a recuperação para evitar uma queda ainda maior na tabela do Brasileirão. Do outro lado, o Vitória vive momento mais estável na competição. A equipe baiana empatou

em 2 a 2 com o Fluminense no último compromisso e iniciou a rodada ocupando a 10ª colocação.

Chapecoense x Remo

Na Arena Condá, em Chapecó, Chapecoense e Remo enfrentam-se vivendo momentos distintos no Brasileirão. De um lado, a equipe catarinense, lanterna da competição, que tem apenas uma vitória em oito partidas, além de quatro empates e três derrotas (duas delas por goleada). O único triun-

fo da Chape na Série A foi logo na estreia, quando bateu o Santos por 4 a 2, em 28 de janeiro.

Já o Remo atravessa uma fase positiva e chega embalado para o confronto. A última derrota da equipe paraense aconteceu no dia 25 de abril, quando perdeu para o Cruzeiro por 1 a 0, em casa. Desde então, o Leão Azul venceu o Botafogo por 2 a 1, no Rio de Janeiro, e segurou um empate em 1 a 1 diante do líder Palmeiras, no Mangueirão. A partida terá trans-

missão do Premiere.

Athletico-PR x Flamengo

O Athletico-PR recebe o Flamengo na Arena da Baixada, com transmissão pelo SporTV e pelo Premiere. O Furacão tenta reencontrar o caminho das vitórias após três rodadas sem vencer, sequência que freou a ascensão da equipe na competição. Já o time comandado por Leonardo Jardim vive momento oposto: embalado, o Rubro-Negro carioca segue na perseguição ao líder e ostenta

uma sequência de seis partidas sem derrota.

Série B

Pela nona rodada da Série B do Campeonato Brasileiro, a bola começa a rolar às 16h, com o Athletic Club recebendo o Juventude. Mais tarde, às 18h, o Vila Nova enfrenta o Avaí. Na sequência, dois jogos movimentam a rodada às 18h30: Criciúma x Atlético-GO e Ceará x Fortaleza. Fechando os confrontos do dia, Sport e CRB enfrentam-se às 20h30.



O Bahia, que, na rodada anterior, perdeu de 2 a 1 para o Cruzeiro, joga contra o Grêmio, hoje, na Arena Fonte Nova

Jogos de hoje

BRASILEIRÃO

11h
Santos x Coritiba
16h
Botafogo x Corinthians
Bahia x Grêmio
18h30
Bragantino x Vitória
Chapecoense x Remo
19h30
Athletico-PR x Flamengo

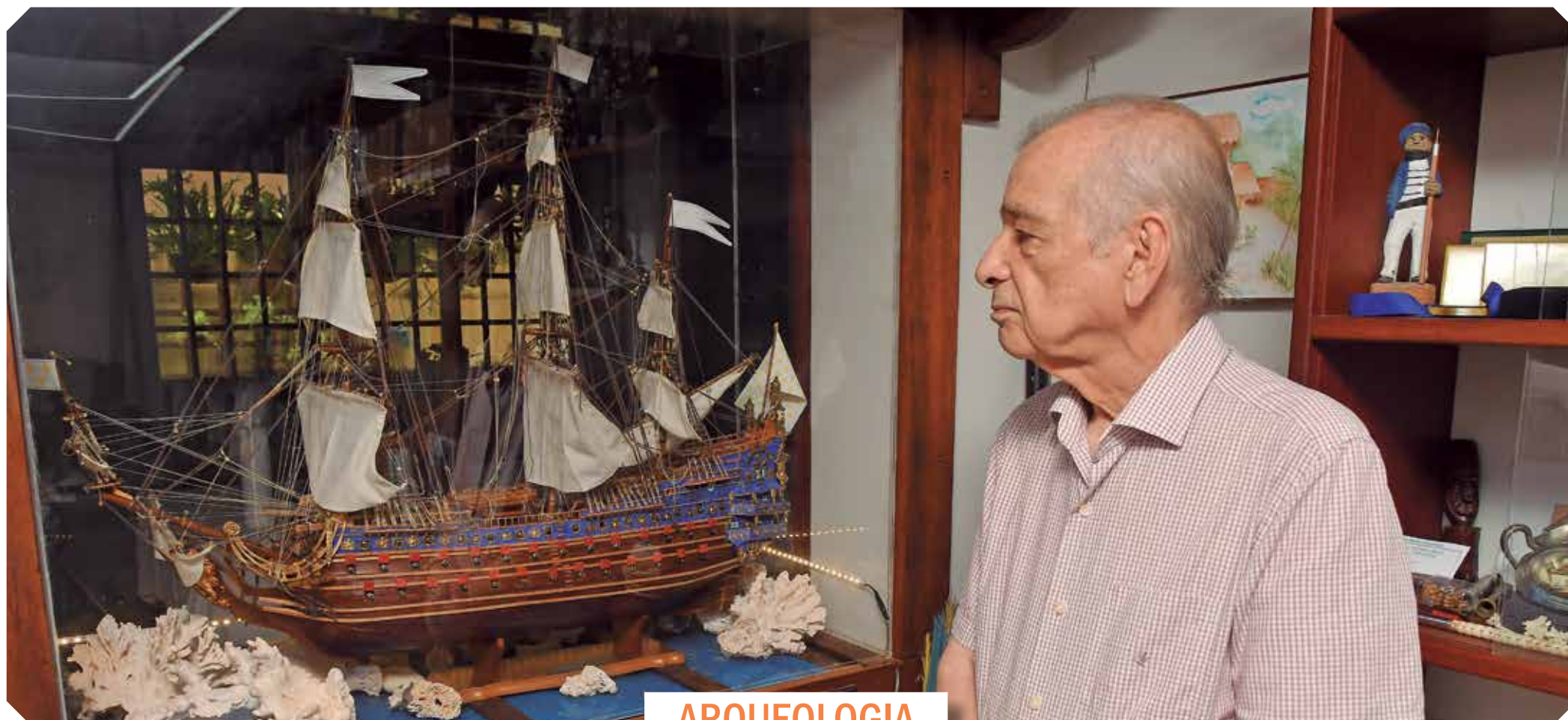
SÉRIE B

16h
Athletic Club x Juventude
18h
Vila Nova x Avaí
18h30
Ceará x Fortaleza
Criciúma x Atlético-GO
20h30
Sport x CRB

SÉRIE C

16h
Ferroviária x Brusque
Caxias x Paysandu
18h30
Guarani x Ituano
20h
Anápolis x Barra-SC

Fotos: Leonardo Ariel



ARQUEOLOGIA

Um mergulho na história

Veterano da caça submarina relata suas experiências ao visitar naufrágios na Paraíba

Marcos Carvalho
 marcoscarvalhojr@gmail.com

Do primeiro mergulho, quando tinha apenas 14 anos de idade, até hoje, aos 80, o engenheiro George Cunha tem acumulado histórias, descobertas, algumas relíquias e uma paixão: o mar. Uma relação que começou na infância, quando veraneava na praia de Cabo Branco, na capital paraibana, e foi aprofundando-se com alguns amigos que já mergulhavam. A partir daí começaram a arquitetar aventuras para conhecer melhor as embarcações naufragadas no fundo do mar.

“Mergulhar é uma aventura e eu tive a oportunidade de praticar a caça submarina numa época em que tinha pouquíssima gente. O primeiro naufrágio que eu mergulhei foi do Navio Queimado, uma embarcação americana que vinha carregada de café e afundou em frente à praia de Tambaú, no ano de 1873, a cerca de 12 km da costa. Esse é um dos naufrágios mais bonitos que se pode ver no Brasil, especialmente pela vida aquática que existe ao redor dele”, conta o engenheiro, que se revela encantado com o mundo marinho.

O elegante vapor norte-americano de formas finas e proa reforçada, que, na verdade, tinha o nome de Erie J. N. Y., encontra-se a 18 m de profundidade. À época do afundamento, o navio pertencia a uma empresa criada após o fim da Guerra Secession (EUA), e estava incumbido do comércio e serviço postal entre os Estados Unidos e o Brasil. Dos mergulhos que já realizou na embarcação, George recolheu duas peças de bronze. De outros, como o Alfa de Lisboa, naufragado na costa pernambucana, em 1809, ele guarda mais relíquias: duas garrafas de vinhos com as marcas da cruz, símbolo do Império Português, um garfo de prata, um prato de louça e um penico.

George Cunha elenca, ainda, dois outros grandes naufrágios no Litoral paraibano, situados mais precisamente na praia do Bessa, e que apresentam condições favoráveis para mergulho: o vapor espanhol Alice, que afundou em agosto de 1889 e está localizada a 8 km da costa e 13 m de

profundidade; e uma alvarenga — tipo de embarcação sem propulsão e de menor porte — que transportava cargas até os navios que não podiam atracar nos cais dos portos, localizada, segundo o mergulhador, a cerca de 18 km da praia e 20 m de profundidade.

Cada aventura representa também um mergulho na história do naufrágio e do contexto de navegação da época, que exige qualidades de pesquisador. “Quando eu comecei a mergulhar, o objetivo principal era a caça submarina, para pegar peixe, mas à medida que vai chegando a idade, a gente vai vendo as coisas e passa a se interessar por arqueologia, pela história de cada naufrágio, dos equipamentos náuticos, daquele navio e das pessoas que estavam ali e perderam a vida naquele naufrágio”, relata.

O engenheiro mostra a coleção de livros sobre o mar e os relatórios de pesquisa de órgãos oficiais sobre cada uma das 67 embarcações afundadas na costa paraibana, a maioria delas sem condições de mergulho, pois as condições aquáticas não permitem muita visibilidade. De todos os naufrágios, o mais emblemático e almejado por mergulhadores é do Galeão Santa Rosa, uma fragata portuguesa que afundou em 1726, na costa nordestina, quando ia em direção a Lisboa carregando consigo 13 arcas com 26 toneladas

em moedas de ouro, além de diamantes e pedras preciosas.

“É um naufrágio que se avalia em cerca de 2 bilhões de dólares. Já vieram grupos estrangeiros para fazer pesquisas, mas o grande problema é que não foi encontrado o local. Existem controvérsias. Uns dizem que ele afundou perto do Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco, e outros que foi em frente à praia de Cabo Branco, em João Pessoa. Pelas minhas pesquisas, eu tenho quase certeza que esse naufrágio foi aqui, na Paraíba”, defende.

O mergulhador encontrou uma comunicação do provedor-mor da Fazenda Real do Estado do Brasil à Coroa portuguesa, datada de um ano após o naufrágio informando que havia chegado uma carta da Paraíba informando que haviam sido encontrados, entre as praias de Miriri e Baía da Traição, um embrulho com artefatos maranhenses quebrados e outro com uma garrafa de óleo, tudo da marca Zagal, assim assinadas pelo emissor e entregues ao primeiro carpinteiro do nau. Apesar do relato afirmar que foram solicitadas averiguações para garimpar a costa em busca da embarcação, o mistério permanece até hoje.

“Ele ainda é mítico e desejado de ser encontrado por muita gente. Essa carta é fundamental e mostra uma evidência de que um artefato do Santa Rosa foi achado aqui.

Esse tipo de artesanato leve boiou e deve ter sido levado pelas correntes de vento. Como o naufrágio ocorreu no mês de setembro, o vento nessa época é predominante sul-leste. Então, você traça uma faixa na costa a partir do achado e, possivelmente, o naufrágio está nessa faixa, a um ângulo de aproximadamente 45 graus da praia”, calcula o engenheiro.

Turismo de risco

As práticas de caça ou pesca submarina modificaram-se desde os primeiros mergulhos de George Cunha, visando garantir tanto a preservação da vida subaquática quanto a segurança dos que se aventuram nessa atividade, que é regulamentada pelo Ministério do Esporte e Turismo, por meio da Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur), e pelo Ministério do Meio Ambiente, junto ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). O turismo de mergulho ou mergulho recreativo tem crescido entre viajantes interessados em explorar ecossistemas marinhos, mas é importante realizar cursos para iniciar a prática.

“Os naufrágios aqui de João Pessoa são interessantíssimos e eu diria que hoje tem um potencial muito grande de exploração turística. Muitas pessoas têm conhecimento desses naufrágios e vêm aqui co-

nhecer. Eu conheço praticamente todos os pontos de mergulho aqui no Nordeste, de Alagoas até o Ceará, e, para mim, os dois mais bonitos são o Queimado e o Vapor Bahia, que está na divisa de Paraíba com Pernambuco”, destaca.

Apesar das belezas marinhas, o mergulhador octogenário conta que o momento mais emocionante aconteceu com um amigo, quando faziam caça submarina em Fernando de Noronha (PE), e ao sofrer um apagamento, enquanto subia de cerca de 30 m de profundidade, foi resgatado pelo companheiro. Por isso, a recomendação de que a prática seja realizada em duplas, para que o parceiro dê suporte, caso necessário.

“Ao notar o desmaio, o amigo mergulhou imediatamente para tentar alcançá-lo, mas o cinto de chumbo que se utiliza, fazia o mergulhador afundar. Depois de uma primeira tentativa sem sucesso, ele respirou profundamente várias vezes para ganhar fôlego e desceu novamente, mas ainda assim, não conseguia alcançá-lo. Numa atitude extrema e corajosa, atirou o arpão no pé de pato do companheiro e conseguiu puxá-lo até a superfície. Esse foi um momento difícil e que mostra como a amizade e a coragem é fundamental nessa atividade”, ressalta o mergulhador.



Com uma miniatura de um galeão (foto acima) e ao lado dos registros fotográficos de suas aventuras marinhas (E), o octogenário George Cunha acumulou algumas relíquias (D), como um penico (1), garrafas de vinhos com o símbolo do Império Português (2) e um prato de louça (3); ex-mergulhador mostra um mapa dos principais naufrágios na orla paraibana (4)

Robério Maracajá

Jornalista e escritor paraibano era um intelectual completo

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Passados mais de um quarto de século da partida do jornalista Robério Maracajá, Eneida Agra Maracajá, com quem compartilhou sonhos e 30 anos de união conjugal, mantém as memórias de momentos vividos e alguns materiais, como itens da coleção pessoal e recortes de jornais, de sua trajetória profissional. Ela descreve o companheiro com um brilho nos olhos, uma paixão que se mantém desde o primeiro encontro, na redação do *Jornal da Paraíba*, quando ele tinha 42 anos.

“Conheci Robério porque sou professora, e naquela época tinha criado, com minha irmã, uma escola infantil. Fui ao jornal falar com o editor, que era Josusná Viana, para pedir apoio na divulgação de um festival de teatro que estávamos fazendo. Ele disse que, quando estivesse perto do evento, eu telefonasse e ele mandaria fazer uma reportagem. Antes de sair, perguntei quem era Roberto Maracajá e disse que queria falar com ele, porque eu lia muito as suas crônicas. A partir daquele dia, a gente se telefonava e se telefonava... Ele finalmente fez a matéria, depois tomou coragem e se declarou”, relata Eneida.

O encontro foi descrito por Robério na crônica, *Eneida, minha doideira*: “Ninguém me impede de me confessar. Quem diria, que uma vez, no batente do *Jornal da Paraíba*, fosse eu escalado para entrevistá-la? Foi amor à primeira vista. Quer dizer, foi vida no primeiro instante”. Apesar de divorciado e já ter um filho, situação que não era bem vista para os padrões da época de uma família tradicional, nada impediu a união dos dois, da qual nasceu a filha, Myrna.

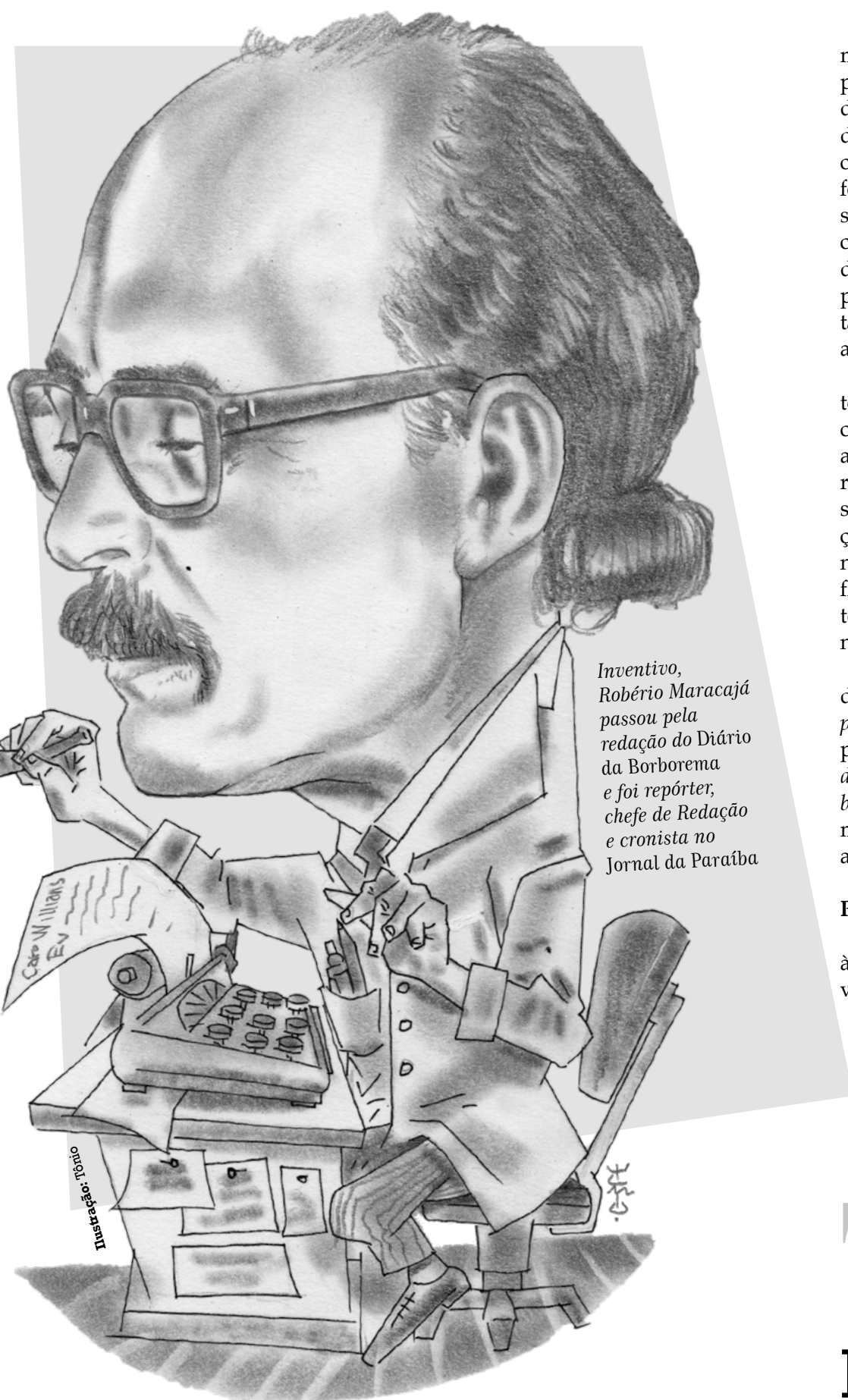
Robério Maracajá Henriques nasceu na Fazenda Pendência, em Soledade, no Cari-

ri paraibano, em 17 de setembro de 1929. O filho do engenheiro agrônomo João Henriques e Nícia Maracajá, morou na capital da Paraíba, onde realizou os estudos ginasiais. Chegou a iniciar três cursos universitários em diferentes épocas, em Recife (PB), Maceió (AL) e Campina Grande, mas não concluiu nenhum deles. “Ele se aborrecia. Lá em Pernambuco, ele discorreu do poder político. Ele gostava da política como arte política, como arte da cidadania”, ressalta Eneida Agra.

Desde cedo, Robério Maracajá demonstrava vocação para as letras. Com apenas 19 anos, venceu o concurso nacional promovido pela revista mineira *Alteirosa*, com o conto “A volta do desespero”. Com o prêmio, comprou um carro usado e para a sua inseparável companheira de trabalho durante toda a vida, uma máquina de escrever da marca Olympia. Eneida Agra conta que ele nunca conseguiu adaptar-se ao computador. Até chegou a contratar um professor para instruí-lo no uso do equipamento, mas as aulas não duraram mais que um mês, deixando de lado os “monstros de olhos acesos, silenciosos, mudos, hipnotizantes”.

Entrou para “o batente”, como se diz no jornalismo, em 1957, após a aprovação numa seleção para o recém-fundado *Diário da Borborema*. Disseram-lhe, à época, que não devia sair por aí dizendo que era jornalista. Entendeu bem a lição de não se valer da profissão para qualquer benefício próprio, mantendo-se sempre discreto quanto à sua atuação profissional.

Depois de uma temporada na capital alagoana, retornou à Rainha da Borbore-



Inventivo, Robério Maracajá passou pela redação do *Diário da Borborema* e foi repórter, chefe de Redação e cronista no *Jornal da Paraíba*

angelicalucio@gmail.com

ma no início da década de 1970, quando passou a integrar o quadro do novo periódico campinense, o *Jornal da Paraíba*, atuando primeiro como repórter e depois como chefe de Redação e cronista. “Ele sempre foi muito apaixonado pelo jornalismo e sempre falava do compromisso que tinha com ter uma pena independente. A pena dele nunca esteve a serviço de poderes, principalmente do poder político. Ele gostava da política como arte política, como arte da cidadania”, ressalta Eneida Agra.

Costumava dizer que, depois do batente de jornal, sua alma nunca mais ficou pobre. Inventivo, propôs, certa vez, ao editor, porque tinha produzido uma reportagem sobre flores, que se borriasse com perfume os exemplares da edição daquele dia, fazendo com que o jornal chegasse às bancas com o cheiro das flores. Uma das muitas histórias que o tornaram conhecido como um apaixonado doente pelo jornalismo.

Foi com esse intuito que chegou a fundar, com Josusná Viana, o *Jornal de Campina*, periódico que não durou muito tempo. Atuou ainda por dois anos no *Correio da Paraíba*, mas retornou ao *Jornal da Paraíba*, afastando-se do batente para contribuir mais com críticas literárias e crônicas, com as quais se destacou como escritor.

Profissão de fé

“Ele gostava de escrever mais cedo e à noite. Não tinha hora para dormir. Às vezes, ele escrevia um ensaio, uma crô-

nica e eu já estava deitada. Ele acendia a luz e dizia: ‘Olha o que eu acabei de escrever agora’. Ele deixava tudo que estava fazendo na hora que vinha a inspiração e clamava a Nossa Senhora do Bom Parto quando a crônica estava difícil de sair, dizendo que era como uma criança que nascia”, relembra Eneida.

No livro póstumo *Cerca de varas*, coletânea de algumas das suas milhares de crônicas, Maria Goretti Ribeiro, professora de Literatura da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), destaca a forma como Robério olhava para o mundo, questionando o sentido da vida nas ruas, nas casas e na natureza, como uma verdadeira profissão de fé, sem se furtar às lembranças íntimas de um sujeito lírico que se volta para as dores do mundo: “O olhar deste cronista é a janela do mundo; as palavras, o espelho de sua alma. Atilado, ele brinca com motivos, temas e assuntos para falar do Outro, de Si, dos fatos, dos episódios, do sonho e de tudo o que suas matutinas e reverberantes crônicas historicizam”.

Eneida Agra recorda que o Natal era o tempo mais sofrido para Robério. Muitas crônicas desse período revelam a sensibilidade de um homem profundamente revoltado com a pobreza, a fome, a política e a corrupção, que colocava seu talento a serviço de uma imprensa comprometida com os despossuídos da vida. Em seus textos, o Natal não era somente símbolo de celebração. Era expressão da dor de crianças que observam vitrines e da

fome de tantas famílias que suportavam silenciosamente essa realidade. Em certa ocasião, escreveu: “A nossa crença não se esconde atrás de uma árvore de Natal, pois somos uma multidão de reis magos indo em direção contrária”.

A sensibilidade manifestava-se nas pautas e entrevistas com importantes artesãos, como Mestre Vitalino, e também no empenho e valorização da cultura nordestina, seja quando estava na direção de Turismo do Museu de Artes e na gestão administrativa do empresa de desenvolvimento cultural da Borborema, ambos da gestão do prefeito Evaldo Cruz, seja nas pesquisas sobre as manifestações populares, divulgadas nas palestras e conferências que ministrava na Paraíba e em outros estados nordestinos. Com a esposa e idealizadora do evento, Eneida, trabalhou na organização de algumas edições do tradicional Festival de Inverno de Campina Grande.

Nas crônicas, essa vertente manifestava-se no ambiente sertanejo e em personagens como Pedro Braz, caririzeiro forte que estava também no romance inconcluso *Sol sobre as vendas*. “Para o cronista caririzeiro-campinense, a natureza é uma espécie de paraíso possível, éden paradisíaco, idade de ouro reconquistada, locus amoenus, espaço da beleza e território da plenitude. Por esse patamar, estrelas e luas, nuvens e sol, açúdes e mandacarus, aranhas e andorinhas, dentre outros protagonistas, compõem o imaginário do

poeta-cronista e configuram-se para ele numa verdadeira ‘promessa de felicidade’, escreveu José Mário da Silva na apresentação de *Cerca de varas*, destaca também o perfil lírico, reflexivo e social do cronista transfigurador do cotidiano.

Em casa, dividia o tempo entre o cuidado de suas orquídeas e as leituras. Cioso do uso da língua portuguesa — atuou como professor da disciplina também em alguns colégios campinenses — irritava-se quando via nos jornais algum erro de ortografia ou gramática. Quando tentava questionar Eneida sobre o uso da vírgula, ela se esquivava dizendo que ele era a regra; enquanto ela, a exceção. Por isso se rogava no direito de colocar a vírgula como e onde quisesse, recusando-se a deixar o esposo corrigir seus textos. “Eu posso dizer que ele foi a melhor parte de mim mesma. E que eu o amei com todo o meu amor, mas tínhamos uma relação muito dialética e mesmo sendo diferentes”, conclui Eneida Agra.

Em 1984, Robério Maracajá foi agraciado com a comenda do 7º Congresso de Teoria e Crítica Literária, realizado em Campina Grande, e, em 1990, ele tomou posse como membro da Academia Campinense de Letras (ACL), ocupando a cadeira cujo patrono é o historiador Cristiano Pimentel. O jornalista e cronista paraibano faleceu de enfarto fulminante em 8 de junho de 2000, mas como ele mesmo dizia: “Os redatores e os repórteres se vão, mas os jornalistas ficam”.

Angélica Lucio

Chove na horta: oportunidades de eventos sobre Comunicação

Para quem vive, estuda ou pesquisa Comunicação, há várias oportunidades de participação em eventos acadêmicos e profissionais neste ano. Confira o compilado abaixo com os principais encontros; inclusive, alguns ainda estão com inscrições abertas para envio de artigos ou resumos. Como bem diz o professor Cláudio Paiva, “Chove na Horta”!

Colóquio Internacional de Investigação Crítica em Comunicação — Promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a 10ª edição do evento ocorrerá de 26 a 28 de maio. O encontro será em formato híbrido, reunindo pesquisadores da América Latina e da Europa. As atividades presenciais acontecerão no auditório do Labcom, com transmissão ao vivo para os participantes remotos. As inscrições seguem abertas até o dia 18 de maio.

Congresso Brasileiro de Comunicação Pública — Com o tema “Uma agenda para a cidadania”, o evento é uma realização da Associação Brasileira de Comunicação Pública, em parceria com a Câmara dos Deputados. Em sua 4ª edição, o congresso ocorrerá em Brasília, dos dias 16 a 18 de setembro. O período para submissão de resumos expandidos inicia-se nesta semana, permanecendo aberto de 18 de maio a 15 de junho.



Cartaz do Congresso Brasileiro de Comunicação Pública, que será realizado na capital federal

Intercom 2026: 49º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação — Estão abertas as inscrições para o Intercom 2026, que terá como sede a Universidade Católica de Brasília (UCB). Sob o tema “Educação Midiática para uma Geopolítica em Transformação”, o maior evento acadêmico de Comunicação do país será realizado em formato híbrido: a etapa remota ocorrerá de 11 a 14 de agosto, seguida pela etapa presencial, de 1º a 5 de setembro. Paralelamente ao congresso nacional, será realizado o 2º Colóquio Brasil-China de Ciências da Comunicação. Os interessados podem inscrever-se até 7 de agosto.

Icomta 2026: Conferência Internacional em Comunicação e Tecnologias Aplicadas — A Paraíba será o palco da 6ª edição da Icomta, que ocorre dos dias 8 a 10 de setembro. Sediada na Universidade Federal da Paraíba (UFPA) e organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, o evento será realizado de forma híbrida, permitindo a participação presencial ou remota. Essa é a primeira vez que o

Brasil recebe a conferência. As inscrições seguem abertas até 31 de agosto.

Congresso Brasileiro dos Assessores de Comunicação do Sistema de Justiça (Conbrascom) — A 20ª edição de 2026 será realizada em João Pessoa, de 29 a 31 de julho, com o tema “O Poder da Comunicação na Reputação da Justiça”. O evento é voltado a jornalistas e assessores de comunicação do Judiciário, do Ministério Público, da Defensoria Pública, da OAB, dos Tribunais de Contas e de instituições afins. Para participar da edição do Conbrascom, os interessados devem se cadastrar no site do Fórum Nacional de Comunicação e Justiça e preencher a ficha de inscrição. O prazo termina dia 27 de julho.

Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo da Ábraji — A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Ábraji) realizará, de 30 de julho a 1º de agosto, em São Paulo, a 21ª edição de seu congresso internacional. Em 2025, o evento bateu recordes com 168 atividades, 2.140 participantes e a concessão de 141 bolsas. Nesta edição, as jornalistas Fatima Souza (SBT-SP) e Vera Araújo (O Globo-RJ), que se destacam na cobertura sobre segurança pública, serão homenageadas. Informações sobre as inscrições serão divulgadas em breve e os interessados devem acompanhar as atualizações pelo site oficial da Ábraji (abraji.org.br).

Tocando em Frente

Das divas do rádio às estrelas do pop, rock, iê-iê-iê e da Jovem Guarda — II

Quando se fala de Jovem Guarda, um dos mais férteis e criativos momentos musicais da MPB, nos passados anos da década de 1950, a primeira imagem que se nos apresenta é, obviamente, de um trio composto pela dupla Roberto e Erasmo ao qual se juntou Wanderléa, sem esquecer a figura ímpar de Carlos Imperial.

O fato é que, antes mesmo daqueles anos dourados e dos saudosos dias televisivos do trio que embalou as *Jovens Tardes de Domingo* (1977), este deixou de ser um simples programa televisivo para se transformar em quase um movimento. Já se ensaiara, então, uma adesão nacional ao que ficou conhecido como época do pop, rock, iê-iê-iê.

Por aquela época, surgiram também vozes femininas destinadas a fazerem coro à música (ritmos) que vinha da América do Norte e do Reino Unido, via-se filmes que nos colocavam frente a frente com a “rebeldia” jovem de James Dean, Elvis Presley e outros mais.

Por aqui, o novo objeto de consumo, a TV, momento o Canal 2 — TV Record-SP arrematava os jovens para as tardes televisivas musicais que substituíam as tardes de futebol ao vivo, outro carro-chefe da época. As arquibancadas eram quase esquentadas, uma vez que era mais estimulante para os jovens que começavam a usar as calças-esporte, as tais “boca de sino”, de cores fortes e estampadas, irem em busca de novos prazeres. Já as meninas deixavam de lado as minissaias, trocando-as pelos *shorts*, ou coisa que o valha, para alegria dos frequentadores de auditórios, que sempre davam um jeito de se postarem em posições estratégicas que serviam de pontos de onde pudessem “flagrar” algum estimulante



Celly Campello ao lado do seu irmão, Tony, que a conduziu para a carreira artística

visual, se é que me entendem. Garupa de lambreta, antes proibida pelos pais, começava a se tornar uma atitude mais avançada, porém menos vigiada.

Deixamos de lado a Jovem Guarda, pontificada por nossos astros, para novamente trazermos à lembrança dos discófilos aficionados o perfil de algumas de nossas estrelas que contribuíram para o sucesso musical daqueles e dos anos posteriores.

Figura de proa dos fins desses anos 1950 foi Célia Gomes Chacon, cognominada de Celly Campello (Taubaté-SP, 1942-Campinas-SP, 2003). Foi o irmão dela, Sérgio Beneli Campello, dito “Tony Campello” (Taubaté-SP, 1936) quem, praticamente, a conduziu e a levou à carreira artística, fazendo-lhe ganhar destaque no mercado musical brasileiro, tornando-se uma das mais populares estrelas da MPB, nos fins dos anos 1950 para o começo dos anos 1960. A

primeira aparição pública dela aconteceu ainda no interior, quando, aos seis anos, já chamava a atenção, o que levou a Rádio Cacique, mais adiante, dedicou-lhe, aos 12 anos, por volta de 1954, um programa próprio. Dois anos depois, com apenas 15 anos, teve o seu primeiro disco lançado (um *compact-disc*, 45 rpm), trabalho em parceria com o irmão e agora produtor Tony Campello, com uma versão do *hit* italiano da época: “Perdoa” (“Perdono”, de Soffici e Mogol) e “Belo rapaz” (“Handsome boy”, de Mário Gennari Filho e Celeste Novaes). Em São Paulo, aconteceu a estreia dela na TV Tupi, de onde foi para o programa do irmão, na Record, o *Tony em hi-fi*, e consagrando-se como a “nova sensação dos brotos” e uma das maiores vendedoras de disco do país, com enfoque na chamada “música jovem”. Dessa época, é a aluna que lhe foi atribuída pelo maestro Tom Jobim: “A namoradinha do Brasil”. Daí em diante, ganhou

vários troféus, como “Rainha do rock” (da *Revista do Rock*), Troféu Chico Viola (por duas vezes), Troféu Roquette-Pinto e Disco de Ouro. Todos esses prêmios foram conquistados no exíguo período de 1959 a 1962. Foi quando, alimentando o desejo de constituir família, renunciou às honras e glórias conquistadas, retornando às origens interioranas e, levada pelo romantismo adolescente que vivia em si, casou-se com um antigo namorado de infância.

Dez anos depois, por insistência comum do seu meio, voltou a apresentar-se ao seu público, no Festival de Música Popular de Juiz de Fora (MG). Consta de uma sua biografia (Thiago Menezes) haver ela recusado, em 1965, proposta de dois milhões de cruzeiros (moeda da época) para estreitar o programa *Jovem Guarda*. Assim, o sucesso a perseguia e, em 1976, retornou às paradas de sucesso em função da exibição da telenovela *Estúpido Cupido* (TV Globo). O estrondoso sucesso a fez voltar, por pouco tempo, à carreira artística, tendo gravado mais um álbum (LP) e participado de vários shows, na versão do *hit* italiano da época: “Perdoa” (“Perdono”, de Soffici e Mogol) e “Belo rapaz” (“Handsome boy”, de Mário Gennari Filho e Celeste Novaes). Em São Paulo, aconteceu a estreia dela na TV Tupi, de onde foi para o programa do irmão, na Record, o *Tony em hi-fi*, e consagrando-se como a “nova sensação dos brotos” e uma das maiores vendedoras de disco do país, com enfoque na chamada “música jovem”. Dessa época, é a aluna que lhe foi atribuída pelo maestro Tom Jobim: “A namoradinha do Brasil”. Daí em diante, ganhou

Aos aficionados, listamos o que consideramos os seus 10 maiores sucessos: “Estúpido Cupido” (“*Stupid cupid*”), “Banho de lua” (“*Tintarella di luna*”), “Boto legal” (“*I’m in love*”), “Lacinhos cor-de-rosa” (“*Pink shoe laces*”), “Túnel do amor” (“*Have lips, will kiss in the tunnel of love*”), “Trem do amor” (“*Train of love*”), “Só para Elisa” (“*Pour Elise*”), “Boto já sabe esquecer” (“*Rapsódia húngara nº 2*”), “*Jingle-bell rock*” e “*Unchained melody*”.

Professor Francelino Soares

francelino-soares@bol.com.br



Foto: José Patrício/Estação Conteúdo

Eita!!!!

IDENTIFICAÇÃO

IA explora fragilidades em uma grande escala

Google detecta a primeira vulnerabilidade de dia zero desenvolvida com a ajuda dessa tecnologia para impulsionar os ataques cibernéticos

Europa Press/Agência Estado

O Google Threat Intelligence Group (GTIG) alertou sobre o que considera ser o primeiro uso da inteligência artificial (IA) para desenvolver uma vulnerabilidade de dia zero, além de destacar o emprego dessa tecnologia para explorar vulnerabilidades em grande escala, melhorar as capacidades de ofuscação e contornar as salvaguardas dos modelos de linguagem de grande escala (LLM).

A inteligência artificial é uma tecnologia que permite aos cibercriminosos personalizar e ajustar melhor as campanhas maliciosas, tornando-as mais eficazes, mas também promove a identificação de vulnerabilidades e desenvolver exploits com maior rapidez, além de criar malware e ferramentas que ajudam a ofuscar suas atividades.

Nesse sentido, o relatório *AI threat tracker* compila o uso que está sendo feito da IA para impulsionar ataques cibernéticos, que atualmente caminha para a maturidade, com a aplicação em escala industrial de modelos generativos.

Um exemplo disso é a identificação do primeiro caso de uma vulnerabilidade de dia zero desenvolvida com a ajuda de uma IA. O GTIG destacou que se trata da "primeira evidência" do uso "bem-sucedido" da IA em um caso como esse, embora não descartar a existência de outras operações ainda não identificadas.

Especificamente, eles identificaram "uma vulnerabilidade de dia zero implementada em um *script Python* que permite ao usuário contornar a autenticação de dois fatores (2FA) em uma popular ferramenta de gerenciamento de sistemas baseada na *web* e de código aberto".

Embora essa vulnerabilidade apresente "muitos indícios de uso de IA", os pesquisadores do GTIG descartam o uso do Gemini e do Mythos em seu desenvolvimento. Eles informam, além disso, que compartilharam suas descobertas com a empresa responsável pelo serviço afetado, que conseguiu distribuir um *patch* e corrigi-la.

Aperfeiçoar capacidades

Por outro lado, o relatório destaca o uso da IA para impulsionar ataques e explorar vulnerabilidades em grande escala, como identificado no caso do grupo de cibercriminosos norte-coreano APT45.

A inteligência artificial de agentes também se tornou uma ferramenta para os cibercriminosos. O relatório do GTIG menciona a experimentação com agentes como o OpenClaw e o OneClaw em ambientes de teste, com o objetivo de aperfeiçoar suas capacidades por meio da orquestração de ataques.

Especificamente, cita-se seu uso para refinar as cargas úteis geradas com IA em configurações controladas, a fim de aumentar a confiabilidade do *exploit* antes da

implementação.

Para mitigar esse uso em questão, o responsável pelo OpenClaw fez uma parceria com a espanhola Virus Total para detectar programas maliciosos em seu *marketplace*, por meio do escâner das *skills* publicadas nele.

Da mesma forma, os cibercriminosos usam a IA para criar infraestruturas e *malware* mais avançados, com melhores capacidades de ofuscação e evasão. Nesse caso, destaca-se o grupo de ameaças cibernéticas APT27 — ligado à China — que recorreu ao Gemini para acelerar o desenvolvimento de um aplicativo de gerenciamento de frotas para apoiar a gestão de uma rede de caixas de retransmissão operacionais (ORB) utilizando configurações de múltiplos saltos.

Por sua vez, os grupos de ameaças UNC6201 e UNC5673 direcionaram suas atividades para a viola-

ção de LLMs com o objetivo de contornar as salvaguardas que impedem seu uso malicioso e os métodos de pagamento para acessar as capacidades mais avançadas e aproveitá-las em suas campanhas.

O relatório aponta outros usos da IA, por exemplo, para criar *deepfakes* e empregá-los em campanhas de desinformação, para aperfeiçoar o *software* malicioso e para sondar, de forma persistente e autônoma, as vulnerabilidades das empresas.

"Os cibercriminosos estão utilizando a inteligência artificial para aumentar a velocidade, a escala e a sofisticação de seus ataques", já que essa tecnologia "lhes permite testar suas operações, manter a persistência contra seus alvos, criar malware mais eficaz e alcançar muitas outras melhorias", como explicou o analista-chefe da GTIG, John Hultquist.

Charada

Francelino Soares:
 francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Destrua (2) = mate + solta latidos (3) = matuca. **Solução:** matéria que envolve algarismos (5) = Matemática.

Charada de hoje: Na linha horizontal (2), soletrei (1) o procedimento (2) de uma pena aplicada (5).



Ilustração: Bruno Chiossi

Principais mudanças do Oscar em 2027

A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas promoverá mudanças significativas que serão válidas a partir da próxima edição, em 2027. Há diretrizes específicas para o uso de inteligência artificial (AI) em filmes e também uma alteração importante nas regras da categoria de Melhor Filme Internacional, disputada pelo Brasil nos dois últimos anos. A seguir, veja as mudanças mais importantes e as novas regras para o Oscar. A próxima cerimônia está prevista para o dia 14 de março de 2027, nos EUA.

Melhor Filme Internacional

Na categoria concorrida pelo Brasil recentemente, com *Ainda estou aqui* e *O agente secreto*, as mudanças anunciadas pela academia vão impactar tanto a disputa quanto o resultado da premiação. Agora, os longas-metragens elegíveis para disputar a categoria não precisam, necessariamente, terem sido escolhidos como representantes de seus respectivos países para o Oscar. Os filmes vencedores de um prêmio qualificável em um festival de cinema internacional específico também podem concorrer. Os prêmios qualificáveis são: Berlim (Urso de Ouro), Busan (Prêmio Busan), Cannes (Palma de Ouro), Sundance (Grande Prêmio do Júri — Cinema Mundial), Toronto (Prêmio Platform) e Veneza (Leão de Ouro). Além disso, o prêmio será dedicado ao filme em si, não ao país ou região original. Por esse motivo, o nome do diretor do filme constará na estatueta.

Disputa de atuação mais acirrada

A partir do próximo ano, o mesmo ator e a mesma atriz podem disputar as respectivas categorias de atuação mais de uma vez. Para isso, as *performances* do artista precisam ficar entre as cinco mais votadas pelos membros da academia.

Alteração na nova categoria

Melhor Produção de Elenco, a categoria que estreou neste ano — e teve a indicação de *O agente secreto* — também teve uma pequena mudança: o número de estatuetas concedidas será três, e não duas, como foi nessa edição, para a equipe do filme premiado.

Regras para IA

A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas também firmou regras específicas para o uso de inteligência artificial nos filmes. Em Melhor Roteiro, todos os textos indicados devem ter autoria humana para concorrer. Além disso, apenas atuações feitas por seres humanos são consideradas elegíveis.

Datas de lançamento

Os filmes elegíveis para concorrer à edição do Oscar 2027 do Oscar devem ser lançados do dia 1º de janeiro de 2026 até 31 de dezembro de 2026.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Tiras

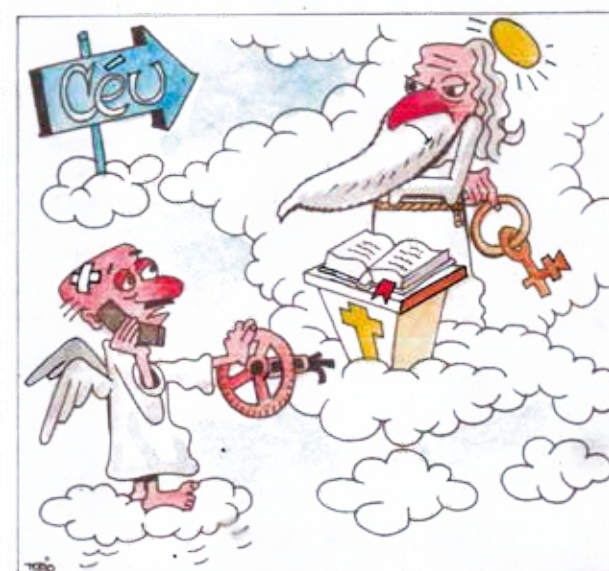
O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Solução

1 - palavra "cê" na placa; 2 - chave; 3 - boca; 4 - asa; 5 - direção; 6 - livro; 7 - curativo; 8 - ponta da placa; 9 - autêntica.